Linguagens, Códigos

e suas Tecnologias

Livro do Estudante

Ensino Médio

Linguagens, Códigos

e suas Tecnologias

Livro do Estudante

Ensino Médio

Brasília

MEC/INEP

2006

Sumário

Introdução 8

Capítulo I
Publicidade, entretenimento e outros sistemas 11
Débora de Angelo

Capítulo II
As línguas estrangeiras modernas em nossa sociedade 29
Gláucia d'Olim Marote Ferro e Lívia de Araújo Donnini Rodrigues

Capítulo III
Quero o meu corpo de volta! 51
Mauro Gomes de Mattos e Marcos Garcia Neira

Capítulo IV
A arte no cotidiano do homem 65
Beatriz Dutra de Medeiros e Lídia Mesquita

Capítulo V
Quando as palavras resolvem fazer arte... 83
José Luis M. L. Landeira

Capítulo VI
A vida em uma sociedade letrada 103
Maria Luiza Marques Abaurre

Capítulo VII
Defendendo idéias e pontos de vista 123
Maria Sílvia Olivi Louzada

Capítulo VIII
Das palavras ao contexto 139
Eliane Aparecida de Aguiar

Capítulo IX
Tecnologias de comunicação e informação: presença constante em nossas vidas 155
Paulo Marcelo Vieira Pais

Introdução

Este material foi desenvolvido pelo Ministério da Educação com a finalidade de ajudá-lo a preparar-se para a avaliação necessária à obtenção do certificado de conclusão do **Ensino Médio** denominada ENCCEJA – Exame Nacional de Certificação de Competências de Jovens e Adultos.

A avaliação proposta pelo Ministério da Educação para certificação do **Ensino Médio** é composta de 4 provas:

1. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias
2. Matemática e suas Tecnologias
3. Ciências Humanas e suas Tecnologias
4. Ciências da Natureza e suas Tecnologias

Este exemplar contém as orientações necessárias para apoiar sua preparação para a prova de **Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**.

A prova é composta de 45 questões objetivas de múltipla escolha (valendo 45 pontos) e de uma redação (valendo 55 pontos).

Este exame é diferente dos exames tradicionais, pois buscará verificar se você é capaz de usar os conhecimentos em situações reais da sua vida em sociedade.

As competências e habilidades fundamentais desta área de conhecimento estão contidas em:

I. Aplicar as tecnologias da comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para sua vida.

II. Conhecer e usar língua(s) estrangeira(s) moderna(s) como instrumento de acesso a informações e a outras culturas e grupos sociais.

III. Compreender e usar a linguagem corporal como relevante para a própria vida, integradora social e formadora da identidade.

IV. Compreender a Arte como saber cultural e estético gerador de significação e integrador da organização do mundo e da própria identidade.

V. Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

VI. Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

VII. Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.

VIII. Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

IX. Entender os princípios/ a natureza/ a função/e o impacto das tecnologias da comunicação e da informação, na sua vida pessoal e social, no desenvolvimento do conhecimento, associando-os aos conhecimentos científicos, às linguagens que lhes dão suporte, às demais tecnologias, aos processos de produção e aos problemas que se propõem solucionar.

Os textos que se seguem pretendem ajudá-lo a compreender melhor cada uma dessas nove competências. Cada capítulo é composto por um texto básico que discute os conhecimentos referentes à competência tema do capítulo. Esse texto básico está organizado em duas colunas. Durante a leitura do texto básico, você encontrará dois tipos de boxes: um boxe denominado de ***desenvolvendo competências*** e outro, de ***texto explicativo***.

O boxe ***desenvolvendo competências*** apresenta atividades para que você possa ampliar seu conhecimento. As respostas podem ser encontradas no fim do capítulo. O boxe de ***texto explicativo*** indica possibilidades de leitura e reflexão sobre o tema do capítulo.

O texto básico está construído de forma que você possa refletir sobre várias situações-problema de seu cotidiano, aplicando o conhecimento técnico-científico construído historicamente, organizado e transmitido pelos livros e pela escola.

Você poderá, ainda, complementar seus estudos com outros materiais didáticos, freqüentando cursos ou estudando sozinho. Para obter êxito na prova de **Linguagens, Códigos e suas Tecnologias** do ENCCEJA, esse material será fundamental em seus estudos.

Capítulo I

PUBLICIDADE, ENTRETENIMENTO
E OUTROS SISTEMAS

APLICAR AS TECNOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO E DA INFORMAÇÃO NA ESCOLA, NO TRABALHO E EM OUTROS CONTEXTOS RELEVANTES PARA SUA VIDA.

Débora de Angelo

Capítulo I

Publicidade, entretenimento e outros sistemas

Olhando para este anúncio, talvez sintamos vontade de comer maçã ou um doce feito da fruta. Mas é curioso: não estamos vendo uma maçã na nossa frente. Chegamos a sentir vontade de comer, uma vez que a maçã desenhada parece apetitosa e o nome da empresa é “Docemel”. Porém, a fruta que está aí é apenas um pedaço de papel desenhado.

É possível, então, afirmarmos que o desenho representou a fruta “real”. Aliás, nesse mesmo anúncio, há uma outra forma de representar a maçã: a palavra. Na expressão “sobremesas de frutas”, sabemos que uma das referidas é a maçã, desenhada ao lado. Assim, temos uma imagem e uma palavra escrita representando a fruta.

E os sons? Se imaginarmos esse anúncio da *Docemel* no rádio ou na televisão, talvez possamos ouvir o barulho de uma dentada em uma maçã. Novamente, o que temos é uma representação.

Vamos dar um nome para todas essas possibilidades de representar a realidade, que podem ser compartilhadas pelas pessoas: linguagens. O desenho da fruta, a palavra “maçã” escrita, o som da “dentada” no anúncio são objetos que se caracterizam como possibilidades de alguma linguagem.

Desenvolvendo competências

1

Para verificarmos essa idéia de linguagem como forma de representação da realidade, vamos ler os dois trechos abaixo. Neles, dois jornais diferentes apresentam um mesmo assunto: a presença de comerciais inseridos em programas de televisão (o chamado merchandising*), de forma mais ou menos implícita.*

JORNAL A

MERCHANDISING

Quanto mais discreto melhor

Impulsionado pelos reality shows e novelas, o comercial subliminar ganha novo fôlego e se adapta ao temperamento de apresentadores e roteiristas.

O Estado de S. Paulo, São Paulo, 7 jul. 2002. Caderno Telejornal, p. 4.

JORNAL B

Quanto vale o show?

A publicidade invadiu programas e novelas, para alegria das emissoras e apreensão dos que acham que a prática extrapolou.

Folha de S. Paulo, São Paulo, 7 jul. 2002. Caderno TVFolha, p. 6-7.
Fornecido pela Agência Folha.

Tendo em vista que as duas reportagens tratam de um mesmo assunto e foram publicadas na mesma data, pode-se afirmar que:

a) Apenas o texto "A" levanta os aspectos negativos do merchandising*, a partir da opinião de roteiristas e apresentadores.*

b) Os dois textos transmitem diferentes visões sobre o assunto: em "A" foram levantados os aspectos positivos (marcados pelos termos "melhor", "ganha" e "se adapta"); em "B", os negativos (marcados pelos termos "invadiu", "apreensão" e "extrapolou").

c) Apenas o texto "B" levanta os aspectos positivos do merchandising*, a partir da opinião de jornalistas.*

d) Os dois textos transmitem a mesma visão sobre o assunto: em ambos, verifica-se 20% de aumento no merchandising *em programas de TV.*

TERRA DE SAMBA E PANDEIRO

As linguagens verbal, visual e sonora não interagem sempre da mesma maneira nos diferentes objetos que integram. Para perceber outra possibilidade de interação das linguagens, diferente do anúncio publicitário, analisemos algumas estrofes da canção *Aquarela do Brasil*, de Ary Barroso.

Brasil!
Meu Brasil brasileiro
Meu mulato inzoneiro
Vou cantar-te nos meus versos
(...)
ô , (oi) ouve essas fontes murmurantes
oi onde eu mato a minha sede
E onde a lua vem brincar
Oi esse Brasil lindo e trigueiro
É o meu Brasil brasileiro
Terra de samba e pandeiro
Brasil!
Brasil!
Pra mim...
Pra mim...

Nesses trechos, predominam as linguagens sonora e verbal. Provavelmente, se você conhece essa letra, deve se recordar também da melodia. Nas versões já gravadas dessa música, o ritmo parece ser sempre alegre, festivo. A mesma sensação pode ser encontrada nas palavras da canção. Nosso país aparece como uma "terra de samba e pandeiro", de satisfação ("onde eu mato a minha sede") e brincadeira ("onde a lua vem brincar").

Alguns aspectos visuais que existam nessa canção poderão ser visualizados pelas imagens que formamos. Outros aspectos visuais só serão relevantes na capa do CD ou no encarte (aquele "livrinho" anexo aos CDs, com as letras das músicas e demais informações técnicas).

UMA CIDADE IMAGINÁRIA

Se você mora em alguma cidade, visualize agora sua rua. Se você mora no campo, pense em alguma rua que tenha visto. Caminhando por esse ambiente, o que vê? Provavelmente casas, árvores, pessoas, portões... Até aqui, as coisas que vimos não são objetos representando outros objetos. Mas isso não significa que cada uma dessas coisas não seja uma forma de interação do homem com a realidade que o cerca.

Se destacarmos a casa – por que tem aquele tamanho, aquela quantidade de janelas e portas? Por que está naquele lugar específico do terreno, naquela rua e naquele bairro? Essa casa também representa valores humanos, sentimentos, atitudes, questões financeiras etc. Só que essa representação talvez pareça menos visível. Sintetizando: interagir com o mundo é uma condição humana. Essa interação sempre se dará em aspectos visuais, sonoros, pelo tato, pelo gosto e pelas palavras.

PODE HAVER ALGUMA COISA EM COMUM ENTRE ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS E LETRAS DE MÚSICA?

Vimos acima que o anúncio publicitário *Docemel* e a letra da canção *Aquarela do Brasil* combinam as linguagens de forma diferente. Isso acontece porque os dois objetos foram concebidos para diferentes finalidades. Enquanto o primeiro quer levar o consumidor à compra do produto, o segundo quer distrair o ouvinte ou despertar sua imaginação, combinando música de ritmo alegre com imagens festivas de nosso país.

Quer dizer, tudo depende de qual é a função do objeto na vida das pessoas. Quando olhamos para os objetos à nossa volta, começamos a perceber que vários deles podem ser agrupados em um só bloco, devido a uma função social semelhante. Se perguntarmos: o que há em comum, por exemplo, entre embalagens, rótulos e anúncios publicitários? Para que existem? Uma resposta possível é: para tornar um produto à venda atraente para o consumidor.

Ter a mesma função social traz ainda outra conseqüência: várias empresas e pessoas, com funções diferentes, estão unidas na realização de um certo objeto construído pela combinação das linguagens. É só pensarmos quantas empresas e pessoas estão envolvidas, direta ou indiretamente, na produção de um jornal, escrito ou falado. O que organizará a ação dessas empresas e pessoas é o objetivo comum: elaborar o produto final que é o jornal.

Denominamos sistemas de comunicação todas essas organizações sociais com um objetivo comum, que têm como princípio organizador a combinação das diferentes linguagens. Neste capítulo, trabalharemos apenas com quatro sistemas de comunicação: o publicitário, o informativo, o artístico e o de entretenimento.

2 Desenvolvendo competências

Mais do que um rótulo de garrafa

Analise o rótulo de garrafa acima, do ponto de vista das linguagens verbal e visual. Relacione o sentido do que está escrito (o que as palavras ou frases querem dizer) com aspectos visuais (o desenho abaixo da expressão "sem gás", os tipos de letras ou qualquer outro aspecto que você considerar relevante).

O CASO DO MAGRÃO

Magrão é o apelido de um rapaz que vive de consertar e vender máquinas de lavar roupa usadas. Pensando nisso, ele fica com dúvida: "O que devo fazer, como anuncio às pessoas que quero vender ?" Se estivesse no lugar dele, o que você faria?

O Magrão quer vender essas máquinas. O objeto que ele quer criar é justamente o meio que lhe permita estabelecer contato com seus possíveis compradores.

ANÚNCIO A

Vendem-se 4 máquinas de lavar roupa

Falar com o Magrão

ANÚNCIO B

Vendem-se 4 máquinas de lavar roupa

Tratar aqui

→

Qual das duas versões apresenta uma integração das linguagens verbal e visual? Você acha que essa integração facilita o entendimento de quem vê a placa?

Refletindo um pouco mais, podemos afirmar que uma empresa que venda um produto ou um serviço também passa por essa situação. Afinal, como uma empresa entra em contato com o público, se não for através de um anúncio ou propaganda?

E será que o anúncio de qualquer objeto desses, que sirva para a venda de um produto ou serviço, deve ter algumas características básicas, ou cada um pode anunciar o seu produto do jeito que quiser?

Liberdade existe, não há dúvida. Porém, mais do que liberdade, é necessária a criatividade. Observe o anúncio publicitário a seguir:

Nota-se que é um anúncio publicitário de uma companhia aérea chamada *Lane*. Há dois convites explícitos para que embarquemos no avião: na linguagem verbal ("Voe Lane") e na linguagem visual (o desenho do avião indica movimento, pois existem rastros saindo das 3 turbinas). O texto escrito associa esse embarque ao prazer por meio da expressão "E boa viagem". Percebe-se, portanto, um apelo emocional.

E o que tem a ver com tudo isso a criatividade pedida acima? Tudo a ver, justamente porque as pessoas ou empresas que produzem os anúncios publicitários sabem que o consumidor não tem um único critério para comprar um produto ou escolher um serviço. Pode-se comprar pelo preço, pela beleza da embalagem, pela lembrança de um anúncio na televisão, (pelo fato do anúncio ser engraçado, pela associação do objeto anunciado ao prazer etc.)

E essas pessoas que estão produzindo esses anúncios sabem disso?

Qualquer tentativa de venda de produto ou serviço está dentro desse sistema, de forma mais ou menos consciente por parte de seu produtor. Isso ocorre porque o objetivo essencial de qualquer pessoa envolvida nessa atividade (a venda) é o mesmo de todos os outros que também estão desenvolvendo uma atividade semelhante.

Desenvolvendo competências

3

Você cria seu anúncio

Imagine agora que você está querendo vender algum objeto que tem na sua casa. Crie um anúncio para o seu produto (pode ser uma placa ou um cartaz). Nesse anúncio, combine, necessariamente, as linguagens verbal e visual.

É claro que se pode perguntar: o papel de uma pessoa comum que quer vender um objeto é o mesmo de uma agência publicitária (de uma empresa especializada em estabelecer a relação entre o produto e o consumidor)?

Não, e por um motivo simples. No caso do Magrão, ele acumula funções: tem o produto (é o dono); está tentando criar um jeito de entrar em contato com o público (quer criar um anúncio); terá, provavelmente, um contato direto com todos os possíveis compradores que aparecerem e entregue, talvez, a máquina de lavar na casa do comprador.

Já a agência publicitária não acumula funções. Sua parte, em todo o processo da venda, é a criação: ela cria o meio (o anúncio ou propaganda) para atrair o consumidor para um certo produto. Mas não se responsabiliza pela entrega, não diz que cores o produto tem, não trava contato direto com as pessoas, nem é a dona dos objetos. Há outras empresas e, portanto, outras pessoas que realizam cada uma dessas etapas da compra.

SÓ QUERER VENDER NÃO BASTA

Vamos nos centrar novamente na criação do meio, para que uma venda possa se efetivar. Vimos lá atrás que esse meio deverá levar em conta critérios racionais (o preço do produto, por exemplo) e critérios ligados ao desejo, ou ao lado menos “prático” do consumidor (comprar um produto por ter gostado de um anúncio). O objetivo será observar como alguns recursos de linguagem verbal, visual, sonora e mesmo gustativa são mobilizados na construção desses anúncios.

Na construção dos anúncios publicitários, os recursos das linguagens são manipulados de maneira tal que, muitas vezes, ao entrar em contato com eles, não nos damos conta de que um mundo imaginário e sedutor se formou diante de nossos olhos.

Se voltarmos ao anúncio da empresa aérea *Lane*, notamos que a imagem do avião, a simulação de seu rastro no espaço, por meio de linhas que saem das turbinas (linguagem visual), associadas à expressão verbal “E boa viagem!” despertam no espectador a vontade de viajar, associando-a à satisfação de um desejo.

Quer dizer: o anúncio publicitário ligará o produto ao prazer, criando um mundo “perfeito” e “ideal”, dissociado de problemas de qualquer natureza. Ele nos afastará, de forma ainda mais brutal, de uma questão importante: até que ponto devemos gastar dinheiro adquirindo esse produto? Para a publicidade, não existe nada supérfluo. Só que boa parte dos produtos anunciados ou são realmente supérfluos na nossa vida, pois vivemos muito bem sem eles, ou são produtos realmente necessários, ainda que apresentados em seu aspecto mais irrelevante.

Por exemplo, arroz e feijão são produtos alimentícios consumidos por muitos brasileiros. Culturalmente, essa mistura é tida como típica do Brasil. Mas nenhum anúncio publicitário vai vender arroz e feijão dizendo que esses produtos nos alimentam e ponto final. Isso ocorre porque, como os produtos são comercializados por diferentes empresas, a distinção entre um produto e outro acabará se concentrando em algum aspecto supérfluo deles. Afinal, o essencial todos têm.

PERDIDO NO POSTO DE SAÚDE

Infelizmente, você certamente já ficou doente alguma vez e precisou ir a um hospital ou posto de saúde. Lá chegando, você precisou pedir atendimento. E o que fez? Conseguiu falar com alguém para solucionar suas dúvidas? Precisou ler alguma placa, preencher algum papel?

Talvez você tenha encontrado algo parecido com o aviso abaixo:

> HORÁRIO PARA MARCAR CONSULTAS:
>
> *De segunda a sexta, das 14h às 16h*
> *Nos guichês 4, 5 e 6 da recepção*
> *É necessária a apresentação do documento de identidade*

Alguém que vai a um hospital querendo saber os dias e horários para marcação de consultas encontrará nesse aviso as informações de que necessita. Pode-se afirmar, portanto, que a finalidade desse objeto é informar as pessoas.

Vamos agora analisá-lo sob o ponto de vista da organização das linguagens. Em geral, os objetos construídos com a finalidade de informar alguém sobre alguma coisa dão bastante destaque à linguagem verbal (aquela que tem como base as palavras).

O que temos no aviso acima são frases claras e objetivas, informando sobre uma questão específica: o que é necessário saber para se marcar uma consulta naquele posto de saúde. Aí temos duas características importantes das informações, construídas a partir de um tema único (no caso, a marcação de consultas). As informações dadas a partir do tema são essenciais e devem ser claras para a pessoa que veio buscá-las (no nosso exemplo, saber os dias, os horários, o local e os documentos necessários para marcar a consulta).

BUSCANDO INFORMAÇÕES: OLHANDO EM VOLTA

Outros objetos perto de nós também parecem ter como objetivo principal nos informar sobre alguma coisa. Pense. Se vê televisão ou ouve rádio, você consegue identificar objetos que foram construídos para nos informar?

Talvez você tenha pensado em telejornais ou em boletins de notícias. De fato, eles têm uma função básica: nos informar sobre o que está acontecendo na nossa região, no nosso país e no mundo. O que eles informam, de uma forma direta ou indireta, pode afetar algum aspecto de nossa vida.

Se há crise no Oriente Médio, podemos estar vendo o desencadear de uma guerra sangrenta, com conseqüências políticas, econômicas e sociais no mundo (os países árabes, localizados no Oriente Médio, são grandes fornecedores de petróleo, matéria-prima da gasolina, usada no mundo inteiro, e a crise pode ter inúmeras conseqüências).

Na informação jornalística, mesmo havendo um papel muito importante para a linguagem verbal (a base de uma notícia é o que o repórter fala ou escreve), a linguagem visual acaba tendo um papel também muito importante, tanto nas imagens que aparecem nos jornais da televisão quanto nas fotos que acompanham reportagens em jornais.

Podemos, pois, afirmar que a combinação das linguagens em objetos informativos auxilia na construção da clareza e da objetividade daquilo que nos está sendo apresentado. Em geral, quando prestamos atenção a uma notícia, somos perfeitamente capazes de entender qual é o assunto e quais são as informações essenciais que ela quer nos passar.

Essa não é uma atitude passiva de nossa parte. Há milhares de situações em nossas vidas que nos exigem a busca de informações. Apenas para citar algumas possibilidades, pense nas seguintes circunstâncias: você deve visitar um parente em uma cidade desconhecida; seu filho precisa de uma fonte de informações sobre um tema qualquer, para realizar uma atividade na escola; se você trabalha no comércio, você precisa saber o preço médio de um produto em alguns concorrentes da sua empresa.

Precisamos, então, reconhecer que inúmeros objetos são construídos dentro desse sistema informativo, ou seja, há muitos objetos concebidos para informar as pessoas sobre alguma coisa. Quais objetos construídos pelas linguagens você classificaria como informativos?

ENCONTRANDO ALGUNS MATERIAIS DE CONSULTA: JORNAIS, REVISTAS, ENCICLOPÉDIAS, DICIONÁRIOS, LISTAS TELEFÔNICAS E GUIAS

Todos os materiais acima, exceto as listas telefônicas (que não são vendidas), podem ser adquiridos, com maior ou menor facilidade, em livrarias ou em qualquer tipo de comércio que venda livros ou papéis (como bancas de jornais e papelarias).

Para consulta gratuita, os locais mais importantes são as bibliotecas, onde podemos encontrar livros sobre os mais variados assuntos, além de jornais, revistas, enciclopédias, dicionários, guias e até listas telefônicas. As bibliotecas podem ser municipais, estaduais ou federais, isto é, organizadas, respectivamente, pelas prefeituras, pelos governos de Estado e pelo Governo Federal. Há bibliotecas situadas dentro das escolas. Há ainda institutos públicos ou particulares que possuem bibliotecas abertas para consulta.

Se você tem acesso a um computador e ele estiver conectado à Internet (uma rede mundial de informações), você encontrará nele desde fontes gratuitas de informação até a possibilidade de compra de materiais.

Buscar as fontes das quais necessitamos na vida pessoal e profissional é um dos aspectos ativos de nossa relação com os objetos informativos. Destaquemos mais uma questão: que relação mantemos com “as verdades” que nos são transmitidas pelas notícias de jornal, pelas enciclopédias, guias etc.?

Mas, por que essa expressão “as verdades” apareceu entre aspas? Talvez essa idéia de verdade não seja tão simples.

Pense em um tema que esteja sendo discutido na televisão, no rádio ou nos jornais e revistas nesta semana. Se puder, compare a mesma notícia dada por dois jornais diferentes, por duas emissoras diferentes, enfim, procure duas fontes diferentes para a mesma notícia.

Ela é exatamente igual nas duas? Não. Pode ser parecida. Na televisão: quando acompanhamos um fato na emissora A ou na emissora B, vemos a mesma coisa? As imagens são as mesmas, o apresentador é o mesmo? Os sons que acompanham as imagens são os mesmos? As idéias que os repórteres apresentam são formuladas do mesmo jeito? Com certeza, não.

Imagine que você trabalha em uma empresa e o seu chefe lhe pede para escrever um aviso para os outros funcionários, informando mudança no horário de entrada no turno da manhã. Como você redigiria esse aviso? As informações que você escolher, o formato que você der a esse aviso, o local no qual você irá afixá-lo, tudo isso implica seleção daquilo que é realmente essencial na construção do aviso.

Com toda informação acontece a mesma coisa. São objetivos básicos e organizadores, na produção de informações: clareza, objetividade, definição de um tema único de cada vez e levantamento dos dados essenciais para a compreensão do tema.

Mas, como tudo que é humano está relacionado com crenças, valores, visões de mundo e interesses, devemos admitir que “a verdade” contida em uma informação não é uma verdade absoluta, indiscutível. Mais do que isso, muitas vezes, ao construir uma informação, os produtores têm muita clareza de que selecionarão aspectos mais positivos ou negativos de um dado fato, de acordo com este ou aquele interesse social com que simpatizam.

Em uma notícia, dada na televisão ou no jornal impresso, a partir de um mesmo fato, pessoas e instituições podem ser mostradas em seus aspectos mais negativos, na notícia de um dado canal e, de forma um pouco mais neutra ou até positiva, em outro canal que estiver veiculando uma notícia sobre o mesmo assunto.

Desenvolvendo competências

4

Duas notícias sobre o mesmo assunto

Procure, em dois jornais, ou em duas revistas, programas de televisão ou rádio, duas notícias sobre um mesmo assunto. Você considera que as informações selecionadas sobre o fato foram diferentes nas duas notícias? Que efeitos essas diferenças podem causar na interpretação do fato pelo leitor/espectador?

NA SALA DE AULA

Nas aulas destinadas aos estudos da língua portuguesa, muitas vezes os professores trazem textos para serem lidos, analisados. Muitos desses textos são classificados pelos professores como "literatura de ficção". São histórias inventadas, textos que podem ser atuais, mas que muitas vezes foram escritos há muito tempo.

Muitos alunos estranham esses textos. Os textos mais antigos, em geral, causam várias "estranhezas": há lugares desconhecidos, palavras estranhas e o tempo parece remoto (cem, duzentos, trezentos anos atrás...); há também uma maneira de escrever diferente, que não nos parece familiar, não parece um texto que a gente possa ler ou ouvir, nas ruas, na televisão, nas revistas.

São trechos como:

> *Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia – peneirava – uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa idéia no discurso que proferiu à beira da minha cova: — "Vós que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que têm honrado a humanidade (...)".*
>
> ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Globo, 1997. p. 1.

Esse texto de Machado de Assis, do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, publicado no século XIX, fala de um tempo distante (1869), usa vários termos não usuais em nossos dias ("expirei", "rijos", "prósperos", "contos" – referindo-se a dinheiro – "vós") e frases construídas de uma maneira diferente da atual "... a perda de um dos mais belos caracteres que têm honrado a humanidade".

Esses são alguns dos motivos de estranheza dos alunos de hoje frente a esse texto de outra época. E o que dizer da literatura mais próxima de nossos dias? Vamos ler agora um trecho do conto *Felicidade clandestina*, publicado na década de 70, já no século XX, pela autora Clarice Lispector:

> *(...) Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: "E você fica com o livro por quanto tempo quiser". Entendem? Valia mais do que me dar o livro: "pelo tempo que eu quisesse" é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.*
>
> LISPECTOR, Clarice. Felicidade clandestina. In: MORICONI, Italo (Org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século XX.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. p.314.

Do ponto de vista da linguagem utilizada, esse texto parece não apresentar grandes problemas. Mas, e a história em si, aquilo que nos é contado? O narrador da história nos diz que recebeu um livro emprestado, na condição de poder ficar com o livro "quanto tempo quisesse". E, para esse mesmo narrador, ficar com o livro por esse tempo indeterminado é a maior ousadia que uma pessoa pode ter ou querer na vida.

Nesse momento, podemos ligar esse trecho ao anterior: o primeiro, além da linguagem distante, traz uma história contada a partir de um narrador já morto ("expirei" quer dizer "morri"). Perspectiva estranha para se contar uma história, não?

No segundo trecho, um narrador afirma que a maior ousadia de um ser humano é ter a sensação de poder ficar com alguma coisa (no caso, um livro), por quanto tempo quiser. Mas o que significa essa idéia? Não dá para ter um compreensão imediata dessas palavras.

Tentemos entender um pouco essa situação, com dois olhares diferentes. Vamos pensar no olhar dos alunos e no olhar do professor, imaginando quais motivos podem tê-lo levado a trazer textos como esses para a sala de aula.

Primeiro, os alunos. Quando lemos os trechos das histórias citadas acima, apontamos dois problemas comuns na leitura deles: ou os textos parecem falar de um tempo muito distante e, portanto, difícil de compreender, ou o próprio assunto da história, a maneira como ela é construída, parece não fazer muito sentido. Quer dizer, compreendem-se as palavras, mas isso não basta para se ter a sensação de que a história de fato faz sentido.

Mas aí é que está... Essas histórias não parecem ter sido compostas para que os seus leitores as compreendessem como se fossem uma notícia de jornal ou uma receita de bolo.

Esse processo é consciente por parte de seus autores. Isso significa dizer que eles constroem os textos dessa forma porque querem. Como os alunos, podemos nos perguntar: "E para que uma pessoa escreve um texto que não será imediatamente compreendido pelas outras pessoas? Por que essa atitude que parece ser uma 'provocação'? "

Não podemos e nem devemos dar uma resposta definitiva a tais perguntas, mas podemos formular algumas hipóteses. Olhe para o lado agora. Talvez tudo em volta lhe pareça muito natural, muito "certinho". Pense um pouco. Você faz tudo o que gostaria de fazer? E por que não faz? Se você não tivesse tomado essa ou aquela atitude lá atrás na sua vida, será que a sua vida seria diferente agora, será que ela seria melhor ou pior?

Poderíamos fazer milhares de perguntas desse tipo. Todas elas, de alguma forma, põem em dúvida a ordem comum das coisas. São perguntas que não nos permitem olhar ao redor, ou olhar dentro de nós mesmos, ou pensar nas outras pessoas, e achar que é assim apenas porque deve ser.

Só que, se em todos os momentos da nossa vida – e mesmo nos momentos da história da humanidade – aceitássemos o que já existe como o único possível e certo, provavelmente seríamos como os outros animais. Nasceríamos, viveríamos (nesse meio tempo iríamos comer, beber, nos acasalar), morreríamos e pronto.

Muitos até podem pensar "bom, nada mal se fosse assim". Só que nós sabemos que a vida humana não se resume apenas a ações naturais. Os seres humanos são inquietos, criativos. E essa inquietude e essa criatividade nos movem para mudanças e descobertas.

E que tem a ver com tudo isso os nossos textos? Absolutamente tudo. Há várias produções humanas, os chamados objetos artísticos, que se propõem a manter vivo esse espírito criativo e

inquieto. O que dissemos lá atrás sobre os textos? Dissemos que eles nos provocavam. E por quê? Porque eles não constroem para nós uma realidade pronta, acabada, indiscutível. Esse papel cabe à informação e a uma série de outras formas de organizar a realidade.

Desenvolvendo competências

5

Recordando e comentando

Você já deve ter lido textos de ficção que causaram estranhamento em você, seja pelo tema, pela maneira como o autor escreveu, ou qualquer outro motivo. Se você puder, releia algum desses textos. Depois, escreva um pequeno comentário, tendo em mente a seguinte questão: posso considerar esse texto que acabo de ler como um objeto artístico? Por quê?

Aqueles textos, como qualquer outro objeto artístico, não têm respostas prontas para nos fornecer sobre qualquer assunto. Por isso, ao entrarmos em contato com eles, não conseguimos ter uma compreensão imediata do que querem dizer. Ou seja: em um objeto artístico, não há uma "única verdade" sendo construída. O que se constrói são possibilidades.

Voltemos a Machado de Assis e Clarice Lispector e suas respectivas obras, citadas lá atrás. A primeira história, a do defunto-autor, nos coloca essa possibilidade, entre outras: como poderia ser o olhar de um morto sobre sua própria vida? Como veríamos a nossa história se pudéssemos ter esse olhar? O que significaria a vida para nós?

Já a história do livro emprestado pode estar nos perguntando: o que é a felicidade? Será que a felicidade é uma sensação passageira, ou podemos carregá-la pela vida afora? Será que ter a sensação de poder tudo não é o máximo de felicidade que podemos ter concretamente?

Despertar nos outros a inquietude parece ser um traço característico dos objetos artísticos, sejam eles quais forem. Outro traço comum é pressupor, por parte de quem produz tais objetos, um grande domínio das técnicas de seu ofício. Afinal, se para construir uma informação simples é preciso saber como fazê-lo, que dizer de objetos que querem transmitir uma informação aberta, mas que precisa se manter minimamente compreensível?

Só para sentir a dificuldade técnica de produzir um objeto artístico, tente compor a letra para uma música. O assunto você escolhe. Veja se é fácil escrever uma letra com sentido, com frases bem-articuladas, que nos tragam à cabeça imagens bonitas.

E A BELEZA? ONDE É QUE FICA?

Você pode estar se perguntando a essa altura: "E a beleza? Uma obra de arte não tem que ser bonita? A gente vê uns quadros por aí, parecem umas tintas jogadas em cima da tela... Será que isso é arte? "

Com certeza, muito do nosso estranhamento diante de objetos artísticos vem daí. Talvez este seja um bom momento para retomar uma de nossas questões iniciais: por que será que os professores, no contexto escolar, trazem obras de arte para estudar com seus alunos?

PARA ALÉM DA SALA DE AULA...

Se você mora em uma cidade ou perto de uma, procure se lembrar de algum monumento existente nela (pode ser uma fonte ou escultura na praça). Você classificaria esse objeto como uma obra de arte? Por quê?

Quando observamos diferentes obras de arte, não devemos esquecer que são produzidas num determinado momento da história da humanidade, num determinado país, em uma certa sociedade, que por sua vez possui suas crenças, valores, hábitos. E, mais do que isso, não devemos nos esquecer de que os valores de uma sociedade mudam com o tempo. Certamente, nós não pensamos mais como os brasileiros que viveram há cem anos.

Na sala de aula, esse talvez seja um dos objetivos do professor: estudar com seus alunos diferentes objetos artísticos, sob diferentes pontos de vista. Objetos artísticos produzidos hoje, produzidos em um passado distante, em um passado remoto, em nosso país e também por outras culturas do mundo.

A arte, como alguns outros sistemas comunicativos, tem essa preocupação histórica: muitas pessoas envolvidas na produção ou difusão de uma obra de arte sabem que esses objetos estão tratando de temas humanos ao longo do tempo. Por isso, conhecem e respeitam a tradição, aquilo que já foi feito por outros seres humanos em outros momentos.

Retomemos a questão da beleza. Para muitos de nós, a beleza tem como pressuposto a nossa compreensão imediata. Quando vemos um quadro com rosas vermelhas em um belo vaso, admiramos a capacidade do artista para construir uma representação tão próxima do real.

Mas o que muitos não sabem é que essa capacidade de "imitar" a realidade de forma realista já foi manifestada por uma série de artistas a partir do século XVI. Um artista chamado Leonardo da Vinci, em 1503, pintou um quadro denominado *Mona Lisa*, que é provavelmente o rosto de uma mulher daquela época.

Faz sentido um artista apenas continuar, nos dias de hoje, a fazer quadros como há quinhentos anos? E onde é que fica a criatividade, a inquietude?

O grande dilema da arte é que ela pressupõe de seu espectador o conhecimento da história. E, nos dias de hoje, tão centrados no trabalho e na diversão, ou seja, no imediato, a arte acaba sendo um sistema com pouca penetração direta na vida da maioria das pessoas.

ELES DIZEM QUE NOVELA É "COISA DE MULHER"...

É difícil imaginar um brasileiro que nunca tenha ouvido falar em novela de televisão. Há muitos homens que dizem que "novela é coisa de mulher", mas o fato é que todo mundo, vez por outra, acompanha algum capítulo de alguma telenovela.

É muito comum, mesmo, ouvirmos ou participarmos de discussões sobre alguma cena de novela, algum tema que tenha sido tratado ou o destino que achamos bom para esta ou aquela personagem. Mas é curioso como podemos falar sobre uma novela de televisão a partir dos mais variados pontos de vista.

Às vezes, um assunto da novela pode nos levar a pensar se aquilo é certo ou errado e a emitir julgamentos ou opiniões sobre os comportamentos e idéias que nos são passados. Outras vezes, temos reações absolutamente emotivas, podemos até chorar ou ficar com raiva de um vilão que está fazendo o nosso herói ou heroína sofrer naquela história. Mas um fato parece ser claro para todos nós: diante de uma telenovela, nós compreendemos o que se passa. Todas as histórias de novela são ficções; não vemos ali fatos e pessoas reais, no entanto, somos capazes de acompanhar o que acontece com as personagens que estamos seguindo.

Essa capacidade de ser compreendida é tão forte na telenovela que, mesmo quando não assistimos a alguns capítulos, somos capazes de compreender o que se passa.

E por que isso acontece? Como uma história inventada, que se divide em tantos capítulos, pode ser tão facilmente acompanhada pelas mais diferentes pessoas, com diferentes níveis de escolaridade?

O USO DAS LINGUAGENS NAS NOVELAS

Tentemos lembrar alguma cena de telenovela. Provavelmente, o que vem à nossa cabeça são imagens com personagens. A linguagem visual é muito significativa nas telenovelas. O cenário, as roupas das personagens, seus gestos, tudo nos leva a compreender o que está acontecendo. A mesma

coisa pode ser dita sobre os sons. Se imaginamos uma cena de suspense, de amor, é claro que a trilha sonora nos embalará para “entrarmos no clima” do que a cena está querendo nos passar.

E quanto à linguagem verbal? Essa também é usada de forma a tornar a situação o mais clara possível para nós. Mesmo quando há uma cena de mistério, dá para observar que algumas frases ou gestos das personagens são indicativos de que algo irá acontecer.

Quer dizer, na maior parte das vezes, o uso das diferentes linguagens nas telenovelas está a serviço da clareza de entendimento por parte do telespectador.

Há outro aspecto que se pode observar, também, no uso das linguagens nas novelas de televisão: as histórias que nos são contadas, muitas vezes, mexem com os nossos sentimentos. Despertam em nós raiva, ternura, compaixão, simpatia, amor etc. E esses efeitos são provocados por uma equilibrada mistura das linguagens visual, verbal e sonora.

Imagine a seguinte situação: uma cena de novela sem som. Agora imagine essa cena sem os diálogos, só com trilha sonora e imagem. Por fim, pense na cena só com os diálogos, sem a visualização das cenas e sem a trilha sonora.

Em todas essas possibilidades, parece que alguma parte essencial ficou de fora. Sem a imagem e sem a trilha sonora, parece que nossa imaginação e nossos sentimentos ficam um pouco paralisados. Já sem os diálogos, ou seja, sem a linguagem verbal, fica faltando alguma coisa muito importante para a compreensão do que acontece.

Só as novelas de televisão têm essas características? Ou, dizendo de outro modo: dos objetos que estão à nossa volta, só as telenovelas são uma mistura de clareza e emoção?

Objetos como as telenovelas podem ser classificados como formas de entretenimento. São objetos que servem para nos fazer passar o tempo, para nos divertir, para preencher o nosso horário de lazer.

Muitos, muitos objetos ao nosso redor têm essa finalidade básica de nos entreter: a transmissão de jogos, os programas de auditório e os humorísticos, o repertório musical da maioria das rádios, muitos filmes, entre outras possibilidades.

Mas há objetos geradores de dúvidas. Uma peça de teatro é um objeto artístico ou entretenimento? Depende do objetivo básico da peça, da maneira como é organizada pelos que dela participam (e nesse grupo estão atores, diretores, pessoal técnico, divulgadores etc.).

Há peças de teatro que se propõem inquietar o espectador. Nesse caso, localiza-se nelas a escolha de um texto mais difícil, de atores e diretores menos preocupados em serem facilmente compreendidos, de cenários e figurinos que surpreendam, de uma divulgação que também inquiete o possível espectador etc.

O mesmo se pode dizer de uma peça de teatro com o objetivo básico de entreter o espectador, só que ao contrário: o texto será mais fácil de compreender, os atores se esforçarão para essa compreensão, o cenário e os figurinos normalmente estarão ali apenas para dar “realismo” às cenas, a divulgação deixará muito claro que quem for assistir àquela peça vai se divertir etc.

O ENTRETENIMENTO PARECE TER UM POUCO DE TUDO

Um objeto de entretenimento, muitas vezes, também revela características de outras sistemas que organizam a sociedade. Na verdade, nos outros sistemas também pode ocorrer o mesmo (por exemplo, num jornal, há anúncios publicitários). Mas o curioso do sistema do entretenimento é que ele se apropria de elementos de outros sistemas, absorvendo-os e transformando-os.

No jornal escrito há o setor de classificados. Mas as notícias de jornal não têm uma relação direta com os produtos que estão sendo vendidos nos classificados. Pegue uma revista e um jornal. Procure uma página com o anúncio de algum produto. Veja se há uma relação direta entre as notícias e os produtos anunciados.

Agora, pense em uma cena de telenovela em que um produto esteja sendo anunciado. Repare o que as personagens estão fazendo, o que elas estão falando, o local em que se passa a cena e veja se tudo isso está ou não diretamente relacionado com o produto oferecido.

Essa atitude de absorção e transformação do sistema de entretenimento é ainda mais forte no que diz respeito à arte. Muitas telenovelas, muitas minisséries, muitas músicas populares, muitos filmes de ação ou diversão são adaptados de obras artísticas. Muitas vezes, esse procedimento é até anunciado.

Se você puder, preste atenção na abertura de algumas novelas ou minisséries. Veja se há alguma referência a outras obras, algumas frases como "baseado no texto de ...", ou "adaptação livre da obra de...". Isso significa que o que se verá foi adaptado de uma outra obra, normalmente artística.

No entanto, objetos de entretenimento, muitas vezes, absorvem e transformam objetos artísticos sem deixar esse procedimento claro. Há algum mal nisso?

Falando sobre o sistema artístico, dissemos que, em geral, ele causa estranhamento no espectador, justamente porque não é um objeto construído para distrair as pessoas, mas para levá-las a alguma reflexão, para avançar nos domínios das técnicas daquela arte e construir uma nova concepção de beleza, entre outras possibilidades.

Quando, porém, tomamos consciência de que os objetos artísticos muitas vezes são utilizados como fonte para os objetos de entretenimento, começamos a perceber que existe uma enorme função social para a arte, mesmo que não consigamos vê-la de imediato.

Quando um objeto de entretenimento se baseia em um objeto artístico, mas não se preocupa em deixar clara a referência, de alguma forma não nos desperta a curiosidade pelo original, mostrando como se fossem novas idéias já consagradas por outras obras.

Isso quer dizer que os objetos de entretenimento não têm o seu próprio lugar?

Lugar é o que entretenimento mais tem no mundo moderno. Com o ritmo acelerado do dia-a-dia, todos necessitam de momentos de lazer, seja para o corpo ou a mente. Mas, como as ofertas para o divertimento são muitas (neste momento, você poderia ver vários programas diferentes na televisão), a concorrência entre os produtores é grande.

Na busca desenfreada pela novidade, os objetos de entretenimento, por vezes, se tornam apelativos, exagerando nos temas sensacionalistas, estimulando preconceitos, humilhando pessoas etc. Mas, muitas vezes também, com clareza, simplicidade e emoção, programas de auditório, transmissões esportivas, novelas de televisão conseguem um feito notável: levar uma diversão simples e imediata a milhares de pessoas ao mesmo tempo.

Desenvolvendo competências

6

Duas letras de música

Leia os trechos das letras das músicas a seguir:

I - É O AMOR

Autor: Zezé di Camargo

Eu não vou negar que sou louco por você

Tô maluco pra te ver

Eu não vou negar

Eu não vou negar

Você traz felicidade

Sem você tudo é saudade

Eu não vou negar

(...)

CAMARGO, Zezé di. *É o amor.* [S.l.: s.n.], 1991.

II - VALSA BRASILEIRA

Autores: Chico Buarque e Edu Lobo

Vivia a te buscar

porque pensando em ti

corria contra o tempo

eu descartava os dias

em que não te vi

como de um filme

a ação que não valeu

rodava as horas pra trás,

roubava um pouquinho

e ajeitava o meu caminho

pra encostar no teu

(...)

BUARQUE, Chico; LOBO, Edu. Valsa brasileira. In: ______. *Dança da meia-lua.* [S. I.], 1988. 1 CD.

A partir da leitura dessas letras, qual delas você analisaria como objeto de entretenimento (fruto de um trabalho mais claro e direto com a linguagem) e qual você analisaria como objeto artístico (aquela em que a linguagem não constrói um sentido imediato)? Justifique.

SEMPRE PODERÁ HAVER UM PRÓXIMO CAPÍTULO...

Poderíamos ainda falar de muitos outros sistemas de comunicação, mas este capítulo limitou-se a esses quatro (publicitário, informativo, artístico e de entretenimento). Uma idéia para não esquecer é que qualquer objeto de produção humana pressupõe um sistema organizador por trás, e o que une todos os que estão envolvidos em cada um desses sistemas é o fato de possuírem algum objetivo em comum.

E uma última questão. Como vimos, os diferentes sistemas não são isolados uns dos outros: eles misturam-se, com maior ou menor intensidade, e daí talvez acabem saindo novos sistemas e produtos.

Orientação final

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Reconhecer as linguagens como elementos integradores dos sistemas de comunicação.
- Identificar os diferentes recursos das linguagens, utilizados em diferentes sistemas de comunicação e informação.
- Recorrer aos conhecimentos sobre as linguagens dos sistemas de comunicação e informação para explicar problemas sociais e do mundo do trabalho.
- Relacionar informações sobre os sistemas de comunicação e informação, considerando sua função social.
- Posicionar-se criticamente sobre os usos sociais que se fazem das linguagens e dos sistemas de comunicação e informação.

Capítulo II

AS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS EM NOSSA SOCIEDADE

Conhecer e usar língua(s) estrangeira(s) moderna(s) como instrumento de acesso a informações e a outras culturas e grupos sociais.

Gláucia d'Olim Marote Ferro e
Lívia de Araújo Donnini Rodrigues

Capítulo II

As línguas estrangeiras modernas em nossa sociedade

Olá! Hola! Hello! Ciao! Salut!

Este capítulo propõe o estudo de Línguas Estrangeiras Modernas a você, estudante que deseja completar sua formação no Ensino Médio. Veja que falamos em línguas no plural e é isso mesmo: o intuito não é estudar uma língua em especial, mas sim, descobrir caminhos que tornem possível a leitura de pequenos textos em algumas das línguas estrangeiras presentes em nossa sociedade. Nesse sentido, vamos ler textos com os quais é bem possível que você já se tenha deparado em algum momento de sua vida: o manual de um equipamento eletroeletrônico, a embalagem de um produto importado, um anúncio em Língua Portuguesa com palavras em língua estrangeira, enfim, textos que nos rodeiam e que, às vezes, nem sequer são lidos, por nos julgarmos incapazes de entendê-los.

A PRESENÇA DE VÁRIAS LÍNGUAS EM NOSSO COTIDIANO

Sem dúvida, você sabe ligar um aparelho toca-fitas para ouvir uma música e sabe, também, interrompê-la no momento em que quiser. Mas será que você já percebeu o que está escrito nos botões do aparelho?

power – play – stop

Essas palavras não pertencem à Língua Portuguesa, mas nós as dominamos sem hesitar.

Veja só outra situação bastante corriqueira. Quando você liga seu aparelho de televisão para assistir a um jogo de futebol da nossa seleção, é bem provável que queira ver o time marcar muitos gols. Você vai ficar aborrecido se um craque perder um pênalti e vai vibrar com os dribles dos atacantes. Pois é, mas, apesar de ser uma emoção bem brasileira, na verdade, várias palavras do trecho acima são, originalmente, inglesas.

football, team, goal, dribble **e** ***penalty*** são alguns exemplos.

Você sabia que foi o paulista Charles Miller que, em 1894, trouxe o esporte para o Brasil após ter passado uma temporada estudando na Inglaterra, onde o esporte já era bastante difundido? Se puder, converse com pessoas mais velhas sobre isso. Elas devem se lembrar de que, até os anos 50, não se dizia escanteio, mas sim, *corner*; zagueiro era *back* e o goleiro era o *(goal) keeper*.

Aliás, nos programas de esportes na televisão, há uma verdadeira enxurrada de palavras estrangeiras sendo utilizadas. Veja se você consegue identificar a quais esportes se relacionam as seguintes palavras da língua inglesa:

a) backhand, slice, set point, smash

b) jab, corner, knockdown, punch

c) cockpit, grid, pole position

E então, conseguiu identificar os esportes?
O primeiro grupo relaciona-se ao tênis, esporte em que temos o Guga, o primeiro brasileiro a ocupar a posição de número 1 no *ranking* mundial (ôpa! *ranking* também é uma palavra inglesa). O segundo grupo relaciona-se ao boxe, de nossos expoentes Maguila e Popó. O terceiro grupo é da Fórmula 1, de Émerson Fittipaldi, Nelson Piquet, Ayrton Senna e Rubens Barrichello.

Desenvolvendo competências

1

Não é só nos esportes que notamos a presença de línguas estrangeiras modernas. Leia as palavras do quadro a seguir. Você certamente já ouviu algumas delas ou até mesmo as usou. Durante a leitura, procure identificar se dizem respeito à alimentação, informática ou vestuário.

on line – chester – internet – blazer – software – mouse – legging – site – stretch – diet – e-mail – twin-set – croûtons – jeans – cheeseburger – shorts – home page – hot dog

---

Agora que você já parou para pensar sobre o assunto, vale a pena afirmar que, apesar de você morar no Brasil e falar português, que é, portanto, a sua língua materna, você está constantemente em contato com outras línguas.

O fato de vivermos em uma sociedade plurilíngüe, ou seja, na qual participam muitas línguas, não é algo novo. Trata-se de algo que faz parte da formação de nossa própria língua portuguesa.

Você certamente conhece as palavras *bombom*, *ressaca* e *serenata*, não é mesmo? Mas você sabe de onde elas vêm? Se não sabe, descubra, lendo os trechos a seguir:

BOMBOM: do francês ***bonbon****, guloseima. Nome genérico com o qual denominamos balas, chocolates, doces. É freqüente o francesismo* ***bonbonnière*** *para designar as pequenas lojas especializadas na venda desses produtos.*

RESSACA: do castelhano ***resaca****, denominação dada ao refluxo da maré, depois de chegar à praia ou ter seu movimento impedido por algum obstáculo. Seu significado literal é o de sacar de novo, uma vez que o prefixo* ***re-*** *indica repetição.*

SERENATA: do italiano ***sera****, noite, formou-se serenata, concerto dado à noite. O português conservou a grafia e o significado.*

SILVA, Deonísio da. *De onde vêm as palavras*: frases e curiosidades da língua portuguesa. São Paulo: Mandarim, 1997.

Pois é... Essas palavras já foram incorporadas à nossa língua a ponto de sequer estranharmos sua presença em nosso cotidiano. Outras, como as que vimos anteriormente, parecem invadir, a todo momento, nossas vidas e, sem percebermos, usamos como se fossem nossas.

Desenvolvendo competências

2

As línguas estrangeiras modernas ao seu redor

Fatores históricos e, em especial, econômicos, provocam a entrada de produtos de consumo e bens culturais de diversos países em nossa sociedade. Até aqui, você viu e pensou sobre alguns exemplos da presença de línguas estrangeiras em nosso dia-a-dia. Agora é a sua vez de descobrir outros.

Com um caderno e um lápis em mãos, anote palavras, expressões e textos (manuais, embalagens) escritos em línguas estrangeiras modernas encontrados em sua casa, nas ruas e em seu trabalho. Preste bastante atenção em:

a) aparelhos eletroeletrônicos e outras novas tecnologias (telefonia celular, internet*, sistemas de bancos);*

b) produtos de limpeza, de higiene pessoal, alimentos e bebidas;

c) nomes de filmes, de programas de televisão e de lojas;

d) jogos eletrônicos, jornais, revistas, músicas e painéis de rua (que muitos chamam de outdoors *– uma palavra emprestada do inglês – aliás, sem muita propriedade, já que, naquela língua,* outdoor *significa ao ar livre e a palavra que designa o que é chamado de* outdoor *é* billboard*).*

Se possível, mostre essa lista a um amigo ou a um parente, tente identificar quais línguas estão mais presentes e, com o auxílio de dicionários, descubra os significados de alguns dos termos encontrados.

PARECE ESTRANHO, MAS NÃO É...

Nesta parte do capítulo, vamos analisar alguns textos para que você, unindo as experiências e vivências que possui e o conhecimento que tem de sua própria língua materna, possa aprender a encontrar a chave para ler pequenos textos.

Vamos supor que você esteja lendo uma revista e nela encontre o seguinte texto:

VISITE DAQUIRANA

Praias estrudeontes, com ondas daltas e areias tranas, muitas notroções noturnas e grogeones restaurantes fazem de Daquirana um lugar casqueito para casais que queiram redraxar em um clima rompântico.

Entre em contato com nossos operadores de viagem e destundra as opções de hospedagem nessa redrião paradisíaca.

Nossos preços são intratíveis!

Com nossa ajuda, suas crérias serão indrandrecíveis!

Makerete Tour

Tel: (59) 5551555515

E-mail: makeretetour@ppp.com

Estranho, não é? Isso porque se trata de um texto em que há palavras inventadas, que não pertencem ao Português ou a nenhuma outra língua. Apesar disso, releia-o e veja se você consegue identificar o tipo de texto (se é uma receita, um artigo, um poema ou um anúncio) e o assunto (de que ele fala).

Em seguida, tente reescrevê-lo, substituindo as palavras inventadas por palavras de nossa língua e compare sua versão com a existente no final deste capítulo.

Vamos, agora, discutir a relação entre o que você acaba de fazer e a leitura de textos em línguas estrangeiras.

É bem provável que você, mesmo com alguma dificuldade, tenha conseguido realizar a tarefa. Isso ocorre porque, quando lemos, orientamos nossa atenção para aquilo que entendemos e lidamos com as dúvidas fazendo inferências, ou seja, tentando adivinhar o significado das palavras a partir de dicas que encontramos no texto.

Além disso, cada tipo de texto está associado a determinadas expectativas de leitura. Quem deseja fazer um bolo pela primeira vez lê uma receita e não um anúncio e, durante a leitura, espera encontrar os ingredientes e as respectivas dosagens, o modo de preparo e algumas dicas sobre como proceder em cada etapa do processo.

Quem deseja encontrar um determinado capítulo de um livro lê o índice e espera encontrar não só os nomes dos capítulos, como também a numeração das páginas. Quem deseja descobrir o peso e o prazo de validade de um produto lê sua embalagem e direciona sua leitura para os números. Afinal, peso e validade são idéias expressas numericamente.

Assim, leitor e texto se aproximam e criam expectativas um em relação ao outro. Por esse motivo, para ler o texto, você deve ter utilizado adjetivos bastante positivos, tais como *maravilhoso, delicioso, estonteante, inesquecível*.

Claro, pois ninguém espera ler, em um anúncio, algo como "Venha jantar em um de nossos restaurantes sujos e horríveis". O anúncio quer vender algo e, por essa razão, a linguagem deve seduzir e atrair o possível comprador.

Sempre que você estiver diante de um texto em língua estrangeira, lembre-se de, numa primeira leitura geral, identificar o tipo de texto e o assunto, pois isso o ajudará a fazer "previsões", facilitando a compreensão.

VOCÊ PODE LER EM ITALIANO, INGLÊS, FRANCÊS...

A seguir, você encontra textos em três línguas: Italiano, Inglês e Francês. Qual deles você deve ler para

a) receber um folheto que explica os vários usos de uma ferramenta?

b) saber como fazer funcionar um rádio portátil?

c) acrescentar uma receita em sua coleção de receitas?

FUSILLI SPIRALE MANTECATI CON ASPARAGI E FILETTI DI SOGLIOLA

DOSI – 4 persone

RICETTA – facile

PREPARAZIONE E COTTURA – 45 minuti

INGREDIENTI: 350g di fusilli – 1 mazzo di asparagi – 8 filetti di sogliola bianca – 2 cipolla bianca novella – 1 carota – 30g di burro – 6 cucchiai di olio d'oliva extra vergine – 20 g di prezzemolo tritato – basilico q.b. – vino bianco q.b.

PREPARAZIONE: Tagliate i filetti di sogliola a listarelle e gli asparagi a tronchetti, lasciando le punte integre e eliminando solo la parte dura e quella bianca. Fate bollire gli asparagi in acqua salata. Tagliate la cipolla e la carota a julienne, stufatele con un poco di burro e un mestolino d'acqua. Aggiungete il vino bianco, i filetti di sogliola e gli asparagi cotti. Coprite e continuate la cottura per altri due minuti. Cuocete i fusilli in abbondante acqua salata, scolateli al dente e conditeli con il sugo appena preparato. Versate dell'olio d'oliva extra vergine, e insaporite con del basilico e del prezzemolo triati insieme.

Texto 1

SOUND STAR FM RADIO

Electric tuning minitype torch radio	
	Operating Manual
Earphone included	*1. Put two batteries in the battery case. Use batteries Um3.*
Super bass sound	*2. Use a 3.5mm stereo earphone and plug in the earphone socket.*
Flash light	*3. Switch on the volume control and adjust the volume level.*
Auto scan	*4. Press reset button and scan button. Once pressed, the radio will tune automatically.*

Texto 2

NOUVEAU: KREMIL MULTI PLUS POLYVALENT QU'UN COUTEAU SUISSE

Avec plus de 100 accessoires, spécialement conçus, il vous permettra d'effectuer de multiples travaux, plus rapidement et facilement, ***qu'avec tout autre outil électrique.***

Je désire recevoir gratuitement "Le Guide Kremil Multi" illustrant 100 possibilités de travaux.

Nom ....

Prénom ....

Adresse ....

Code Postal .... *Ville* ....

Coupon réponse à renvoyer à

KREMIL 100+Applications – JEMIL FRANCE S.A.

39 rue de la Plage – BP 7

49358 BEAUCOUZE Cédex – FRANCE

Texto 3

Fácil, não é? Principalmente se você se lembrou daquilo que discutimos no campo desenvolvendo competências 1.

Agora, encontre a palavra *acqua* na receita. Qual o significado dela?

Acqua em Italiano corresponde a *água* em Português. Isso porque a palavra *acqua* é um COGNATO – uma palavra em língua estrangeira muito parecida com a correspondente em nossa língua, pois ambas têm a mesma origem, ou seja, foram formadas a partir da palavra *aqua* do Latim.

Desta vez, encontre a palavra *burro* na receita.

Não é estranho que essa palavra esteja nesse tipo de texto? Afinal, nós, falantes da Língua Portuguesa, usamos a palavra *burro* para indicar um animal de quatro patas, bastante parecido com um cavalo. Entretanto, *burro* em Italiano é o mesmo que *manteiga* em Português. Pois é... Esse é um exemplo daquilo que chamamos FALSO COGNATO, ou seja, uma palavra que parece com outra de nossa língua, mas tem significado diferente.

Desenvolvendo competências

3

Agora é a sua vez. Com a definição de cognatos e o alerta sobre os falsos cognatos em mente, releia os textos e identifique as seguintes palavras:

a) Na receita: cozimento, salgada, vinho e abundante.

b) No anúncio da ferramenta: trabalhos, facilmente e rua.

c) No manual: pressionar, baterias e automaticamente.

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE AS LÍNGUAS

É bastante comum ourvirmos a seguinte afirmação: "Eu me viro bem em Espanhol, porque se parece muito com o Português. Na verdade, é só usar as palavras do Português com a pronúncia do Espanhol e está tudo resolvido." Ora, isso não é bem verdade. De fato, há muitas semelhanças entre essas duas línguas, mas nem tudo é assim tão transparente... Você saberia dizer o que significa a palavra *cuchara*? Se não, descubra lendo as instruções abaixo, tiradas de uma embalagem de filtro de papel para fazer café.

Doble el filtro en los lados prensados. Coloque el filtro de papel en el portafiltro seco. Use solamente filtro de papel 10 con el portafiltro 10.

Ponga una cuchara de sopa (al ras) de café por tacita o a su gusto.

Vierta agua hirviendo, sin colocar azúcar, bien en el centro del filtro, lenta y continuadamente, sin efectuar movimientos circulares. NO revuelva con cuchara para no romper el filtro.

E então, você conseguiu descobrir? O fato de saber fazer café utilizando um filtro de papel ajuda muito. É o que chamamos conhecimento prévio. Sempre que lemos sobre algo que já conhecemos, é bem mais fácil formular hipóteses – fazer previsões e/ou suposições – acerca do significado de palavras e termos presentes no texto. Mas, no caso acima, há, ainda, um outro fator que ajuda a descobrir o significado da palavra *cuchara*: são as ilustrações que acompanham as instruções. Elas orientam a leitura, criando um contexto que ajuda o leitor a descobrir significados.

Desenvolvendo competências

4

Releia as instruções e descubra:

a) Por que o número 10 aparece duas vezes no primeiro passo das instruções?

b) Como dizemos as palavras tacita e hirviendo em português?

c) Que instrução adverte o usuário do filtro de papel sobre o que NÃO deve ser feito?

Vale, então, o recado. Sempre que houver imagens, inicie a leitura a partir delas e, quando o texto parecer confuso ou difícil de acompanhar, procure nelas o auxílio para prosseguir com a leitura.

VOCÊ É O VENDEDOR

Vamos supor que você precisa ampliar sua renda e surge a oportunidade de vender, em suas horas livres, produtos de uma empresa multinacional que acaba de entrar no mercado brasileiro. As vendas são feitas através de um catálogo que contém a especificação de todos os produtos oferecidos pela empresa. Só que, quando você abre o catálogo, depara-se com um problema: a descrição dos produtos está em outra língua.

Observe as páginas 2 e 3 do catálogo, reproduzidas a seguir, e responda: que tipo de produtos você irá vender?

BODY & DENTAL CARE	2	HAIR CARE & PERFUME	3
ITEM	CODE	ITEM	CODE
Toothbrush	*2386*	*Scented soap*	*3745*
Toothpaste	*2366*	*Perfume for women*	*3755*
Lotion - cleanser for normal skin	*2531*	*Perfume for men*	*3765*
Gel for daily use	*2533*	*Natural shampoo*	*3735*

Ao responder à pergunta, você iniciou um processo de compreensão geral do texto. Entretanto, para poder efetuar suas vendas e orientar bem seus clientes, você precisará saber mais detalhes sobre cada produto. Será preciso, assim, aprofundar sua leitura. Mãos à obra!

Seu primeiro cliente solicitou:

a) creme dental

b) perfume masculino

c) sabonete perfumado

d) loção de limpeza para peles normais

Releia as páginas do catálogo e identifique o código dos produtos solicitados.

Que pistas presentes no catálogo você utilizou para realizar a tarefa?

Vamos discutir um pouco mais sobre isso. Você provavelmente fez uso das imagens e das palavras cognatas, não é mesmo? É o caso da diferença entre *toothpaste* e *toothbrush*.

Pela imagem, é possível associar *toothpaste* e *toothbrush* a dentes. Pela semelhança com o Português, *toothpaste* é pasta de dente, ou creme dental. Porém, para decidir se perfume masculino é *perfume for men* ou *perfume for women*, você precisa saber a diferença entre *men* e *women*. Como essas duas palavras fazem lembrar apenas a palavra *homem* e a ilustração não ajuda muito, é necessário encontrar outra alternativa para lidar com esse problema: ou você busca, naquilo que conhece, expressões que possam esclarecê-las; ou você conversa com alguém que possa ajudá-lo a estabelecer a diferença entre elas; ou você precisará descobrir o que significam em um dicionário. Qual foi a sua estratégia?

Para pensar: você alguma vez utilizou um dicionário de língua estrangeira? Sua busca teve sucesso?

LENDO NOTÍCIAS

Leia a notícia a seguir e procure indicar

a) em que seção de um jornal ou revista ela poderia ser encontrada;

b) quais termos e expressões em línguas estrangeiras nela estão presentes.

SISSI MAGALHÃES INFORMA!

Destaque da semana

Light & Dark na Modern Gallery

A designer Fabianna Swatch Boaventura começou a fazer os seus primeiros móbiles em origami no ateliê do pai, o escultor Oscar Boaventura. Sua última coleção, "Light & Dark", é produzida em resina acrílica e papel, sempre utilizando duas cores, ton sur ton. Seus trabalhos poderão ser apreciados na Modern Gallery, de 15 de abril a 30 de maio, das 10h às 21h.

Ao ler a notícia, você deve ter percebido que ela faz parte de uma coluna assinada por Sissi Magalhães e que está indicada como destaque da semana. Isso revela a importância que é dada à exposição e à artista. O público a quem essa notícia se destina é certamente constituído por artistas plásticos, profissionais da área e pessoas que se interessam por arte em geral.

Refletir sobre o lugar ou veículo/mídia em que o texto se apresenta e a quem ele se destina (seus leitores) é um dos passos para entendê-lo.

Outro passo é buscar compreender as intenções do autor e os recursos que ele usa para comunicá-las.

Você assinalou várias palavras e expressões em línguas estrangeiras presentes no texto, que servem para indicar, por exemplo, quem é Fabiana (uma *designer*), o nome de sua última coleção (*Light & Dark*), como as cores são utilizadas em seu último trabalho (*ton sur ton*) e o local onde será a exposição (*Modern Gallery*). Entretanto, será que não temos, em nossa língua, palavras e expressões com o mesmo sentido? O que deve ter levado a autora a usar tantas palavras estrangeiras em um texto tão curto?

Para analisar essa questão, voltamos ao que foi dito anteriormente: as intenções de quem escreve ou fala.

A artista, ao ser chamada de *designer* – em vez de desenhista de produto ou projetista – tem sua atuação profissional valorizada, já que um *designer* não só faz o desenho, como também cria algo novo. Além disso, ao batizar sua coleção com um nome em Inglês, a artista deve ter tido a intenção de posicionar seu trabalho em uma esfera mundial, não o restringindo ao público brasileiro. É como se o nome pudesse fazer com que a obra da artista tivesse um caráter internacional.

O dono da galeria, ao escolher para ela um nome em Inglês, parece ter tido a mesma intenção. Com um nome estrangeiro, a galeria abre-se como um espaço de arte do mundo e para o mundo.

A autora do texto, ao usar esses termos e expressões, marca seu público-leitor como um grupo de pessoas que têm interesses comuns, circulam nas mesmas rodas sociais e, portanto, compartilham de uma mesma linguagem, o que dá à autora e a seus leitores um *status* social diferenciado. Não se pode negar o caráter elitista desse uso. Nesse sentido, dizer "*ton sur ton*" tem um valor diferente do que teria "tom sobre tom".

Infelizmente, para alguns, dizer *sale* em vez de *liquidação* e *delivery* em vez de *entrega em domicílio* é "chique" e "diferente".

Sempre que você vir outros textos – notícias, marcas, nomes de estabelecimentos comerciais, anúncios – com termos ou expressões em línguas estrangeiras, pare e pense nas intenções e significados desse uso.

OS PRODUTOS CULTURAIS ESTRANGEIROS

Você certamente conhece produtos culturais estrangeiros, tais como músicas, filmes, programas de televisão, entre outros, que circulam em nossa sociedade. Vamos refletir sobre a presença desses produtos a partir de um exemplo bastante corriqueiro: a diferença entre tomar uma sopa de legumes batida no liquidificador e comer um prato de salada.

Na sopa, os ingredientes desmancham-se e formam um todo único no qual, mesmo que o sabor de um ou outro possa sobressair, torna-se difícil identificar cada um deles.

No prato de salada, por mais que os ingredientes estejam juntos, até mesmo picados, é bem mais fácil saber o que você está comendo: tomate, alface, cebola...

Você pode estar pensando: mas o que isso tem a ver com a presença de produtos culturais estrangeiros em nossa sociedade?

Tem muito a ver! Tecnologias modernas como a *Internet*, a TV a cabo, a telefonia e os sistemas de comunicação em geral aproximam e facilitam o convívio e as trocas entre culturas.

Para muitos, esse convívio é considerado prejudicial, fazendo com que as culturas de cada país passem por uma desestruturação, levando ao que se chama uma única cultura global. É como se toda a cultura produzida no mundo pudesse assemelhar-se à sopa de legumes batida no liquidificador!

Para outros, porém, o convívio entre as culturas pode ter efeito inverso, ou seja, a aproximação e o diálogo podem ser positivos, garantindo e aprofundando as particularidades e identidades originais de cada cultura – como no prato de salada!

Ao ler os textos a seguir, reflita sobre a posição e as opções dos artistas com relação à sua identidade cultural (características próprias da cultura de cada indivíduo).

DISSERAM QUE EU VOLTEI AMERICANIZADA

Vicente Paiva e Luiz Peixoto

Disseram que eu voltei americanizada
Com o "burro" do dinheiro
Que estou muito rica,
Que não suporto mais o breque do pandeiro
E fico arrepiada ouvindo uma cuíca.
(...)
Nas rodas de malandros, minhas preferidas,
Eu digo mesmo eu te amo e nunca I love you
Enquanto houver Brasil,
Na hora das comidas,
Eu sou do camarão ensopadinho com chuchu.

PAIVA, Vicente; PEIXOTO, Luiz. Disseram que eu voltei americanizada. In: VELOSO, Caetano. *Circuladô* (vivo). [S. l.]: Universal: Polygram, 1993. 1 CD.

NELLY FURTADO SE APRESENTA NO BRASIL EM MAIO

(Da Redação)

A canadense Nelly Furtado, premiada em 2001 com o Grammy de melhor cantora, vem pela primeira vez ao Brasil para uma única apresentação. (...) Furtado divulga seu CD de estréia, "Whoa, Nelly!", lançado em 2000, e que inclui o sucesso "I'm like a bird", pelo qual a cantora recebeu o prêmio mais importante da indústria fonográfica americana. As edições do disco lançadas no Brasil e em Portugal trazem o fado pop "Onde estás", totalmente gravado em português, que a cantora fala com fluência e um delicioso sotaque lusitano por ser filha de imigrantes portugueses. Furtado canta ainda um trecho em português na faixa "Scared of You".

UNIVERSO *ONLINE* – música
Disponível em: http://www.uol.com.br/musica/rapidas/ult89u2662.shl

Na letra da música, você deve ter percebido que, na primeira estrofe, são reproduzidas as críticas sofridas pela artista em relação a um possível abandono de suas raízes culturais: "disseram que eu voltei americanizada", "não suporto mais o breque do pandeiro".

Na última estrofe, a artista responde às críticas, reafirmando sua origem e, portanto, sua identidade cultural: "eu digo mesmo eu te amo e nunca *I love you*" e "eu sou do camarão ensopadinho com chuchu". É como se dissesse: "convivo sim, conheço sim, mas não deixo de ser quem sempre fui", ou seja, "não virei uma sopa de legumes!"

Na notícia, observamos que se trata de uma jovem cantora canadense, filha de imigrantes portugueses, cujo trabalho tem reconhecimento internacional (ganhadora do prêmio Grammy, que, na música, equivale ao Oscar do cinema). O interessante é que a cantora inclui, em seu repertório, um fado pop – combinação de dois gêneros musicais: o fado, tipicamente português, e a música pop, tipicamente norte-americana. E uma canção em Inglês, na qual há um trecho em Português.

Assim, na produção de uma única artista, vemos, ao mesmo tempo, marcas de sua inserção no mercado cultural mundial e da afirmação de suas origens. É o prato de saladas de que falamos anteriormente.

Apesar de o assunto ser bastante complexo, seu senso crítico o ajudará a posicionar-se diante desse fenômeno tão presente em nossa sociedade. As músicas que você ouve, os filmes e programas de televisão a que você assiste têm, sim, uma força ideológica que pode passar despercebida. Cabe a você a decisão de consumi-los indiscriminadamente, como se tomasse a sopa, ou avaliá-los de forma crítica e consciente, reconhecendo intenções e particularidades, como se comesse o prato de salada.

Desenvolvendo competências

5

Os testes presentes nesta parte do capítulo oferecem a você a oportunidade de avaliar seus conhecimentos e seu desempenho em relação às línguas estrangeiras modernas.

As respostas para todos os testes estão no final do capítulo.

Bom trabalho!

1. Leia o rótulo abaixo.

Pomodori Pelati, nesse caso, significa

a) tomates sem pele.

b) massa de tomates.

c) extrato de tomates.

d) tomates secos.

2. Com a globalização (integração e superação de fronteiras econômicas entre países), passou a ser comum encontrarmos uma grande diversidade de produtos, cujas embalagens são escritas em mais de uma língua (por exemplo, em Português e em Espanhol).

Isso ocorre porque

a) houve um aumento do número de imigrantes no Brasil nas últimas décadas.

b) facilita a comercialização de um mesmo produto em diferentes países.

c) os consumidores, no Brasil, falam e lêem fluentemente em línguas estrangeiras.

d) os produtos importados são mais caros que os nacionais.

3. Leia o texto abaixo.

LA MAISON DE VIVIENNE

Maisons de Poupées

Vente par correspondance

Je souhaite recevoir le catalogue de La Maison de Vivienne. Je joins mon règlement de 30 FF (remboursés dès ma première commande), par chèque, à l'ordre de La Maison de Vivienne – 19 Route de la Wantzenau – 67800 Hoenheim – Tel.: 03.88.87.31.00.

NOM: .... PRÉNOM: ....

ADRESSE: ....

CODE POSTAL: .... VILLE: ....

A partir da leitura, concluímos que o texto é um(a)

a) anúncio de venda de imóvel residencial.

b) agenda de endereços e telefones de imobiliárias.

c) ficha de inscrição para um sorteio de casa.

d) ficha de cadastro para solicitar um catálogo de casas de bonecas.

4. Na contracapa da revista de moda Marble Creations*, encontramos a seguinte informação:*

MARBLE CREATIONS IS PUBLISHED TWICE A YEAR:

- *Spring-Summer at newsstands on 15th January*
- *Autumn-Winter at newsstands on 15th July*

É correto afirmar que se trata de uma publicação

a) mensal.

b) anual.

c) bimestral.

d) semestral.

5. Leia o texto abaixo.

> MODULES IN REFRIGERATION
>
> *This course provides students with a basic knowledge of the technology of refrigeration, including system elements, procedures and the need for safe working practice.*

O texto é dirigido para alguém que

a) precisa fazer cotação de preços de refrigeradores.

b) procura um curso básico sobre refrigeração.

c) quer encontrar o capítulo correto de um livro sobre refrigeração.

d) procura um emprego de técnico em refrigeração.

6. Na embalagem de um produto, há as seguintes informações:

- *Do not use under fire.*
- *Non disperdere il contenitore nell'ambiente.*
- *Evite el contacto con los ojos.*

Após a leitura, concluímos que as informações

a) alertam o consumidor sobre os prejuízos que o produto causa ao meio ambiente.

b) informam o consumidor sobre os ingredientes do produto.

c) alertam os consumidores sobre a má utilização do produto.

d) informam que o produto é um alimento.

7. Leia o convite a seguir.

> *Venha visitar **La Luna**, a nova casa do restauranteur Silvio da Rocha, dono dos já famosos **Vecchio Mondo** e **Don Colombo**.*
>
> *O chef d'Onofrio o aguarda!*
>
> *Rua dos Cinco Amores, 32*
>
> *São Paulo – SP*
>
> *R.S.V.P. pelo telefone (11) 22333-444*

No texto, foram utilizados termos em línguas estrangeiras

a) porque os convidados são estrangeiros.

b) porque o dono do estabelecimento é estrangeiro.

c) para que venham brasileiros e estrangeiros ao estabelecimento.

d) para conferir ao estabelecimento um maior requinte e sofisticação.

8. Leia o seguinte diálogo ao telefone.

A: Alô, João? É o Marcos. Tudo bem?

B: Tudo bem. O que é que você manda?

A: Será que dá para você passar por aqui para consertar o meu mouse?

B: Acho melhor você trocar esse seu mouse. Já é a terceira vez que ele dá problema.

A: É verdade. Será que também dá para fazer um upgrading no meu hardware? Do jeito que está não dá mais para trabalhar!

B: Tudo bem. Vou aí no final da tarde.

O diálogo se passa entre

a) um usuário de computador e um técnico especializado.

b) um usuário de videocassete e um representante técnico.

c) um motorista de táxi e um mecânico.

d) um dono de loja e um marceneiro.

9. Leia, abaixo, o catálogo de uma livraria.

ITEM	CODE	PRICE
Dictionary of Business	*43494583*	*$ 21.00*
Diccionario de usos y dudas del español actual	*43213455*	*$ 19.00*
Diccionario General – Español - Portugués	*32345451*	*$ 14.00*
Dictionnaire d'Étymologie	*42341596*	*$ 34.00*
Universal-Wörterbuch - Portugiesisch	*432145543*	*$ 12.00*

Você precisa comprar um dicionário bilíngüe de Língua Espanhola. Indique a alternativa que contém o título que mais se aproxima de seu interesse.

a) Dictionary of Business

b) Dictionnaire d'Étymologie

c) Diccionario General – Español-Portugués

d) Diccionario de usos y dudas del Español

10. Na parte interna da caixa de um perfume feminino, lê-se: "Sometimes fantasies come true. You make them happen." A intenção dessa frase, neste contexto, é

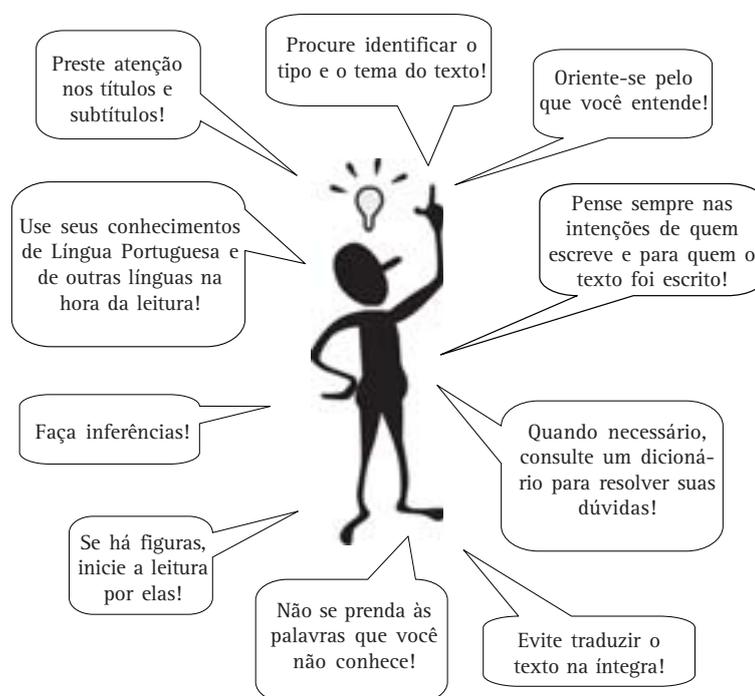
a) sugerir que o uso do perfume ajuda a pessoa a realizar suas fantasias.

b) dar um apoio a uma pessoa que está passando por um momento difícil de sua vida.

c) informar ao usuário a composição do perfume.

d) recomendar o uso do perfume no carnaval.

DICAS PARA LER TEXTOS EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Como posso ler textos em línguas estrangeiras?

Acredite: você pode, sim, ler vários textos em línguas estrangeiras! Basta tentar! Ler também se aprende lendo! Assim, o que é aparentemente difícil pode tornar-se mais fácil do que você pensa.

Conferindo seu conhecimento

1

Alimentação: chester, diet, cheeseburger, croûtons, hot dog

Informática: on line, internet, software, mouse, site, e-mail, home page

Vestuário: shorts, legging, stretch, twin-set, jeans, blazer

2

Propostas para aprender a ler textos

A versão do texto aqui apresentada deve servir como referência, pois não há uma única maneira de rescrevê-lo. O nome do lugar, Daquirana, e o nome da agência de viagens, Makerete, foram mantidos por tratar-se de nomes próprios.

Tipo de texto: anúncio de uma agência de viagens

Assunto: opção de roteiro de férias

Visite Daquirana

Praias estonteantes, com ondas altas e areias brancas, muitas atrações noturnas e maravilhosos restaurantes fazem de Daquirana um lugar perfeito para casais que queiram relaxar em um clima romântico.

Entre em contato com nossos operadores de viagem e descubra as opções de hospedagem nessa região paradisíaca.

Nossos preços são imbatíveis!

Com nossa ajuda, suas férias serão inesquecíveis!

3

Você pode ler em Italiano, Inglês e Francês

a) Para receber um folheto que explica os vários usos de uma ferramenta, você deve ler o texto em Francês, intitulado ***Nouveau: Kremil Multi Plus polyvalent qu'un couteau suisse****;*

b) para fazer funcionar um rádio portátil, você deve ler o texto em Inglês, intitulado ***SOUND Star FM radio****;*

c) para acrescentar uma receita em sua coleção, você deve ler o texto em Italiano, intitulado ***Fusilli spirale mantecati con Asparagi e Filetti di Sogliola****.*

I) cozimento = cottura; salgada = salata; vinho = vino; abundante = abbondante

II) trabalhos = travaux; facilmente = facilement; rua = rue

III) pressionar = press; baterias = batteries; automaticamente = automatically

4

Semelhanças e diferenças entre línguas

Cuchara = colher

a) O número 10 aparece duas vezes porque se refere tanto ao tamanho do filtro de papel quanto ao tamanho do porta-filtro;

b) tacita = xicrinha; hirviendo = fervendo;

c) a instrução número 3 adverte que não se deve mexer com a colher para não rasgar o filtro de papel.

Você é o vendedor

O catálogo contém produtos de higiene pessoal. Body & dental care = cuidados com o corpo e com os dentes; Hair care & perfume = cuidados com os cabelos e perfumes.

a) creme dental = toothpaste (código 2366)

b) perfume masculino = perfume for men (código 3765)

c) sabonete perfumado = scented soap (código 3745)

d) loção de limpeza para peles normais = lotion – cleanser for normal skin (código 2531)

Lendo notícias...

As respostas estão nas atividades.

5

Desenvolvendo competências

1.a; 2.b; 3.d; 4.d; 5.b; 6.c; 7.d; 8.a; 9.c; 10.a.

Orientação final

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Reconhecer temas de textos em LEM e inferir sentidos de vocábulos e expressões neles presentes.
- Identificar as marcas em um texto em LEM que caracterizam sua função e seu uso social, bem como seus autores/interlocutores e suas intenções.
- Utilizar os conhecimentos básicos da LEM e de seus mecanismos como meio de ampliar as possibilidades de acesso a informações, tecnologias e culturas.
- Identificar e relacionar informações em um texto em LEM para justificar a posição de seus autores e interlocutores.
- Reconhecer criticamente a importância da produção cultural em LEM como representação da diversidade cultural.

Capítulo III

QUERO O MEU CORPO DE VOLTA!

COMPREENDER E USAR A LINGUAGEM CORPORAL COMO RELEVANTE PARA A PRÓPRIA VIDA, INTEGRADORA SOCIAL E FORMADORA DA IDENTIDADE.

Mauro Gomes de Mattos e
Marcos Garcia Neira

Capítulo III

Quero o meu corpo de volta!

Quero o meu corpo de volta! O que estão fazendo com ele?

Depois de assistir à novela, é o que dá vontade de gritar. Repare como os programas de televisão estão repletos de gente bonita: mulheres com corpos esculturais, homens altos, fortes e com a barriga durinha. Não importa o canal nem o horário, a todo momento se vê essa situação. E o pior, durante as propagandas, é aparelho para isto, aparelho para aquilo, produto para aumentar os seios, os braços, as coxas; remédio para tirar barriga, para diminuir os quadris, afinar cintura, ou seja, mudar tudo.

O mais engraçado, porém, é que na vida real não se vêem pessoas como aquelas da televisão. Olhe à sua volta: onde estão? Vêem-se homens e mulheres normais com seus corpos normais, andando, trabalhando, no ponto de ônibus, correndo atrás das suas obrigações, criando seus filhos, enfim, vivendo.

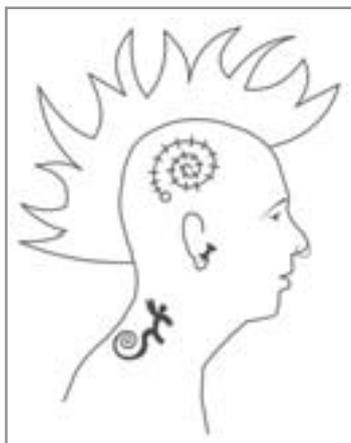
Constatada essa situação, surgem as dúvidas: qual a razão disso? Por que a separação entre uns corpos e os outros? Por que há – nas propagandas e na televisão – corpos bonitos e bronzeados; e na rua, nos escritórios, nas empresas, nas fazendas, nas casas, os corpos que vemos são diferentes? Será que isso influencia a forma de pensar dos homens e das mulheres?

Dê uma olhada nas pessoas à sua volta, busque essas respostas.

CORPO MARCADO

Note, por exemplo, que alguns usam roupas com nomes engraçados. Mulheres jovens costumam vestir trajes mais leves, deixando partes do corpo à mostra, enquanto as de mais idade usam roupas maiores, de cores diferentes. Alguns homens, dependendo da função que ocupam nos seus trabalhos, usam ternos escuros, enquanto outros, uniformes ou roupas comuns. Qual a razão disso? Se você observar bem, poderá notar que as roupas caracterizam as pessoas; é como se colocassem sobre elas determinadas marcas: idade, profissão, situação social. Assim, é o corpo que está sendo marcado.

E por falar em marcas nos corpos, quem não se lembra das tatuagens, dos brincos e dos modernos "*piercings*"?

Pense um pouco: por que alguns jovens enchem seus corpos de enfeites e de que forma os indivíduos marcavam seus corpos em outras épocas ou lugares?

Observe as imagens: ambos (o índio e o *punk*) usam enfeites nos corpos. Será que cada grupo possui as próprias marcas? O que você pode dizer sobre o significado desses corpos cheios de objetos? O que se pode concluir sobre o tempo e sobre o espaço dessas marcas? Cada uma possui um significado específico.

Durante a colonização, por exemplo, os brincos eram um símbolo de bravura e conquista dos navegadores que cruzavam os trechos perigosos dos oceanos. Na Antigüidade, as tatuagens marcavam os locais de onde provinham os escravos. E **hoje, qual será o significado dessas mesmas marcas?**

Pode-se dizer, por exemplo, que os surfistas utilizam certos tipos de tatuagens ou os fãs de conjuntos de rock costumam tatuar-se com outros desenhos. Há, portanto, marcas específicas até quando se pensa somente nas tatuagens.

Pode-se dizer que as roupas também correspondem a certos símbolos?

Por acaso você já parou para pensar que alguns personagens tão conhecidos da nossa História usavam roupas largas e pesadas e, em alguns casos, perucas?

Apesar de viverem em um país tropical, os homens da corte utilizavam sobretudos, meias-calças e coletes, enquanto as mulheres vestiam pesados vestidos, espartilhos, saiotes, meias etc.

Em uma época em que a religião determinava proibições e limitações aos corpos, qual poderia ser "a moda"? Seria possível debaixo desses limites de exposição do corpo utilizar minissaias, biquínis ou roupas apertadas?

Observe a imagem da senhora. Por que será que as mulheres, há alguns anos, "sofriam" com o uso de aparelhos no corpo ou, nos dias de hoje, sofrem para depilar-se ou tirar as sobrancelhas?

Sabe-se que o corpo sofre influências do ambiente histórico e social. Assim, pertencer a uma determinada classe social obrigava a mulher a mostrar uma imagem que correspondesse a uma certa visão. Todas as pessoas de uma mesma classe social vestiam-se de forma parecida.

Que imagem será que as mulheres que utilizavam espartilho pretendiam transmitir? O que o espartilho ou as cintas-liga ou a depilação fazem pela mulher?

AS MARCAS DO TRABALHO

Talvez essas marcas não sejam resultado da influência da religião ou da modificação dos costumes. Procure prestar atenção às pessoas que trabalham em diferentes tarefas profissionais: observe se a ocupação, assim como a religião ou a época, também modifica os corpos.

Você consegue apontar diferenças físicas entre um pescador e um balconista, entre um atendente de telemarketing e um carregador? Como é o tom da pele, como é a musculatura, como é a postura?

E já que o assunto é o trabalho: será que, ao exigir trabalhos corporais diferenciados, as profissões acabam modificando as formas do corpo? Tomando como exemplo um carteiro e analisando quais atividades executa, é possível determinar alguma transformação. Quando comparado a um rapaz que trabalha num escritório, quais diferenças poderão surgir? Possivelmente a ocupação trará modificações.

E, por falar em diferentes locais, as pessoas que se movimentam em espaços maiores — carteiro, agricultor, minerador etc — **modificam-se da mesma forma que o escriturário, o desenhista, o motorista ou o digitador?**

Aqui é bom lembrar que há lugares específicos para cuidar dos movimentos, lugares onde os movimentos são aprendidos. Vale a pena fazer uma comparação entre os gestos exigidos em um curso de computação e os gestos necessários durante o treinamento de operários em grandes máquinas, por exemplo.

Você poderá pensar também na sua própria atividade. Verifique se você executa atividades que repetem movimentos específicos de sua profissão, ou seja, existentes somente na atividade que você faz, desnecessários em outra situação do dia-a-dia? E, nesse caso, estão os atos de dirigir, costurar, trabalhar numa máquina, trabalhar na lavoura, pintar, digitar etc.

Procure relacionar esses movimentos que você faz com as situações colocadas anteriormente: a religião e os costumes que estabelecem marcas. A que conclusão chegou? Você aprendeu gestos novos para poder trabalhar?

Essa conclusão deixa outra dúvida em relação à possibilidade de as marcas deixadas no corpo pelo trabalho sofrerem modificações com o tempo, como aconteceu com as motivadas por religião e costumes.

Tente analisar os movimentos exigidos para arar a terra com um arado puxado por animais e compare à movimentação na mesma atividade realizada com um trator.

Já que o assunto é a modificação do trabalho, analise essas situações e veja o que pode entender. A impressão que fica é que tudo muda. Olhe a sua volta. Será que o progresso modificou os movimentos? Será que o homem e a mulher modernos possuem as mesmas características físicas, o mesmo tipo de gesto e a mesma maneira de agir que o homem e a mulher de duzentos anos atrás? Você pode pensar na quantidade de coisas que o homem inventou nesse tempo e tirar suas próprias conclusões.

A CULTURA CORPORAL

É possível perceber a quantidade de experiências às quais se está exposto. Elas mudam as atividades, mudam os movimentos e, se mudam tudo, talvez mudem também os nossos corpos.

Chama-se cultura essa grande quantidade de situações proporcionadas pelo ambiente social ao qual os seres humanos estão expostos.

Agora, fique atento ao seguinte: já reparou como o corpo se acostuma quando, num feriado, os horários são modificados? Dorme-se até mais tarde por dois dias e, lá no terceiro, fica difícil

acordar cedo para trabalhar ou levar os filhos na escola. Se acontece isso em um caso tão simples, o que acontecerá ao se exigir do corpo a repetição de muitos movimentos por muitos anos e sempre da mesma forma? Ou o que acontecerá se as situações da vida forçam o indivíduo a permanecer muito tempo em pé ou a ir muitas vezes a um mesmo lugar?

Procure agora reunir todas essas idéias: a religião e a possibilidade de modificações dos costumes, as alterações das atividades profissionais, as alterações das atividades do cotidiano. É possível pensá-las como elementos culturais, não é mesmo?

Então, talvez se possa dizer que a cultura interfere nos movimentos dos seres humanos, modificando-os, modificando seus corpos, sua aparência e suas possibilidades. O homem que ara a terra com o trator talvez não saiba ará-la com a parelha de animais; a mulher que hoje usa miniblusas nem pensa em usar espartilho e, por último, quem pensará em vestir-se com roupas pesadas em pleno verão brasileiro?

Assim, lembre-se novamente dos corpos que se apresentam na televisão. Tomando como referência tudo o que dissemos, você provavelmente deve conhecer alguém que esteja fazendo muitos sacrifícios para ficar com o corpo parecido com o corpo das pessoas da televisão, ou seja, magro, no caso das mulheres, e forte, no caso dos homens. Essa pessoa deve fazer regime e exercícios de maneira exagerada e usar roupas apertadas – somente para ficar com o corpo semelhante aos corpos dos artistas. É possível pensar que essa idéia de corpo seja passageira, que tudo mudará?

Seguindo as idéias acima, pare para pensar e imagine alguns exemplos de "mudança na moda dos corpos"; assim você poderá ajudar o seu amigo ou amiga.

A VELOCIDADE DAS MUDANÇAS

Há também outra questão quando se pensa na modificação do ambiente em que vivemos. Como lidar com a velocidade das modificações, quando todos sabem que levamos muito tempo para aprender a andar de bicicleta, a dirigir um automóvel, a costurar em uma máquina de pedal, a usar um determinado instrumento?

Recorde se existe algum movimento que você tenha aprendido recentemente, com um eletrodoméstico novo, um ponto de bordado, uma máquina nova onde você trabalha etc.; tente lembrar como reagiu.

A cultura se modifica com o passar do tempo e vai-se adequando à região e também a fatos de outros lugares. Tente, por exemplo, perceber se durante as refeições você se alimenta somente com produtos e pratos da sua terra ou se usa também alimentos de outra região, com o preparo de lá. Será que isso pode ser transferido para as roupas, a forma de falar e, por que não, para os gestos e o movimento?

Procure verificar suas próprias mudanças diante dessas modificações; observe o que você aprendeu de novo e o que não conseguiu aprender.

Apesar de enfrentar todos os dias as transformações no nosso ambiente, é possível que, simplesmente, você não se modifique ou se modifique plenamente (no caso de aprender a fazer o gesto novo muito bem) ou tenha aprendido somente uma pequena parte.

O que tudo isso significa, afinal? Repare se todas as pessoas lidam da mesma maneira com as novidades que surgem. Nem todos tiveram ou têm a mesma oportunidade de aprender a usar um computador, por exemplo. Alguns jamais dirigiram um trator, outros nem se aproximaram de uma bicicleta.

Portanto, o que você conclui quando verifica todas essas diferenças?

Tomando como referência a sua conclusão, cabe rever as propagandas da televisão. Em geral, elas aconselham o uso de equipamentos da mesma forma por duas pessoas diferentes para deixar o corpo mais bonito. Nesse caso, compare-se a um conhecido que possua uma história de movimentos diferente da sua, mas que executa as mesmas atividades. **Será que obterão os mesmos efeitos?**

Esse é um fato muito importante e deve ser analisado no momento da escolha das atividades a serem realizadas.

AS TRANSFORMAÇÕES DO MOVIMENTO

Há, porém, outra questão que deve ser lembrada. Tente recordar a última vez em que ficou muito tempo fazendo a mesma atividade de forma repetitiva. O que você sentiu? Agora, pense em alguém fazendo os mesmos movimentos várias vezes por dia durante meses ou anos. Que espécie de conseqüências a repetição exagerada de movimentos pode trazer para o indivíduo? Há muitos casos desses nos dias de hoje. São razões para dores e afastamentos do trabalho.

Para essas pessoas que têm seus movimentos "presos", limitados, cansativos, qual será a melhor coisa a fazer? Em algumas empresas, por exemplo, os operários mudam de função semanalmente, para evitar a repetição dos gestos. Se você pensar bem, fazer movimentos de maneira repetitiva e com freqüência pode não ser uma coisa boa para o ser humano.

Até agora, foram lembrados somente os movimentos realizados no dia-a-dia.

Pensando em outras formas de utilizar o corpo, observe e procure identificar o que há de diferente entre os movimentos que você executa no seu trabalho e os de um companheiro que realiza uma outra tarefa.

Será que os movimentos são utilizados somente nas tarefas do dia-a-dia e nas atividades profissionais ou pode existir outra espécie de situação na qual eles ocorrem?

Pense um pouco nas seguintes etapas de evolução da humanidade:

O homem aprendeu a nadar para atravessar rios ou lagos para, nas outras margens, encontrar alimento e melhores condições de vida. Aprendeu também a usar lanças, espadas e pedaços de madeira como armas, a fim de defender-se de animais perigosos. Começou a usar os animais como meio de transporte, economizando a própria energia e arremessou pedras ou atirou flechas para defender-se e caçar.

Você poderia pensar como essas situações se modificaram e quais as suas características na atualidade. Levando-se em consideração o fato de que elas não deixaram de existir, é possível afirmar que essas situações não são usadas da mesma maneira ou com a mesma intenção. **Reflita sobre isso e tente localizar o lugar desses mesmos movimentos (ou parecidos) na sociedade atual.**

Ao compararmos as duas situações, você deve ter percebido prontamente os papéis diferentes para a utilização dos gestos ou movimentos.

Há uma quantidade muito grande de atividades que utilizam movimentos com outras finalidades, além do trabalho ou das atividades diárias. Os seres humanos, ao longo do tempo, transformaram alguns movimentos do trabalho ou necessários à sobrevivência, copiaram outros da natureza e, em certos casos, uniram as duas coisas.

Por outro lado, essas transformações foram motivadas por algo. Afinal, a necessidade de arar a terra fez o homem inventar e utilizar o arado e, posteriormente, o trator. Procure se lembrar, por exemplo, dos filmes de lutadores antigos que usavam equipamentos como escudos, espadas e lanças. Você vê esse tipo de instrumento em algum lugar? Quando os filmes mostram cenas de lutas você identifica judô, boxe, caratê ou capoeira? **Por que será que surgiram as lutas?**

É bastante conhecida, por exemplo, no caso brasileiro, a história do povo africano que, vivendo nas senzalas, inventou a capoeira. Enquanto fingia estar dançando, treinava golpes para defender-se dos seus opressores. Será que o mesmo fenômeno se repete no caso dos jogos, das lutas, dos esportes, da dança?

Assim como surgiram lutas diferentes em locais e épocas diferentes, podem ter surgido jogos tradicionais, esportes típicos e danças regionais, não é mesmo?

A CULTURA DO ESPORTE

Verifique esse fato conversando com amigos que passaram a infância em cidades distantes da sua. **Pergunte a eles quais brincadeiras eles praticavam; em caso de serem diferentes das suas, tente saber um pouco mais sobre elas e perceba o que levou as crianças, apesar de terem nascido no Brasil, a utilizar jogos diferentes como diversão, dependendo da região onde cresceram.**

Por razões parecidas, observe um jogo de futebol entre seleções de dois países. Verifique se ambas jogam com o mesmo ritmo ou da mesma forma. **Procure explicar as semelhanças ou as diferenças, sem esquecer que o esporte é o mesmo, com as mesmas regras para os dois times.**

E qual razão motiva um grupo de jovens a se interessar por um tipo de dança, acompanhada por roupas pretas, por exemplo,? O que motiva um grupo, às vezes do mesmo bairro, mostrar-se interessado por uma dança totalmente diferente dos seus conterrâneos, chegando ao ponto de existirem momentos de disputa e confusão entre os dois grupos?

Talvez, analisando as razões dessas diferenças, você conclua que elas estão na origem dos diversos tipos de jogos, das variadas modalidades esportivas e da riqueza de ritmos que a humanidade inventou. Mais uma vez, as condições dos locais e as reações humanas a essas condições fizeram nascer certas modificações nos movimentos dos povos, o que fez surgir um tipo de cultura para os movimentos inventados pelos indivíduos diferente dos movimentos do trabalho ou da vida diária: a cultura corporal.

Desenvolvendo competências

1

Preste atenção às imagens apresentadas e procure definir que espécie de situação fez surgirem essas culturas corporais específicas.

Compare os dois quadros com as demais atividades praticadas no nosso país.

Que condições fizeram aparecer cada uma dessas situações? O que determinou, por exemplo, o surgimento de modalidades esportivas e competições de esqui? O que fez nascer a dança do Bumba-meu-boi? Conseguiríamos entender o esqui em um país tropical ou o Bumba-meu-boi em uma grande cidade?

No caso da dança regional, da capoeira ou do futebol de praia, quais são as razões e motivos que fizeram surgir essa cultura corporal?

FORMANDO A CULTURA CORPORAL

Parece clara a idéia de que, ao nascer em uma determinada localidade, com práticas da cultura corporal de movimentos específicos, os homens e as mulheres terminam por aprendê-las e desenvolvê-las, modificando seus corpos com essa prática. Assim, nascer em uma determinada região do Brasil e numa determinada época irá possibilitar o acesso a uma certa cultura corporal em alguns pontos diferente da de outras regiões ou épocas.

Porém, um determinado fato merece um pouco mais de atenção. Experimente unir as informações acima, os movimentos da cultura corporal que todos copiamos dos mais velhos, com os novos movimentos exigidos pelo trabalho ou pelas tarefas diárias. Em seguida, reflita sobre as dificuldades e facilidades em aprender esses movimentos. O que significará a união de todos esses fatores?

Pense no seu caso, por exemplo. Você nasceu em um local e num determinado momento. Aprendeu e praticou ao longo da vida alguns jogos, conheceu talvez algum esporte e dançou um ou mais tipos de música. Desde criança, realizou algumas tarefas em casa e vestiu-se com as roupas do seu tempo. Ao entrar no mundo do trabalho, aprendeu uma profissão que exigiu gestos especiais. O que será que a soma de tudo isso significa?

Faça algumas comparações entre os seus movimentos e os movimentos das pessoas que estão à sua volta; tente entender os caminhos que marcaram as diferenças e o surgimento das igualdades.

O que se pode concluir sobre aqueles corpos da televisão quando se observa que as pessoas, muitas vezes, experimentam situações absolutamente diferentes ao longo da vida?

A sugestão é que você, após pensar um pouco sobre o que foi dito, procure entender por que alguns indivíduos têm movimentos tão bons que chegam a se tornar profissionais que trabalham com os movimentos, como os jogadores de futebol, bailarinos, lutadores de boxe etc.

Verifique, na televisão, por exemplo, que algumas pessoas conseguem realizar movimentos muito complicados e arriscados: mergulhar de uma grande altura dando piruetas, fazer jogadas difíceis no futebol, fazer acrobacias no circo etc.

Como eles chegaram até esse nível?

Isso tudo pode fazer pensar o seguinte: como foi dito antes, as habilidades humanas surgiram como necessidades de sobrevivência, em movimentos como a corrida para fugir de animais selvagens, o salto para alcançar frutas nas árvores, o arremesso para caçar e as lutas para defender seu espaço. Hoje essas situações foram substituídas pela ida à feira e ao supermercado e por contratos de compra, venda e aluguel dos imóveis.

O que faz os movimentos existirem em forma de cultura corporal? Por que eles simplesmente não desapareceram? Preste atenção nessa pergunta e procure lembrar-se de algum povo ou um local que não tenha nos seus costumes algum tipo de cultura corporal: será que existe?

As festas, para todos os povos, são momentos de comemoração, e nelas sempre há danças. As competições, todos sabem, têm uma origem muito antiga. As crianças brincam tanto que parece que nasceram sabendo jogar.

A DIMINUIÇÃO DOS MOVIMENTOS

Você consegue pensar numa vida sem movimentos?

O ser humano precisa movimentar-se; ele vive do movimento. É movendo-se que o homem vive. Daí, quando você se recorda dos meios de transporte (ônibus e trem), dos aparelhos automáticos com controle remoto e de todas as facilidades que o homem inventou, o que acaba acontecendo com todos os movimentos que nós fazíamos e que não fazemos mais? Andávamos maiores distâncias, levantávamos do sofá para mudar o canal, aumentar o volume da televisão. Essas ações estão desaparecendo.

A diminuição da quantidade de movimentos feitos por dia provocou alguns problemas. Por exemplo, aquela energia obtida pelos alimentos para a

realização das tarefas que existiam no passado já não é tão necessária. Pelo mesmo motivo, a invenção de facilidades, os alimentos sofrem mudanças pela indústria e acabam diminuindo de qualidade.

Como um dado a mais, você pode pensar nas pernas daquele carteiro a que nos referimos nas páginas anteriores.

Como serão? Como ficam os braços de uma pessoa que trabalha no corte da cana?

Há uma relação entre o uso do corpo e a forma que ele adquire; logo, haverá também relação entre a falta de uso e a forma, não é mesmo?

Se o carteiro mudar de profissão, o que acontecerá com suas pernas? E o cortador de cana, se usar uma máquina ao invés do facão, o que acontecerá com seus braços?

Se você juntar todos os fatos — a diminuição da quantidade de movimentos no dia-a-dia e as modificações corporais trazidas por essa modificação —, verá que o homem e a mulher modernos estão pagando um preço muito alto pela falta de movimentos.

Pensando nisso, descubra o que propiciou o surgimento de um novo mercado de remédios para emagrecer, produtos para aumentar o tamanho dos músculos e locais para fazer exercícios.

Será que todos devem fazer um monte de exercícios e usar todos os produtos?

Lembre-se de que, nas páginas anteriores, comentou-se que algumas pessoas sofrem sérias conseqüências exatamente pelo excesso de movimentos repetitivos do trabalho e também pelo fato de permanecerem muito tempo em más posturas. Afinal, se você fica muito tempo em pé, começa a sentir dores e cansaço nas costas e nas pernas. Em alguns momentos do dia, você terá que carregar algo um pouco mais pesado ou atravessar uma rua correndo, ou ainda, pular uma poça de água. Algumas situações obrigam a fazer maiores sacrifícios corporais.

Se a falta de movimentos traz problemas ao ser humano e o excesso também, você terá que definir o que faz bem.

O que é preciso fazer, quando se permanece muito tempo sentado? O que é preciso fazer, quando se executam movimentos repetitivos por muito tempo? Seu bem-estar irá depender disso.

Perceba que o ato de carregar objetos pesados, ficar de pé por muito tempo poderão trazer conseqüências para o corpo. Deixarão os indivíduos com algumas dores nas costas e nas pernas, talvez.

O que eles podem fazer para compensar esse esforço?

Imaginando essas situações, você poderá perceber que algumas regiões do corpo estão sobrecarregadas, tensas, duras.

Quando as pessoas puderem se sentar, o que será mais aconselhável?

Para compreender um pouco mais essa questão, observe um pouco os animais domésticos. Quem nunca viu um gato ou um cachorro se espreguiçando? Por que até mesmo os animais adotam esse cuidado?

Enquanto alguns movimentos, como carregar objetos pesados ou andar grandes distâncias quando a mulher está nas últimas semanas da gravidez, podem trazer muita tensão; outros podem ser feitos para relaxar os mesmos grupos musculares que foram muito exigidos. Se você já experimentou uma dessas situações, deve ter percebido que estender o corpo após o esforço traz uma sensação de alívio.

Neste ponto, retome a idéia de cultura corporal. **Que espécie de imagem transmitirá o corpo de um indivíduo que vive acumulando muitas tensões durante o dia ou uma senhora grávida que não execute alguns movimentos para relaxar?**

OS BENEFÍCIOS DO MOVIMENTO

O relaxamento e a descontração física podem ser alcançados pela prática de certos movimentos. Mas, os movimentos não trazem somente esse tipo de bem-estar. Se você prestar atenção, verá que há outra espécie de benefícios nos quais os movimentos têm grande participação.

Procure, por exemplo, lembrar-se da última vez em que dançou em uma festa, daquele encontro entre amigos, quando alguém aparece com uma bola para jogar qualquer jogo. O que acontece quando aparece um violão ou um pandeiro no meio de uma roda de pessoas? Por que nas reuniões festivas, os indivíduos cantam músicas juntos e balançam seus corpos ao ritmo? Pense no que sente ao brincar na água com as crianças, afundando e jogando água uns nos outros.

Faça uma comparação entre as situações cotidianas acima e uma torcida de um clube de futebol durante um jogo importante ou, se preferir, pense no que você sente quando, simplesmente, tem um tempo para fazer aquilo de que mais gosta. Se você analisar cada uma das situações, perceberá semelhanças, ou seja, existem momentos em que a prática da cultura corporal de movimentos traz prazer e satisfação.

Observe à sua volta a quantidade de informações disponíveis sobre o futebol. Repare o tempo que esse esporte ocupa no rádio e na televisão: transmissão de jogos, comentários, reportagens, muitos profissionais de áreas variadas envolvidos. Tudo isso deve ter alguma razão, deve significar algo para a população.

O que há de comum entre um bebê chorando e pessoas se abraçando? Pense: para que o bebê usa o choro e por que as pessoas se abraçam? Há algo de muito importante que é transmitido principalmente pelos movimentos.

Se você parar para pensar, vai perceber que nos jogos finais dos campeonatos mais importantes ou no caso da Copa do Mundo, por exemplo, as pessoas se envolvem, comentam, participam. A televisão e o rádio ocupam muito tempo com informações sobre o jogo, os times; os jogadores filmam entrevistas; muitos homens e mulheres fazem parte de torcidas organizadas etc.

Para entender melhor essa questão, observe as imagens de um jogo de futebol na televisão e identifique as razões que levam tantos indivíduos a participar de forma tão intensa nesses eventos.

Como pôde constatar, há algo que contagia as pessoas envolvidas com as atividades da cultura corporal. Durante a Copa do Mundo, por exemplo, o país fica atento aos jogos da seleção. Da mesma maneira, todos sabem cantar ao menos uma música de Carnaval e a maioria das pessoas recorda com saudade as brincadeiras da infância.

Pode-se dizer que a importância disso é tão grande que chega a invadir até a nossa forma de falar. Preste atenção, por exemplo, nas expressões abaixo e procure identificar o que elas querem dizer: “Estou na área! Em time que está ganhando não se mexe! Olhe lá hein, não vá pisar na bola! Ei, cuidado que o patrão pode te dar um cartão vermelho!”

PARTICIPANDO DE ATIVIDADES CORPORAIS

A maioria das pessoas gosta de participar de jogos e brincadeiras com as pessoas queridas. Em algumas festas infantis são os adultos os que mais se divertem. Os movimentos transmitem emoções, podem inclusive ser usados para querer dizer algo a alguém.

Observe a postura, por exemplo, de alguém que está prestando atenção ao que você está falando ou de alguém que esteja descansando depois de um dia de trabalho puxado. Preste atenção no rosto de duas pessoas que se gostam, enquanto conversam. Em que posição ficam os seus ombros quando você está triste ou bastante chateado com alguma coisa?

Não basta verificar e encontrar a razão disso tudo. É preciso compreender o que deixa as pessoas tão felizes. Sobre isso, já deve ter observado que é possível encontrar prazer em algumas atividades e em outras não. Há brincadeiras que nos fazem sentir bem, assim como há músicas que gostamos de dançar e cantar.

Quando você era criança, preferia brincar com o grupo da sua idade ou com as crianças mais

velhas? Ao pular corda, jogar futebol, brincar de amarelinha, você acabava escolhendo um certo grupo.

O que o fazia tomar uma decisão?

Da mesma maneira, como homem ou mulher adultos, se nos momentos de lazer, ao cantar uma música com os amigos ou familiares, por exemplo, alguém começa uma canção que poucos conhecem, que atitude você toma?

Essa mesma observação pode ser levada para todas as outras situações em que a cultura corporal se faz. Os homens, de maneira geral, prefeririam assistir a um jogo de futebol ou jogar? As mulheres preferem ouvir uma música bonita, por exemplo, ou tentar acompanhá-la cantando ou dançando?

O que impede que algumas pessoas participem das atividades e como lidam com isso é algo com que todos devem preocupar-se, quando se acredita que os movimentos são parte da cultura de um povo.

Pense um pouco sobre isso e tente encontrar alguma maneira de fazer com que as pessoas participem das atividades corporais da sua comunidade.

Quando alguém experimenta participar de alguma atividade e logo se afasta, fez isso por alguma razão. Você mesmo pode encontrar a solução para ajudar essa pessoa.

Vamos supor que você fosse escolher, entre várias possibilidades, uma modalidade de dança para divertir-se com seus amigos e familiares: balé clássico, jazz, samba, forró, dança de salão. Qual das propostas você considera mais atraente? Pense nos motivos da sua escolha. Observe que, por alguma razão, um desses tipos de dança atrai certas pessoas, e outros são praticados por um grupo limitado, experiente.

Se você se recordar como se dá a formação da cultura corporal, vai ficar mais fácil responder às perguntas abaixo.

Desenvolvendo competências

2

a) Imagine uma pessoa que não conheça uma música que o grupo de amigos começou a cantar. Chateada, ela se afasta do grupo. ***Como fazê-la voltar?***

b) Imagine que um amigo não sabe as regras de um certo jogo de cartas ou não se lembra de como se joga damas, por exemplo. ***Como ajudá-lo?***

c) Agora, imagine que alguém queira participar de uma caminhada ou, simplesmente, acompanhar um passeio em grupo e o ritmo das passadas esteja muito forte para ele. ***O que seus companheiros poderão fazer?***

Há algumas alternativas para essa questão. Mas a tentativa de estender a oportunidade de participação à maior quantidade possível de pessoas é um bom começo para orientar a sua decisão. Esse princípio não é levado em consideração quando se organizam competições de alto nível com a participação de atletas.

Nesse momento, está se falando de outra particularidade da cultura corporal, aquela que inclui os clubes, o pagamento de salários, os testes de seleção e as premiações, que não envolve a maioria dos brasileiros. As atividades que todos podem desenvolver, muito importantes para a população, são, sem dúvida, de outro tipo.

A INFLUÊNCIA DO ESPORTE

Em relação ao esporte, pode-se ainda recordar um aspecto muito importante e que merece a sua atenção. Que outra manifestação humana permite o contato entre pessoas de povos absolutamente diferentes, quando são consideradas sua história, sua identidade, sua religião, suas particularidades? O que torna o esporte algo capaz de aproximar, ao menos no momento da disputa, pessoas de origens tão diversas?

Pense nos jogos da Copa do Mundo a que você assistiu e procure identificar os elementos que tornam possível o encontro desses povos nesse evento.

Graças à possibilidade que a cultura esportiva tem de possibilitar, por meio dos movimentos, a participação de culturas diferentes é que tem aumentado a freqüência de pessoas às atividades esportivas a cada ano que passa. Um bom exemplo é a tradicional Corrida de São Silvestre realizada no último dia do ano na cidade de São Paulo. Esta prova recebe atletas estrangeiros, pessoas que praticam atividade física constantemente e muitos que estão apenas participando com a intenção de completar a corrida.

O que a torna tão atrativa ao indivíduo comum?

Se você comparar as características desse evento com outras competições, poderá reunir uma série de fatos que estimulam os indivíduos à prática das atividades da cultura corporal e outros que os afastam. Pense mais sobre isso, procure descrever esses fatos, pois é o conhecimento sobre eles que permitirá ao cidadão escolher quais atividades são mais adequadas.

As atividades competitivas e, dentre elas, o esporte profissional, estão limitados a um pequeno grupo de pessoas e, apesar disso, ganharam um espaço muito grande nos últimos anos, devido, principalmente, à influência da televisão, jornal e rádio.

Tente entender por que isso aconteceu agora e não cem anos atrás. Somente os meios de comunicação seriam os responsáveis ou haverá algo que incentive esse pensamento competitivo?

Quando uma criança chega em casa depois de ter feito uma prova na escola, qual é a maior preocupação dos pais? Os filmes a que assistimos na televisão dão a todos os personagens um final feliz? Qual a razão de preferirmos sempre notas boas e que os heróis terminem vencendo no final? Você consegue imaginar uma escola onde todos os alunos conseguem ir bem e um filme onde não haja heróis que terminam bem e bandidos que terminam mal? Como pode ver, a idéia de ganhar de qualquer maneira, de sempre ficar por cima nas situações da vida, não é exclusiva dos esportes.

Tente descobrir por que o esporte é tão divulgado. Será que ele tem as mesmas idéias da sociedade moderna?

Já foi dito que a cultura de uma sociedade marca os corpos de maneiras diferentes. As oportunidades em cada sociedade também são diferentes.

Será que a sociedade atual dá oportunidades iguais ou diferentes às pessoas?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retorne ao que foi dito nas idéias das primeiras páginas. Preste atenção novamente aos corpos e às idéias que a sociedade nos impõe, aqueles mesmos da televisão ou das competições. O que estão querendo transmitir e transformar em verdade? Observe se não há elementos parecidos entre aqueles corpos e os valores divulgados na sociedade.

Será que é essa a melhor maneira de ser? A única que deixará o homem e a mulher felizes? Todos nós temos buscado alcançar um tipo de corpo diferente do nosso. Pergunte aos seus amigos e vizinhos se gostariam de modificar alguma coisa nos seus corpos. Provavelmente, alguns gostariam de emagrecer, outros de serem mais altos, outros ainda mais rápidos para fazer as tarefas diárias etc. Assim, adotamos para nós uma idéia que, na verdade, nos foi imposta por vários meios e que talvez interesse somente a um determinado grupo social.

São poucos os que reagem, são poucos os que reclamam. A impressão que dá é que, simplesmente, as pessoas se acostumaram a isso.

Quero o meu corpo de volta!

Orientação final

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Identificar aspectos positivos da utilização de uma determinada cultura de movimento.
- Reconhecer as manifestações corporais de movimento como originárias de necessidades cotidianas de um grupo social.
- Analisar criticamente hábitos corporais do cotidiano e da vida profissional e mobilizar conhecimentos para, se necessário, transformá-los, em função das necessidades cinestésicas.
- Relacionar informações veiculadas no cotidiano aos conhecimentos relativos à linguagem corporal, atribuindo-lhes um novo significado.
- Reconhecer criticamente a linguagem corporal como meio de integração social, considerando os limites de desempenho e as alternativas de adaptação para diferentes indivíduos.

Capítulo IV

A ARTE NO COTIDIANO DO HOMEM

COMPREENDER A ARTE COMO SABER CULTURAL E ESTÉTICO GERADOR DE SIGNIFICAÇÃO E INTEGRADOR DA ORGANIZAÇÃO DO MUNDO E DA PRÓPRIA IDENTIDADE.

Beatriz Dutra de Medeiros e
Lídia Mesquita

Capítulo IV

A arte no cotidiano do homem

APRESENTAÇÃO

Você já deve ter ouvido falar muitas vezes na palavra Arte. O que significa para você essa palavra? Ao observar o mundo à sua volta, você consegue perceber como a Arte faz parte dele? Ela pode estar presente o tempo todo na nossa vida, sem muitas vezes nos darmos conta disso.

Quando você caminha pela sua cidade, já prestou atenção nas construções das casas ou igrejas, nos monumentos das praças ou até mesmo nas formas dos automóveis que circulam pelas ruas? Será que tudo isso pode ser considerado Arte?

A Arte envolve sempre imaginação e criatividade de quem a faz e é essencial ao ser humano como mais uma forma de expressar suas idéias ou emoções. Por quê? Porque possui uma maneira própria de traduzir as idéias e emoções humanas, por meio de suas diferentes linguagens artísticas, que utilizam as imagens na pintura, na escultura, na arquitetura, os sons e os ritmos na música, a palavra na literatura, ou os movimentos na dança e no teatro.

A ARTE NECESSARIAMENTE ENVOLVE BELEZA?

Você já parou para pensar sobre a questão da beleza? Se fosse dar um exemplo de beleza, o que escolheria: um amanhecer, o rosto de uma criança? Os conceitos de Arte e Belo não são universais, eles podem variar de acordo com o tempo, o local e a sociedade em que vivemos.

O prazer que sentimos, ao apreciar uma obra de arte, vem da emoção que ela nos traz através da **cor**, da **forma**, do **som**, da **palavra** ou do **movimento**.

Para cada pessoa, pode variar o elemento que desperta essa emoção. O meio cultural e social, o sexo, a faixa etária e a sensibilidade são fatores que influenciam a emoção que cada um de nós sente ao apreciar uma obra de arte.

Ao longo do tempo, a história da arte tem nos mostrado a mudança da percepção do homem em relação ao belo. O que foi belo no passado pode não ser considerado belo hoje e o que é belo hoje pode não o ser no futuro.

Observe as esculturas a seguir. Veja como os artistas expressam, em suas obras, os modelos de beleza de suas culturas e do seu tempo. Repare os tipos físicos, as roupas, os enfeites e os penteados. Imagine essas mulheres caminhando pelas ruas de sua cidade: será que despertariam curiosidade? Compare os padrões de beleza representados na Arte da escultura com as belas mulheres que você conhece. Veja como são diferentes.

Figura 1 – Afrodite, deusa do amor (Arte Grega)

Figura 2 – Maitreya de pie, Nepal, Cobre dourado e policromado, século IX-X – Museu Metropolitan, Nova York, EUA.

A VALORIZAÇÃO DO BELO

Acredita-se que a preocupação do ser humano com o belo originou-se na Grécia Antiga, quando se definiram os primeiros conceitos de beleza ocidentais, que nos influenciam até os dias de hoje. Para o povo grego, tudo deveria ser bem feito, desde o mais simples vaso até a sua monumental arquitetura. A consciência do belo trazida pelo pensamento grego tornou possível chamar de **Arte** as pinturas, esculturas, músicas, encenações teatrais, danças e poesias. O belo foi ligado à busca da perfeição.

A BUSCA DA BELEZA CORPORAL

Você já reparou, ao passar por uma banca de jornais, quantas revistas apresentam "soluções" para que se consiga uma boa forma física? Note que há uma valorização muito grande do que seria o "corpo perfeito". Todo ser humano deseja ser belo dentro dos padrões da sociedade em que vive. Atualmente, o culto à beleza pode virar uma idéia fixa, a ponto de levar mulheres a se tornarem esqueléticas ou siliconadas e homens a desenvolverem demasiadamente seus músculos. Isso nos leva a constatar que o belo, como qualquer outro valor, pode ser construído e desconstruído na sociedade.

> *Siliconadas – pessoas que, com o auxílio da medicina, utilizam o material silicone para moldar o corpo, de acordo com o padrão de beleza feminino instituído pelas sociedades modernas.*

Alguns povos, por diversos motivos, decoram seus corpos, como forma de expressão estética e cultural. Essa prática, analisada por pessoas de diferentes sociedades, pode ser considerada feia e até criar preconceitos.

Agora pense na nossa sociedade. Hoje é muito comum vermos tatuadas pessoas de diferentes classes sociais. No entanto, há alguns anos, as tatuagens eram vistas como sinônimo de marginalidade. Em nossos dias, mesmo que não sejam apreciadas por todos, elas podem ser reconhecidas como belas expressões artísticas.

O PADRÃO DE BELEZA FEMININO

A beleza da mulher e a sua mudança visual têm sido muito retratadas na História da Arte. Sabemos que o padrão de beleza feminino tem se modificado no decorrer dos tempos. O que era belo para as gerações passadas já não o é atualmente. As formas femininas tinham muito mais curvas e volumes, chegando até ao que chamamos, hoje em dia, de obesidade (gordura).

A pintura reproduzida a seguir foi realizada por Peter Paul Rubens, em 1693. Ao pintar essas mulheres, Rubens fez uma homenagem à beleza do seu tempo.

Analise a evolução da estética feminina relacionando o quadro *As Três Graças* com o que é considerado belo nos dias de hoje.

- Como você vê as formas físicas das mulheres representadas neste quadro?
- Se este quadro fosse pintado hoje, estas mulheres seriam consideradas belas? Por quê?

Figura 3 – RUBENS, Peter Paul. *As 3 Graças*. 1693. Óleo sobre tela. Museu do Prado, Madri, Espanha.

BELEZA TIPICAMENTE BRASILEIRA

Muitos artistas brasileiros preocuparam-se em valorizar nosso padrão de beleza. Um deles foi o pintor Di Cavalcanti que, mesmo tendo sido influenciado por artistas estrangeiros, como Picasso, soube mostrar em sua pintura um profundo respeito pela nossa raça e cultura, revelado muitas vezes na sensualidade e beleza da mulata brasileira.

Di Cavalcanti (1897-1976) – Importante pintor e desenhista nascido no Rio de Janeiro.

Pablo Picasso (1881-1973) – Pintor, escultor e desenhista espanhol. Considerado um dos maiores artistas do século XX.

Desenvolvendo competências

1

Esse mesmo respeito pode ser encontrado também em outras linguagens artísticas. Ao relacionar a pintura de Di Cavalcanti com o trecho da letra da música dos compositores brasileiros Ary Barroso e Luís Peixoto, é possível ver nestas duas obras um traço comum, ou seja, a valorização:

a) de diversas classes sociais brasileiras.

b) do tipo físico brasileiro.

c) do patrimônio arquitetônico brasileiro.

d) da musicalidade brasileira.

Figura 4 – DI CAVALCANTI. *Mulata na Varanda*.
Óleo sobre tela. Coleção particular.

É LUXO SÓ

Olha, essa mulata quando dança
É luxo só
Quando todo seu corpo se embalança
É luxo só
Tem um sei-quê que faz a confusão
O que ela não tem, meu Deus, é compaixão
Êta mulata bamba!
Olha, essa mulata quando dança
É luxo só

BARROSO, Ary; PEIXOTO, Luis. *É luxo só*. [s.n.].

O BELO NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Os meios de comunicação são responsáveis, muitas vezes, por divulgar e até mesmo manipular os padrões de beleza. Através da televisão, revistas ou jornais, podemos ter acesso ao que está ou não na moda, ao que é considerado feio ou bonito. Muitas vezes, determinados conceitos nos são impostos por propagandas, que nos levam a usar um sapato ou uma roupa pelo simples fato de estarem na moda, mesmo não nos agradando tanto. Já aconteceu alguma vez com você, ao pegar uma antiga foto sua, se perguntar como teve coragem de se vestir daquela maneira? Isso revela como até o gosto pessoal é influenciado pela sociedade e pelos meios de comunicação.

O QUE É BELO HOJE?

Nem sempre a Arte tem a preocupação de retratar o belo. A Arte Contemporânea, que é a arte do nosso tempo, busca uma nova definição para a relação entre Arte e Belo. Hoje, podemos afirmar que nem tudo que é Arte é Belo e que nem tudo que é Belo é Arte. Enfim, o artista atual, que vive em uma sociedade que está sempre mudando, não se sente mais comprometido em retratar o belo, mas em criar uma comunicação entre sua obra e a pessoa que a observa.

QUANDO NASCEU A ARTE?

As primeiras formas artísticas surgiram durante a Pré-História. Começava, ali, um novo capítulo da história do homem: estava nascendo a Arte. Como você pode perceber, a Arte é quase tão antiga quanto a humanidade, sendo essencial ao homem como um meio de expressar suas emoções e, muitas vezes, de produzir o seu trabalho. Mas como podemos ter a certeza de que já existia a Arte na Pré-História, se não havia a escrita e os meios de comunicação atuais? Sabemos disso porque o homem pré-histórico deixou gravados, nas paredes das cavernas, como uma linguagem, símbolos e desenhos.

Pré-História – Período da história do homem que antecede o aparecimento da escrita.

Os desenhos lentamente evoluíram para animais, tão naturais e vigorosos que até nos dão a sensação de estarem em movimento. Alguns deles chegam a medir de três a seis metros de comprimento. Foram pintados ou gravados por homens que os conheciam muito bem, porque precisavam caçá-los para sua sobrevivência. Você consegue imaginar um animal tão grande representado numa parede de caverna? Você precisa saber, no entanto, que o homem só chegou a esse estágio de desenvolvimento artístico após passar por um longo processo em sua evolução física, intelectual e cultural.

Essas descobertas trouxeram ao mundo uma surpresa tão grande que, inicialmente, os pesquisadores se negavam a acreditar que tivessem sido feitas por homens tão primitivos. Hoje, essas pinturas são reconhecidas como verdadeiras obras de Arte e, por isso, podemos afirmar que as cavernas pré-históricas são os primeiros museus da humanidade. Você já se imaginou visitando um desses museus? Essas visitas ainda são possíveis hoje graças aos terremotos, aos deslocamentos menores de terra e ao crescimento das vegetações que, ao fecharem as entradas das grutas, salvaram esse patrimônio da ação destrutiva do tempo e do homem.

Observe a fotografia das pinturas pré-históricas a seguir. Será que a Arte nesta imagem está representando a realidade?

Figura 5 – Gruta de Lascaux. Dordogne, França.

Você acha que essas pinturas das cavernas podem ser comparadas com as pinturas murais dos **graffitis** atuais? O que é o **graffiti**? É uma forma de expressão artística presente em algumas paredes dos centros urbanos.

Em muitos lugares do Brasil, podemos verificar como o **graffiti** mudou o aspecto das cidades com suas pinturas, tornando-as mais alegres e comunicativas.

Fique atento para não confundir pichação com graffiti. O graffiti é uma arte com pinturas que procuram transmitir alguma mensagem; é bem diferente da pichação, pois é feito em locais autorizados e com autores identificados. Já a pichação é um ato sem intenção artística, nem planejamento, que polui visualmente uma cidade e danifica seus muros e sua arquitetura.

BRASIL PRÉ-HISTÓRICO

Você sabia que o Brasil também possui uma Arte pré-histórica, que teve origem muito antes de ele ser descoberto pelos portugueses? Podemos encontrar sítios arqueológicos em vários locais do território brasileiro. Será que existe algum próximo à sua cidade? Infelizmente, muitos deles não estão em bom estado de conservação e outros chegaram até a ser destruídos. Isso aconteceu com algumas grutas em Minas Gerais, quando fábricas de cimento tiraram delas o calcário para se abastecer.

Sítios Arqueológicos - locais onde são encontradas antiguidades do período pré-histórico, tais como ossos, pinturas, pequenas esculturas, cerâmicas etc.

Ficou clara para você a importância de nossa sociedade dar valor ao patrimônio histórico e artístico brasileiro, para que não ocorram novas destruições? Essa é uma obrigação de todos com as futuras gerações.

Um dos nossos principais sítios arqueológicos se encontra no município de São Raimundo Nonato, no Piauí. Após estudos, constatou-se que o homem habitou essa região por volta de 6 000 a.C.

Você já ouviu falar da Chapada Diamantina, no Estado da Bahia? Ela tem uma enorme área arqueológica, onde se registram pinturas, com representações simples de astros, como luas, sóis, cometas com suas trajetórias e constelações.

Observe as fotografias reproduzidas a seguir. Elas foram retiradas de dois sítios arqueológicos distintos – um no Piauí e outro na Chapada Diamantina. Você percebe as diferenças entre as formas desenhadas? Qual delas utilizou formas geométricas?

Figura 6 – Imagem 1 - Pintura rupestre, São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil. In: PROENÇA, Graça. *História da arte*. São Paulo: Ática, 1994.

Figura 7 – Imagem 2 – Pintura Rupestre, Toca do Cosmo, Calendário, Chapada Diamantina, Bahia, Brasil. In: BELTRÃO, Maria do Carmo. *Catálogo da exposição arte rupestre*. Rio de Janeiro: MNBA, 1994.

RITUAIS E MAGIAS

Na Pré-História, a Arte, encontrada em locais de difícil acesso nas cavernas, parece ter tido uma intenção mágica com suas pinturas e gravações. Imagina-se que essas representações fizeram parte de um ritual de magia para a caça, ou seja, ao pintá-lo, o homem acreditava tornar-se possuidor do animal representado, o que facilitaria ao caçador matá-lo.

Os africanos, assim como outros povos primitivos, também realizavam rituais religiosos e não religiosos. Utilizavam, nesses rituais, elementos artísticos de rara beleza, tais como máscaras, adornos, pinturas corporais, indumentárias, ritmos musicais e danças.

Para que você entenda melhor, saiba que a máscara, na cultura primitiva, é a representação de um espírito que interfere na vida de um indivíduo ou de uma tribo inteira. Era usada em cerimônias consideradas extremamente poderosas, tais como rituais de fertilidade, iniciação à vida adulta e funerais. Era sempre portadora de uma carga mágica, trazendo temor, tanto para aqueles que a usavam, quanto para os que a viam.

O assunto que agora vamos abordar talvez seja mais conhecido de você. Ainda hoje, no Brasil, temos uma série de práticas religiosas de caráter mágico. De origem africana, tais práticas variam de acordo com a região, mas guardam estrutura semelhante: Macumba, no Rio de Janeiro; Candomblé, na Bahia; Tambor de mina, no Maranhão; Xangô, na Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe; e Bassuê, no Pará.

BRASIL, ARTE E RELIGIOSIDADE

Quantas vezes você já viu ou participou de procissões, festas e cultos religiosos? Você já deve ter observado como a música está sempre presente nessas ocasiões e como ela mexe com a sensibilidade e a emoção das pessoas, aproximando-as de um deus em quem elas acreditam.

Será que sempre foi assim? Pelo que sabemos, a religião esteve presente na vida do homem desde sua origem.

No Brasil, as expressões artísticas e religiosas foram muito valorizadas no estilo barroco, quando a Igreja Católica utilizou a Arte como propagadora de suas imagens e idéias.

Barroco – estilo artístico extremamente elaborado. Desenvolveu-se no Brasil durante o século XVII e foi até o início do século XIX.

A construção de igrejas era pensada de forma a unir a arquitetura, a escultura e a pintura, propiciando um ambiente de envolvimento espiritual. Encontramos, por quase todo o Brasil, igrejas barrocas, algumas mais suntuosas e ricas em ouro – como a Igreja de São Francisco, na Bahia – e outras bem mais simples, mas também muito bonitas.

Você já entrou em alguma dessas igrejas? Descubra se existe alguma na sua cidade, mas, para identificá-la e apreciá-la, é necessário que você pesquise sobre as características desse movimento artístico. Uma dessas características é o exagero no uso de detalhes e dourados; descubra outras.

Um dos maiores artistas do barroco brasileiro foi o **Aleijadinho**. Escultor e arquiteto, deixou-nos uma verdadeira herança artística, hoje reconhecida até internacionalmente. Suas mais famosas obras se encontram em cidades mineiras como Ouro Preto e Congonhas, que são hoje patrimônios culturais da humanidade e verdadeiros museus ao ar livre.

Atualmente, ainda encontramos imagens de santos sendo feitas por pessoas chamadas **santeiros.** Essas representações alimentam a fé de várias crenças religiosas. Geralmente, são produzidas por artistas autodidatas da escultura, com características individuais marcantes.

Autodidata – que aprende sozinho.

Desenvolvendo competências

2

Observando a fotografia de uma das capelas do Santuário Bom Jesus de Matosinhos, percebemos a coreografia (arte de criar movimentos) das esculturas. Podemos dizer que essa obra nos lembra:

Figura 8 – ALEIJADINHO. *Prisão no Horto das Oliveiras.* Congonhas, MG, Brasil.

a) uma orquestra tocando.

b) um quadro pintado.

c) um conjunto arquitetônico.

d) uma cena teatral.

Também os artistas contemporâneos vão buscar, em suas crenças, inspirações para as suas produções artísticas. É o caso das artistas plásticas brasileiras Marlene Godoy, com seus santos católicos, e Annita Griner, com suas tradições judaicas.

Ao apreciar atentamente as obras a seguir, que diferenças você percebe nas representações das figuras humanas?

Figura 10 – GODOY, Marlene. *Mãe desatadora de nós*. Técnica mista.

Figura 9 – GRINER, Annita. *Tav*. Acrílico sobre tela.

MÚSICA, DANÇA, TEATRO E CARNAVAL

Para que você entenda melhor o presente, é muitas vezes necessário que conheça um pouco do passado. Saiba que o teatro surgiu na Grécia, por volta dos séculos VII ou VI a.C. A multidão sentava nas arquibancadas, ao ar livre, para ouvir os poetas e os atores das tragédias e das comédias.

Desde os atores até o coro da peça, todos usavam máscaras para atuar. Cada máscara correspondia a um personagem, sendo que algumas possuíam dois lados diferentes, para que cada uma expressasse um sentimento. Bastava virar o rosto para mudar a expressão e isto ajudava o ator na interpretação do seu texto.

Para você ter uma idéia da importância do teatro na Grécia, saiba que ele fazia parte da educação do grego e todo o povo era incentivado a assistir às representações. Durante os festivais, o comércio e os tribunais fechavam. As mulheres, que eram excluídas de diversos eventos, participavam, e os presos eram soltos para que fizessem parte da platéia ou da própria encenação da peça. Quem não podia pagar para assistir ao espetáculo era dispensado do pagamento e quem perdesse dinheiro por faltar ao trabalho podia pedir o reembolso financeiro.

Hoje em dia, você acha que o teatro é tão valorizado? Você já teve o desejo e a oportunidade de assistir a uma peça teatral?

No começo, o teatro grego era também usado para ritos religiosos, aos quais se atribui a origem do carnaval. Com suas danças barulhentas, suas máscaras e brincadeiras, esses festivais poderiam durar até seis dias, do amanhecer ao pôr-do-sol.

Transporte-se no tempo e se imagine no meio do povo grego, assistindo a um desses espetáculos. Depois, veja-se no nosso carnaval, assistindo também a um desfile de escola de samba. As situações se parecem? Será que herdamos algo da cultura teatral grega? O carnaval no Brasil é, na realidade, uma grande representação teatral. O Rio de Janeiro tem atraído enormes grupos de turistas, dada a tradição de seus desfiles de escolas de samba.

TRANSFORMAÇÕES NA ARTE

Por que a Arte muda tanto ?

Sabemos que a Arte é essencial ao mundo em que vivemos. Ela é o registro das diferentes formas de expressão humanas, que apresentam mudanças constantes.

Você já se deu conta de como o folclore possui características tipicamente regionais que, com o passar dos anos, ultrapassam gerações, não se modificando? Ao contrário do Folclore, a Arte se modifica, com o tempo, pela incorporação de novas idéias e influências histórico-sociais e até mesmo políticas. Portanto, a Arte difere das manifestações folclóricas, basicamente, por dois motivos: o seu sentido universal e suas constantes mudanças.

Principalmente a partir do século XX, a Arte passou a ter total liberdade de inventar elementos, irreais ou não, absorvendo muitas vezes dados de países e realidades distantes e até misteriosos.

As máscaras africanas, por exemplo, influenciaram Pablo Picasso a simplificar a representação das formas humanas, o que gerou uma nova maneira de expressar a realidade – o Cubismo.

Les Demoiselles d'Avignon foi o quadro revolucionário que deu início a esse movimento artístico chamado Cubismo. Você já ouviu falar nesse movimento? Ele surgiu no início do século XX, mudando toda a Arte. Mas como ocorreu isso? Foi através da simplificação e geometrização das figuras.

Veja as obras a seguir e compare as formas dos dois quadros. Analise também a máscara africana. Você consegue perceber como Picasso foi buscar inspiração no quadro *O Banho Turco,* do pintor francês Ingres, e nas máscaras africanas? Olhe como as linhas curvas dos corpos das mulheres da pintura de Ingres têm formas suaves, bem diferentes das formas das mulheres de Picasso.

Agora observe a máscara africana. Quais dos rostos pintados por Picasso nos lembram a forma da máscara?

Figura 11 – INGRES, Jean A. D. *O Banho Turco*. 1862. Óleo sobre tela. Museu do Louvre, Paris, França.

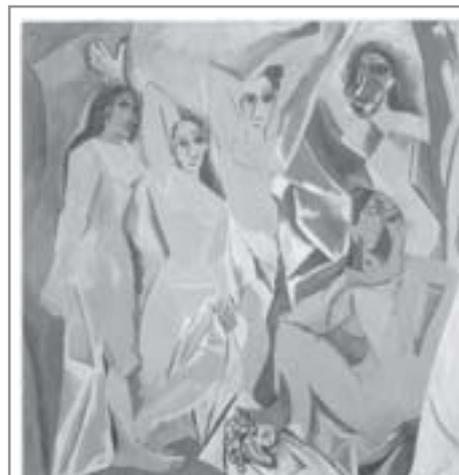



Figura 12 – PICASSO, Pablo. *Les Demoiselles d'Avignon*. 1907. Óleo sobre tela. Museu de Arte Moderna de Nova York, USA.

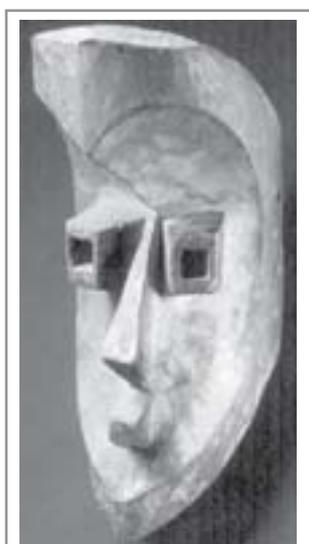



Figura 13 – Máscara Africana. Congo ou Gabão, entre os séculos XIX e XX. Madeira e pigmento. Museu do Brooklyn, Nova York, USA.

Desenvolvendo competências

3

O Cubismo de Picasso criou novas técnicas ao utilizar colagens na pintura. Experimente fazer uma colagem.

Pegue uma folha de papel, tesoura e cola. Arranje revistas, jornais, barbantes, retalhos de tecidos, areia e outros materiais que você desejar. Recorte algumas figuras, pedaços de textos e letras. Cole-as no papel. Se desejar, acrescente outros elementos para formar uma composição.

Você pode experimentar fazer uma colagem também na música, com a seleção de trechos de sons e melodias diferentes ou até mesmo criando várias letras para uma mesma música. Você será capaz de executar essa tarefa, experimente!

NOVAS TÉCNICAS INFLUENCIANDO MUDANÇAS NA ARTE

O desenvolvimento das indústrias acelerou mudanças na sociedade. O artista que viveu no passado do Brasil Colonial com certeza não teve e não podia pensar em ter metade dos recursos que temos hoje em dia.

Como foi possível a sociedade desenvolver prédios altíssimos, com paredes de vidro e aço? É visível que a descoberta de novas técnicas e materiais de construção possibilitou novas realizações de engenheiros e arquitetos, que ganharam maior liberdade para sua criação.

Você já pensou como foram as construções das pirâmides egípcias? Eram necessários para a sua construção quase setenta homens para empurrar um único bloco de 2,5 toneladas. E isso foi há mais de 4.500 anos! Como essas construções foram possíveis sem nenhum dos recursos tecnológicos que temos hoje?

Pense agora na tecnologia e nos materiais empregados nos carros alegóricos do carnaval. A cada ano, eles ficam mais perfeitos, porque utilizam técnicas mais modernas.

ROMPIMENTO COM O REAL

Na pintura e na escultura, os artistas modernos passaram a utilizar apenas os elementos da linguagem visual (ponto, linha, forma, cor...), sem se preocuparem, quase sempre, com temas, figuras ou motivos reconhecíveis, criando o que chamamos de **forma abstrata**. Você sabe o que é uma forma abstrata? É aquela que você não encontra na natureza por ser criada pela imaginação do homem.

Agora, observe a pintura de Judith Lauand *Variação de Quadrados*. Você percebe como a artista utiliza os elementos da linguagem visual sem ter a necessidade de representar figuras da natureza? Observe as diferenças entre os quadrados pintados com linhas e cores.

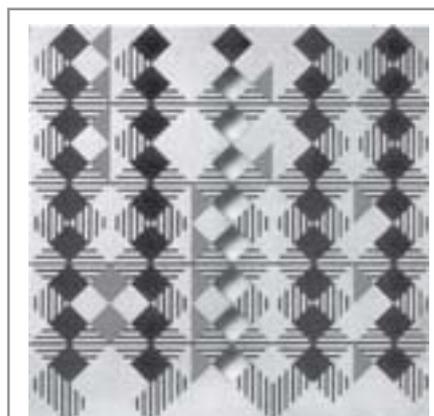



Figura 14 – LAUAND, Judith. *Variação de Quadrados.* 1957. Esmalte sobre duratex. In: FUNARTE. *Catálogo abstração geométrica: concretismo e neoconcretismo.* São Paulo, 1987.

MUDANÇAS NA ARTE BRASILEIRA

O movimento da Semana de Arte Moderna, ocorrida em São Paulo, no ano de 1922, uniu as linguagens artísticas brasileiras. Naquele momento, surgiram várias idéias para mudar a Arte que se estava fazendo no Brasil. Pintores, escultores, músicos, escritores surpreenderam, com suas novas idéias, toda a sociedade brasileira, acostumada a uma Arte inspirada na realidade. Surge, então, a Arte Moderna Brasileira.

Compare o quadro *Primeira Missa no Brasil*, de Vitor Meireles, pintor acadêmico (tradicional), com o quadro *Abapuru,* da pintora paulista Tarsila do Amaral. Percebeu como o quadro de Vitor retrata uma cena que parece estar contando uma história de algo que estava acontecendo? Era a esse tipo de pintura que o Brasil estava acostumado até então. Na sua opinião, o quadro *Primeira Missa no Brasil* retrata o fato histórico exato, que se realizou em 1500? E o quadro de Tarsila, que sentimento a obra lhe transmite?

Figura 16 – AMARAL, Tarsila do. *Abapuru.* 1928. Óleo sobre tela.

Figura 15 – MEIRELES, Vitor. *A Primeira Missa*. 1861. Óleo sobre tela. Museu Nacional de Belas-Artes, Rio de Janeiro.

A Arte Moderna vai buscar no **nacionalismo** as raízes brasileiras. O que você compreende como nacionalismo? É aquele sentimento que nos une, por exemplo, durante uma copa do mundo e nos faz torcer apaixonadamente pela nossa seleção de futebol. É uma sensação de se pertencer a um determinado grupo. Portanto, nacionalismo é a valorização de tudo o que é de um povo.

O que mudou, então, na Arte brasileira a partir da sua busca pelo nacionalismo? Muita coisa mudou. Por exemplo, você sabia que tanto o músico Villa-Lobos, quanto a pintora Tarsila do Amaral viajaram pelo interior do Brasil para buscar novas formas de expressão? Assim Villa-Lobos introduziu elementos musicais do folclore brasileiro nas suas obras e Tarsila misturou em seus quadros lendas, mistérios e cores do clima tropical. Ambos representaram a sociedade brasileira, dando sua interpretação própria.

A seguir, analise os quadros de Tarsila do Amaral e procure identificar em qual deles a autora retrata a paisagem do interior do Brasil, o ambiente urbano das cidades e o espírito religioso do povo brasileiro.

Figura 17 – AMARAL, Tarsila do. *O Mamoeiro*. 1925. Óleo sobre tela.

Figura 18 – AMARAL, Tarsila do. *São Paulo*. 1924. Óleo sobre tela.

Figura 19 – AMARAL, Tarsila do. *Anjos*. 1924. Óleo sobre tela.

Neste capítulo, você pôde perceber que, em cada diferente momento da história, o artista expressa o seu modo de pensar e interagir com o seu mundo. Você conseguiu entender como isso acontece? Ou o artista traduz o que vê e sente, aceitando os padrões da sua sociedade, ou se rebela contra eles, criando o novo na Arte.

Conferindo seu conhecimento

1 *Resposta (b).*

2 *Resposta (d).*

Orientação final

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Identificar, em manifestações culturais individuais e/ou coletivas, elementos estéticos, históricos e sociais.
- Reconhecer diferentes funções da Arte, do trabalho e da produção dos artistas em seus meios culturais.
- Utilizar os conhecimentos sobre a relação arte e realidade para analisar formas de organização de mundo e de identidades.
- Analisar criticamente as diversas produções artísticas como meio de explicar diferentes culturas, padrões de beleza e preconceitos artísticos.
- Reconhecer o valor da diversidade artística e das inter-relações de elementos que se apresentam nas manifestações de vários grupos sociais e étnicos.

Capítulo V

QUANDO AS PALAVRAS RESOLVEM FAZER ARTE...

ANALISAR, INTERPRETAR E APLICAR OS RECURSOS EXPRESSIVOS DAS LINGUAGENS, RELACIONANDO TEXTOS COM SEUS CONTEXTOS, MEDIANTE A NATUREZA, FUNÇÃO, ORGANIZAÇÃO, ESTRUTURA DAS MANIFESTAÇÕES, DE ACORDO COM AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO E RECEPÇÃO.

José Luís M. L. Landeira

Capítulo V

Quando as palavras resolvem fazer arte...

GOSTO NÃO SE DISCUTE... OU DISCUTE?

Diga, rapidamente, uma coisa de que gosta muito. Falar de gostos é um assunto difícil, não? Nem todos gostam do mesmo. Alguns gostam de passear, outros não. Alguns gostam de um tipo de música; outros gostam de outro. Não somos iguais. Muito do que somos deve-se ao que aprendemos a ser com a nossa experiência na vida. Muito do que somos se deve ao nosso contato com os outros. Por isso, alguns dizem que gosto não se discute. Mas, nós, neste capítulo, vamos discutir gosto... e mais do que isso!

Muitos concordariam ser verdade que o homem consegue aprender a gostar das coisas. Consegue até aprender a gostar do que não gostava. Aprendemos a gostar de coisas novas e a valorizar coisas antigas. Aprendemos a viver e a valorizar a necessidade que todos nós temos de gostar, de sonhar, de aprender. Aprendemos a satisfazer as nossas necessidades de arte e beleza. Por isso, as pessoas cantam e ouvem músicas, copiam versos para a pessoa amada, assistem a uma novela na televisão ou lêem um livro.

Há muitas formas de arte para atender às necessidades humanas: a pintura, a música, a escultura, a dança... Você consegue aumentar essa lista? Aqui, neste capítulo, vamos falar de uma dessas expressões artísticas, a LITERATURA.

Comecemos por dizer que todos os textos têm sempre uma finalidade. Escrevemos um bilhete para dar um recado a alguém e vamos ao dicionário quando não sabemos o significado de uma palavra ou não sabemos como ela deve ser escrita. Há textos para todas as necessidades humanas, embora, é claro, nem sempre tenhamos neles as respostas que queremos. Bem, se uma das necessidades humanas é a arte, então deve haver textos que satisfaçam essa necessidade, concorda? Textos que nos provocam um prazer especial quando os lemos ou ouvimos. Esses são os textos literários.

Então, todas as canções que tocam no rádio são Literatura? A questão não é tão simples assim... Alguns consideram tais canções como literárias, outros não. O que faz com que um texto seja literário, e não apenas um texto comum, não é somente o prazer de leitura que ele provoca no leitor. Existe a opinião de certos grupos importantes na sociedade. A escola é uma dessas instituições que ajudam a decidir o que é literário ou não.

Assim, podemos considerar a Literatura como o *conjunto de textos escritos e orais considerados socialmente como artísticos, assim como essa arte feita com palavras*. Mas, quem decide como a minha necessidade de arte deve ser satisfeita? Como um texto se torna literário?

COMO UM TEXTO SE TORNA LITERÁRIO

Como um texto se torna literário? Comecemos por ler o poema *Amor é fogo que arde sem se ver*, do poeta português Luís Vaz de Camões.

Amor é fogo que arde sem se ver,
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
É solitário andar por entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É cuidar que se ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?

PIMPÃO, A. J. da Costa. *Rimas*. Coimbra: Atlantida Editora, 1973.

Quando lêem esse poema, muitos o consideram literário. Isso significa que, dentro da sociedade, existem grupos sociais que o consideram como arte. Conforme aprendermos o que essas pessoas valorizam nesse poema, a ponto de considerá-lo literário, poderemos integrar-nos a essa comunidade.

Mas voltemos ao poema que queremos estudar. Examinando os versos, percebemos que o poema possui rimas. O que é **verso**? Simples: é cada linha do poema. As linhas são escritas seguindo a contagem de sílabas e não o espaço da esquerda para a direita do papel. E **rima**? Também é simples: trata-se de um recurso dos poemas de aproximar palavras pelo som. E é isso o que vamos fazer agora, aproximar as rimas. Nós vamos pôr uma letra **A** ao lado do primeiro verso e uma letra **B** ao lado do segundo; agora vamos repetir a letra A no verso que rima com o primeiro (...ver) e repetimos a letra B no verso que rima com o segundo (...sente). A primeira estrofe (ou conjunto de versos) ficaria assim:

Amor é fogo que arde sem se ver, A
É ferida que dói e não se sente; B
É um contentamento descontente; B
É dor que desatina sem doer. A

Concluímos que o esquema de rimas da primeira estrofe é **A-B-B-A**, que é o mesmo da segunda estrofe, pode comprovar! Nas duas últimas estrofes, as rimas são em “ade” (vontade, lealdade), a que vamos passar a chamar de C, e em “or” (vencedor, favor), a que daremos o nome de D.

Desenvolvendo competências

1 *Identifique o esquema de rimas das duas últimas estrofes.*

Os 14 versos do poema estão divididos em 4 estrofes: as duas primeiras estrofes têm 4 versos, que são chamadas de quadras ou quartetos, e as duas últimas estrofes têm 3 versos, são chamadas de tercetos. Essa forma poética não surgiu ao acaso. É fixa e muito comum na Literatura em língua portuguesa. Chama-se **soneto**. É uma forma originária da Itália e, na época em que chegou a Portugal, lá no século XVI, rapidamente virou moda. Os poetas portugueses daquela época viram que o soneto era, ao mesmo tempo, novo e organizado. O soneto juntava, naquele momento, a novidade com a organização. A moda pegou e, até hoje, ainda há quem escreva sonetos, embora hoje já não se possa mais falar do soneto como uma novidade. Ao contrário, é considerado uma forma clássica ou tradicional de poema. O ponto importante para nós, neste momento, é perceber que Camões não tirou as suas idéias do nada, mas antes, com certeza, leu outros autores para poder escrever o seu poema.

Numa primeira leitura, o texto apresenta-se, nos primeiros 11 versos, como uma lista de definições do amor. A repetição constante do termo "É" reforça esse sentido. No último terceto, a conclusão iniciada pelo termo "mas" que normalmente é utilizado na fala do dia a dia com o sentido de oposição de idéias, é uma longa pergunta do poeta.

Falando em oposições, você deve ter reparado que os 11 primeiros versos apresentam imagens que são, na verdade, um jogo de contrastes. Como assim? Veja o primeiro verso: *Amor é fogo que arde sem se ver.* De um lado temos a idéia de que *o amor é fogo que arde*. Com certeza, você já deve ter ouvido falar no *fogo da paixão*. É uma **metáfora** muito usada quando se fala de amor. Metáfora? Sim, o nome é complicado, mas a idéia é simples: muitas vezes, ao falarmos e escrevermos, damos às palavras um novo significado, diferente daquele normalmente usado, embora com alguma coisa em comum com o uso do dia a dia. Assim, o fogo é algo quente, forte, que pode tanto destruir como iluminar e aquecer a vida; por isso, muitos viram uma certa semelhança entre o fogo e a paixão e passaram a falar do fogo da paixão. Pronto! Está feita uma metáfora. Algumas metáforas são muito comuns, usadas todos os dias, como "está chovendo canivete" e "você não me dá bola". Outras são muito pensadas e resultam do esforço do artista em trabalhar com as palavras, como o do poeta Fernando Pessoa: "Cada alma é uma escada para Deus".

Amor é fogo que arde é uma metáfora, mas e *fogo que arde sem se ver*? Se o fogo arde, é claro que se vê. São duas idéias opostas, parece que não combinam, porém elas estão ali, juntas, definindo o amor. Essa oposição de idéias, presente no texto, também tem um nome: **antítese**. Por isso, o professor Antônio Candido, importante estudioso de Literatura, quando estudou esse poema, escreveu: "Evidentemente se trata de um poema construído em torno de antíteses". A antítese representa um desafio de leitura. Para resolver antítese, a antítese do poema, podemos pensar que o *Amor é fogo que arde sem se ver* porque ele queima no interior da alma e do coração de quem o sente. Ufa! Dá até calor, não?

Desenvolvendo competências

2

Veja o verso 2. Explique por que ele constitui uma antítese e comente também o seu sentido dentro do texto.

O poeta define o amor em torno de antíteses. O que o texto consegue com isso? Muito da força desse poema está nesse acúmulo de **imagens** que o poeta criou. Em vez de ficar explicando, o poeta nos passa a mensagem por meio de imagens contrastantes, algumas até difíceis de imaginar.

Desenvolvendo competências

3

Repare na imagem do verso 6: ***É solitário andar por entre a gente.*** *O que lhe sugere essa imagem? Como ela define o amor?*

Usando as palavras, o poeta traduz o sentimento de que o amor romântico, aquele que surge da paixão, é um jogo de opostos, impossível de ser totalmente definido. Essa impossibilidade revela-se na última estrofe, que também se opõe a tudo o que se disse nos versos anteriores. Mas... que pergunta complicada, não? É que ela foi "arrumada" para se adaptar à forma do poema, respeitando o esquema de rimas e o número de sílabas em cada verso.

Vamos examiná-la mais de perto. Primeiro, o verso 12, *Mas como causar pode seu favor*. O favor de quem? Do que o poeta está falando? Do amor, é claro! Então o poeta nos pergunta como o favor do amor pode causar o quê? **Nos corações humanos amizade** (verso 13). Ou seja, como o favor do amor pode causar amizade nos corações humanos *Se tão contrário a si é o mesmo Amor?* (verso 14). Mesmo assim, parece confuso, não?

Talvez seja um pouco difícil de entender que favor do amor é esse. Camões aqui personifica o amor.

Personificação é o nome que damos ao recurso de dar qualidade de ser humano a objetos e coisas que não são humanas, como, por exemplo, Camões nos dizendo que o amor pode favorecer uma determinada pessoa.

Imagine que o amor é uma pessoa. Segundo o poema, todos nós somos amigos do desejo de que o amor seja simpático conosco e nos favoreça. Em outras palavras, todos nós queremos nos apaixonar por alguém. E isso acontece mesmo que essa paixão seja algo inexplicável, mesmo que o amor seja tão contrário a si próprio. O porquê disso Camões não pode entender. O poema tenta dar uma certa ordem ao caos que é amar.

A escolha do soneto é, para a época em que vive Camões, perfeita, pois, naqueles dias, o soneto era algo considerado moderno, que permitia a organização de idéias. O poeta ordena uma série de definições que são construídas a partir de imagens feitas de antíteses. O amor, para o poeta, organiza a existência dos seres humanos, embora seja ele mesmo uma grande contradição. Construímos uma leitura bem interessante para o poema, não acha?

O POETA LUÍS DE CAMÕES

Mas a vida de Camões não foi só amor não. Pobre, velho e doente... Foi assim, na miséria, que terminaram os dias de Camões, que veio a se tornar muito famoso... depois de morto. Hoje, pessoas de todo o mundo compram os seus livros e muitos lêem os seus textos.

Luís de Camões é um dos autores mais valorizados em Língua Portuguesa. Sua história é uma verdadeira aventura: nem sequer sabemos exatamente quando nasceu, talvez em 1524 ou 1525, talvez na cidade de Lisboa, com certeza, em Portugal.

Quando jovem, era considerado um mau exemplo: estava sempre envolvido em brigas ou com mulheres de vida irregular. Acabou tornando-se soldado e vendo-se obrigado a sair de seu país e a viajar pelo mundo: esteve na Ásia e na África, trabalhando, lendo, fugindo dos cobradores, namorando muito, procurando agradar a quem o podia ajudar e, em certas ocasiões, até sendo preso.

Muito preocupado com as questões históricas e sociais de seu tempo, escreveu um dos mais importantes livros da Literatura em Língua Portuguesa: *Os Lusíadas.* Nele, relata as viagens dos portugueses para expandir o império e alcançar a Índia. Em *Os Lusíadas*, Camões também reflete sobre a sociedade e a mentalidade de seu povo e, até, de toda a humanidade.

A vida irregular de Camões foi um dos motivos que fizeram com que seus textos fossem evitados enquanto estava vivo. Depois de morto, deixou de ser considerado uma ameaça para a sociedade e, aos poucos, passou a ser cada vez mais valorizado. Já no século XVII, apareceram poemas que dialogavam com os de Camões, como podemos ver neste primeiro quarteto do poema *A mulher e o Amor*, de autor desconhecido, tirado do livro *Fênix Renascida*, publicado em 1718:

É um nada Amor que pode tudo,
É um não se entender o avisado,
É um querer ser livre e estar atado,
É um julgar o parvo por sisudo;

É fácil perceber que o poema acima dialoga com *Amor é fogo que arde sem se ver*. Esse fenômeno de diálogo recebe o nome de **intertextualidade**.

Desenvolvendo competências

4

Vamos fazer um exercício de intertextualidade? Copie em um papel um pequeno trecho de um poema ou de uma canção que conheça. Pode ser Mulher rendeira, Asa Branca, Batatinha quando nasce ou qualquer outro poema que você consiga lembrar. Agora, reescreva-o, mudando nele as partes que desejar. Procure ser criativo e deixar o seu texto melhor ainda que o original. Tente fazer as suas mudanças a partir de um objetivo, não apenas mudando por mudar. Você pode tornar o seu texto mais engraçado do que o original ou, ao contrário, mais sério e reflexivo.

A obra de Camões abrange as diferentes idéias que existiam na sociedade do século XVI em Portugal e é considerada, ainda hoje, uma obra de grande valor. Com certeza, Camões leu outros autores e foi dessas influências, junto com sua criatividade e sua experiência na vida, que conseguiu escrever seus poemas. Por outro lado, Camões foi lido por outros escritores que se influenciaram por ele para escreverem seus poemas. Na obra de Camões, encontramos a riqueza do trabalho artístico com a palavra, idéias e pensamentos que estão de acordo até mesmo com a nossa atualidade, assim como uma forma especial de expressar e sentir a vida, ou seja, muitos aprenderam a considerar a obra de Camões como uma forma de arte, isso mesmo, a Literatura.

Uma dessas pessoas foi o poeta brasileiro Manuel Bandeira. Ele escreveu, no século XX, um soneto dedicado a Camões, cujo último terceto afirma:

> *Não morrerá sem poetas nem soldados*
> *A língua em que cantaste rudemente*
> *As armas e os barões assinalados*
>
> BANDEIRA, M. A. Camões. In: ______. *A cinza das horas*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1917.

Curioso notar que o último verso — *As armas e os barões assinalados* — é idêntico ao primeiro verso de *Os Lusíadas*, o que é também uma forma de intertextualidade. Enquanto o tempo for passando e houver uma comunidade considerada importante na sociedade e que valorize a obra de Camões como arte, encontrando em suas palavras leituras interessantes, ele continuará fazendo parte da Literatura da Língua Portuguesa.

O texto literário comunica valores, idéias e formas de ver a vida dentro de um momento histórico. A palavra é trabalhada, como o padeiro trabalha a massa com que vai fazer o pão, para que o texto se torne uma obra de arte. É claro que o leitor também tem uma função importantíssima em construir uma leitura possível para esse texto. Sem leitores, não há Literatura.

Por outro lado, tanto o leitor quanto o escritor vivem em momentos históricos e sociais específicos, que podem ser os mesmos ou não. Assim, a Literatura exige que se leve em conta quem escreve, quem lê e os momentos histórico e social da escrita e da leitura do texto, ou seja, o contexto social e histórico. Difícil? Talvez um pouco, mas é possível aprender a gostar, e muito, de Literatura.

COMO FAZER PARA GOSTAR DE LER LITERATURA?

Você gosta de ler? Muita gente, no Brasil e até no mundo, não sabe ler. Outros sabem ler, mas não lêem nada. É como se não soubessem. Encontramos no Brasil muitas pessoas alfabetizadas que não gostam de ler obras literárias. Normalmente, é mais fácil gostar daquilo que sabemos fazer bem. Se uma pessoa não entende aquilo que lê, vai ser difícil ela gostar do texto.

Então, a primeira condição para alguém gostar de Literatura é ***conhecer bem a língua em que o***

texto literário está escrito. Certos textos são difíceis de entender, porque eles foram escritos há muito tempo. A maneira como se escrevia naquela época pode ser bastante diferente da atual. O envelhecimento de certas formas de expressão dificulta ao leitor a compreensão do texto.

Lembre-se: o passar do tempo pode dificultar o entendimento do texto. Por isso, quando você ler um livro de um autor antigo, não se assuste ao encontrar alguma dificuldade de leitura. Às vezes, é melhor recorrer a um dicionário ou a uma enciclopédia, para que a palavra que não compreendemos não atrapalhe muito o entendimento do texto.

O texto literário possui uma certa intenção de ser literário. Mas não é só intenção, não... O autor desse texto conhece muito bem certas normas da comunicação literária que são também importantes nas comunidades leitoras da sociedade. Os leitores interpretam o texto literário, utilizando seus conhecimentos de sociedade, de linguagem, de cultura e de literatura. Às vezes, esses conhecimentos necessários para entender literatura se adquirem com o passar da vida, pois ela nos ensina muita coisa; outras vezes, eles são adquiridos com o estudo. Juntando a sua experiência de vida com aquilo que você vai aprendendo por aqui, você terá um entendimento melhor da Literatura.

Na verdade, quando você lê um texto literário, inicia-se uma conversa entre você e esse texto. E a leitura se transforma em um jogo: surgem perguntas que o leitor faz e que o texto vai respondendo. Quando o leitor faz, mentalmente, as suas perguntas e o texto não responde a elas, esse leitor fica surpreso e, às vezes, até decepcionado. Em certas ocasiões, essa decepção é sinal de que o texto realmente não estava bem escrito. Em outras situações, o problema é que o leitor precisa aumentar a sua cultura literária.

ALARGANDO OS NOSSOS HORIZONTES LITERÁRIOS: MACHADO DE ASSIS

Para começar, vamos ler um texto, do escritor moçambicano Mia Couto, chamado *A Fábula do Macaco e do Peixe*:

Um macaco passeava-se à beira de um rio, quando viu um peixe dentro de água. Como não conhecia aquele animal, pensou que estava a afogar-se. Conseguiu apanhá-lo e ficou muito contente quando o viu aos pulos, preso nos seus dedos, achando que aqueles saltos eram sinais de uma grande alegria por ter sido salvo. Pouco depois, quando o peixe parou de se mexer e o macaco percebeu que estava morto, comentou: – Que pena eu não ter chegado mais cedo!

In: COUTO, Mia. A fábula do macaco e do peixe, *apud* SEIXAS, Maria João. *O Público*, Lisboa, 3 jan. 2000.

O texto que você leu é uma narrativa. Narrar é a mesma coisa que contar, ou seja, apresentar uma série de ações em episódios que se sucedem uns aos outros. Os episódios da narrativa se organizam de um determinado jeito, que é a maneira pela qual a história é contada. A isso nós chamamos **enredo**. Essas mudanças levam um certo tempo para acontecer: o macaco vê o peixe enquanto passeia à beira do rio, o peixe, que está vivo, morre etc.

Toda narrativa tem personagens que vivem em um mundo não real, mas possível; um mundo criado por alguém que narra a história. Esse alguém é o narrador. No trecho lido, o narrador não é nem o macaco, nem o peixe e, ainda que não seja personagem da narrativa, é muito importante dentro do texto. É o narrador quem fornecerá informações que vão permitir ao leitor a compreensão do texto.

Há duas formas de narrar: ou o narrador introduz-se no enredo, em **primeira pessoa**, sendo também uma personagem do enredo, ou afasta-se, criando um discurso em **terceira pessoa**.

O narrador em primeira pessoa pode ser mais pessoal, envolvendo-se afetivamente com os acontecimentos. Já o narrador em terceira pessoa consegue ser mais objetivo, pois não está tão envolvido com as ações das personagens. A narrativa que você leu foi narrada em terceira pessoa, como se pode ver logo no começo — *Um macaco passeava-se*.

O **espaço** é muito importante na narrativa literária. Ele pode ser um simples pano de fundo, onde as personagens realizam as suas ações, mas pode também ser um espelho da personalidade das personagens ou até das ações que elas vão praticar.

As ações levam um certo tempo para acontecer. De acordo com as suas intenções, o narrador pode desde fazer-nos acompanhar demoradamente a vida de uma personagem até resumir, em poucas palavras, longos anos de acontecimentos. Na narrativa que lemos, percebemos que o narrador relata fatos que se desenrolaram em pouco tempo, talvez alguns minutos, entre o macaco ver o peixe e esse coitado vir a morrer por ficar fora da água. Na verdade, não sabemos há quanto tempo o macaco estava passeando.

Às vezes, o narrador valoriza mais as ações e o tempo que elas levam para acontecer – é o que chamamos de tempo **cronológico**; outras vezes, o narrador considera mais importante a sensação de tempo que as personagens sentem e estrutura a sua narrativa em torno desse tempo **psicológico**. Com certeza, você já sentiu, em certas ocasiões, que um minuto (tempo cronológico) parece durar horas (a sensação do tempo psicológico).

A seguir, vamos ler um conto de Machado de Assis, um importante escritor que viveu no Brasil do século XIX. O conto é um tipo específico de narrativa. Machado é principalmente conhecido por seu estilo de escrever narrativas. Enquanto você lê, pense no que acabamos de ver, sobre narrador, espaço e tempo na narrativa.

O conto que vamos ler chama-se *Cantiga de esponsais*. Esponsais são as cerimônias de casamento, ou seja, o noivado e a festa de casamento em que os noivos se tornam esposos. A palavra "esponsais" tem a mesma origem que "esposo".

CANTIGA DE ESPONSAIS

Imagine a leitora que está em 1813, na igreja do Carmo, ouvindo uma daquelas boas festas antigas, que eram todo o recreio público e toda a arte musical. Sabem o que é uma missa cantada; podem imaginar o que seria uma missa cantada daqueles anos remotos. Não lhe chamo a atenção para os padres e os sacristães, nem para o sermão, nem para os olhos das moças cariocas, que já eram bonitos nesse tempo, nem para as mantilhas das senhoras graves, os calções, as cabeleiras, as sanefas, as luzes, os incensos, nada. Não falo sequer da orquestra, que é excelente; limito-me a mostrar-lhes uma cabeça branca, a cabeça desse velho que rege a orquestra, com alma e devoção.

ASSIS, Machado de. *Contos*. São Paulo: Ática, 1991.

Desenvolvendo competências

5

Vamos fazer uma pequena pausa para entendermos melhor esse parágrafo de introdução. É como se fosse um intervalo, para pensarmos em alguns pontos importantes. Para isso, responda às questões a seguir:

a) O narrador se dirige a que tipo de leitor?

b) Será que o conto será lido apenas por esse tipo de leitor a que o narrador se dirige?

c) Você certamente já viu muitas pessoas de cabeça branca. O que lhe vem à mente quando pensa em "uma cabeça branca", expressão que aparece no texto?

Depois desta reflexão, podemos voltar ao conto...

Chama-se Romão Pires; terá sessenta anos, não menos, nasceu no Valongo, ou por esses lados. É bom músico e bom homem; todos os músicos gostam dele. Mestre Romão é o nome familiar; e dizer familiar e público era a mesma coisa em tal matéria e naquele tempo. "Quem rege a missa é mestre Romão" – equivalia a esta outra forma de anúncio, anos depois: "Entra em cena o ator João Caetano"; – ou então: "O ator Martinho cantará uma de suas melhores árias." Era o tempero certo, o chamariz delicado e popular. Mestre Romão rege a festa! Quem não conhecia mestre Romão, com o seu ar circunspecto, olhos no chão, riso triste, e passo demorado? Tudo isso desaparecia à frente da orquestra; então a vida derramava-se por todo o corpo e todos os gestos do mestre; o olhar acendia-se, o riso iluminava-se: era outro. Não que a missa fosse dele; esta, por exemplo, que ele rege agora no Carmo é de José Maurício; mas ele rege-a com o mesmo amor que empregaria, se a missa fosse sua.

Acabou a festa; é como se acabasse um clarão intenso, e deixasse o rosto apenas alumiado da luz ordinária. Ei-lo que desce do coro, apoiado na bengala; vai à sacristia beijar a mão aos padres e aceita um lugar à mesa do jantar. Tudo isso indiferente e calado. Jantou, saiu, caminhou para a rua da Mãe dos Homens, onde reside, com um preto velho, pai José, que é a sua verdadeira mãe, e que neste momento conversa com uma vizinha.

– Mestre Romão lá vem, pai José, disse a vizinha.

– Eh! eh! adeus, sinhá, até logo.

Pai José deu um salto, entrou em casa, e esperou o senhor, que daí a pouco entrava com o mesmo ar do costume. A casa não era rica naturalmente; nem alegre. Não tinha o menor vestígio de mulher, velha ou moça, nem passarinhos que cantassem, nem flores, nem cores vivas ou jocundas. Casa sombria e nua. O mais alegre era um cravo, onde o mestre Romão tocava algumas vezes, estudando. Sobre uma cadeira, ao pé, alguns papéis de música; nenhuma dele...

ASSIS, Machado de. *Contos*. São Paulo: Ática, 1991.

Desenvolvendo competências

6

Mais uma pequena pausa para reflexão...

Para contar uma história, precisamos saber unir com muito cuidado as palavras. Isso significa escolher com atenção os substantivos que serão utilizados e pensar em como os verbos devem ser conjugados. Significa também construir frases que permitam ao leitor elaborar um sentido para a narrativa. Repare que Machado, ao descrever a casa de Mestre Romão, opta pelo uso de frases negativas. Ao assim fazer, podemos afirmar que se reforça:

a) a dificuldade de expressão de Machado de Assis.

b) a sensação de ausência presente na casa "sombria e nua".

c) a falta de vocabulário do narrador.

d) a ilusão de fartura com que vive o Mestre Romão.

Ah! se mestre Romão pudesse seria um grande compositor. Parece que há duas sortes de vocação, as que têm língua e as que a não têm. As primeiras realizam-se; as últimas representam uma luta constante e estéril entre o impulso interior e a ausência de um modo de comunicação com os homens. Romão era destas. Tinha a vocação íntima da música; trazia dentro de si muitas óperas e missas, um mundo de harmonias novas e originais, que não alcançava exprimir e pôr no papel. Esta era a causa única da tristeza de mestre Romão. Naturalmente o vulgo não atinava com ela; uns diziam isto, outros aquilo: doença, falta de dinheiro, algum desgosto antigo; mas a verdade é esta: – a causa da melancolia de mestre Romão era não poder compor, não possuir o meio de traduzir o que sentia. Não é que não rabiscasse muito papel e não interrogasse o cravo, durante horas; mas tudo lhe saía informe, sem idéia nem harmonia. Nos últimos tempos tinha até vergonha da vizinhança, e não tentava mais nada.

E, entretanto, se pudesse, acabaria ao menos uma certa peça, um canto esponsalício, começado três dias depois de casado, em 1779. A mulher, que tinha então vinte e um anos, e morreu com vinte e três, não era muito bonita, nem pouco, mas extremamente simpática, e amava-o tanto como ele a ela. Três dias depois de casado, mestre Romão sentiu em si alguma coisa parecida com inspiração. Ideou então o canto esponsalício, e quis compô-lo; mas a inspiração não pôde sair. Como um pássaro que acaba de ser preso, e forceja por transpor as paredes da gaiola, abaixo, acima, impaciente, aterrado, assim batia a inspiração do nosso músico, encerrada nele sem poder sair, sem achar uma porta, nada. Algumas notas chegaram a ligar-se; ele escreveu-as; obra de uma folha de papel, não mais. Teimou no dia seguinte, dez dias depois, vinte vezes durante o tempo de casado. Quando a mulher morreu, ele releu essas primeiras notas conjugais, e ficou ainda mais triste, por não ter podido fixar no papel a sensação de felicidade extinta.

– Pai José, disse ele ao entrar, sinto-me hoje adoentado.

– Sinhô comeu alguma coisa que fez mal...

– Não; já de manhã não estava bom. Vai à botica...

O boticário mandou alguma coisa, que ele tomou à noite; no dia seguinte mestre Romão não se sentia melhor. É preciso dizer que ele padecia do coração: - moléstia grave e crônica. Pai José ficou aterrado, quando viu que o incômodo não cedera ao remédio, nem ao repouso, e quis chamar o médico.

– Para quê? disse o mestre. Isto passa.

O dia não acabou pior; e a noite suportou-a ele bem, não assim o preto, que mal pôde dormir duas horas. A vizinhança, apenas soube do incômodo, não quis outro motivo de palestra; os que entretinham relações com o mestre foram visitá-lo. E diziam-lhe que não era nada, que eram macacoas do tempo; um acrescentava graciosamente que era manha, para fugir aos capotes que o boticário lhe dava no gamão, – outro que eram amores. Mestre Romão sorria, mas consigo mesmo dizia que era o final.

"Está acabado", pensava ele.

Desenvolvendo competências

7

Mais uma pausa... Responda, por escrito, ao que se pede:

a) Na época em que se passa a narrativa, ainda existia escravidão no Brasil. Prove isso com uma passagem do texto.

b) O que você acha que vai acontecer a seguir no conto?

Um dia de manhã, cinco depois da festa, o médico achou-o realmente mal; e foi isso o que ele lhe viu na fisionomia por trás das palavras enganadoras:

– Isto não é nada; é preciso não pensar em músicas...

Em músicas! justamente esta palavra do médico deu ao mestre um pensamento. Logo que ficou só, com o escravo, abriu a gaveta onde guardava desde 1779 o canto esponsalício começado. Releu essas notas arrancadas a custo e não concluídas. E então teve uma idéia singular: - rematar a obra agora, fosse como fosse; qualquer coisa servia, uma vez que deixasse um pouco de alma na terra.

– Quem sabe? Em 1880, talvez se toque isto, e se conte que um mestre Romão...

O princípio do canto rematava em um certo lá; este lá, que lhe caía bem no lugar, era a nota derradeiramente escrita. Mestre Romão ordenou que lhe levassem o cravo para a sala do fundo, que dava para o quintal: era-lhe preciso ar. Pela janela viu na janela dos fundos de outra casa dois casadinhos de oito dias, debruçados, com os braços por cima dos ombros, e duas mãos presas. Mestre Romão sorriu com tristeza.

– Aqueles chegam, disse ele, eu saio. Comporei ao menos este canto que eles poderão tocar...

Sentou-se ao cravo; reproduziu as notas e chegou ao lá....

– Lá, lá, lá...

Nada, não passava adiante. E contudo, ele sabia música como gente.

– Lá, dó... lá, mi... lá, si, dó, ré... ré... ré...

Impossível! nenhuma inspiração. Não exigia uma peça profundamente original, mas enfim alguma coisa, que não fosse de outro e se ligasse ao pensamento começado. Voltava ao princípio, repetia as notas, buscava reaver um retalho da sensação extinta, lembrava-se da mulher, dos primeiros tempos. Para completar a ilusão, deitava os olhos pela janela para o lado dos casadinhos. Estes continuavam ali, com as mãos presas e os braços passados nos ombros um do outro; a diferença é que se miravam agora, em vez de olhar para baixo. Mestre Romão, ofegante da moléstia e de impaciência, tornava ao cravo; mas a vista do casal não lhe suprira a inspiração, e as notas seguintes não soavam.

– Lá... lá... lá...

Desenvolvendo competências

8

Uma última parada, quase no final. Responda às questões a seguir:

a) Por que mestre João queria tanto acabar a sua música, mesmo de qualquer jeito?

b) O que você acha que acontecerá a seguir no conto?

Desesperado, deixou o cravo, pegou do papel escrito e rasgou-o. Nesse momento, a moça embebida no olhar do marido, começou a cantarolar à toa, inconscientemente, uma coisa nunca antes cantada nem sabida, na qual coisa um certo lá trazia após si uma linda frase musical, justamente a que mestre Romão procurara durante anos sem achar nunca. O mestre ouviu-a com tristeza, abanou a cabeça, e à noite expirou.

Desenvolvendo competências

9

a) O conto acabou. Gostou ou se sentiu decepcionado? Escreva a sua opinião a respeito do final. Para ajudá-lo na reflexão, pense de que forma o mundo é visto no conto.

b) Transcreva trechos do conto que comprovem as afirmativas abaixo:

__I.__ O narrador pode projetar uma imagem do leitor dentro da narrativa e conversar com esse leitor.

__II.__ O conto "Cantiga dos Esponsais" é narrado em terceira pessoa. O narrador conhece todos os pensamentos do mestre Romão e os apresenta ao leitor.

Repare que o mundo possível construído pelo narrador do conto está fora dele mesmo e, em "Cantiga dos Esponsais", é um retrato do mundo real.

No conto que lemos, o espaço tem grande importância para entendermos melhor a personagem principal, o mestre Romão.

c) Responda às questões a seguir:

__I.__ Como é o espaço em que vive o mestre Romão? Descreva-o

__II.__ E o temperamento de mestre Romão, como é? Descreva-o.

__III.__ Relacione o temperamento de mestre Romão quando não está regendo missa com o espaço em que vive (o que há de comum entre os dois?).

IV. Pense agora em você: há alguma relação entre o espaço em que vive e a sua personalidade?

Muitas narrativas iniciam localizando os acontecimentos no tempo, apontando a data em que os fatos supostamente aconteceram. Era uma estratégia muito usada, principalmente no século XIX, para dar uma sensação de verdade ao texto, como se o narrador quisesse nos convencer a acreditar que a narrativa tinha de fato acontecido com alguém.

d) Pense agora um pouco sobre o tempo no conto "Cantiga de Esponsais".

I. Em que ano ocorre a narrativa? Se os acontecimentos são uma invenção de um mundo possível imaginado pelo narrador, por que se pôs a data no texto?

II. Qual a duração do tempo cronológico dos acontecimentos desde a missa cantada até a morte de mestre Romão?

III. Na parte final do conto, mestre Romão está muito aflito. Ele tenta compor a cantiga, mas a inspiração não vem. Nesse momento, o narrador se demora, contando com detalhes tudo o que está acontecendo. O ritmo é lento, como a sensação de angústia de mestre Romão. Ao assim fazer, o narrador está valorizando o tempo cronológico ou o psicológico? Explique.

Machado de Assis se dirige às leitoras. Poderíamos pensar nas moças e senhoras do Rio de Janeiro do final do século XIX que liam pequenas narrativas nas revistas que circulavam na época. A maioria dessas mulheres lia apenas para se distrair, sem desejar aprofundar-se muito em filosofia ou psicologia humana. Machado cria uma narrativa aparentemente muito romântica: um homem paralisado em sua capacidade criativa por haver perdido a mulher amada. Muitas leitoras ficariam satisfeitas só com essa leitura. Outras, porém, enxergariam que, por detrás das ações das personagens, se esconde um olhar irônico sobre a existência humana. Muitos estudiosos de Literatura têm apreciado essa característica de Machado de Assis. Repare que, em *Cantiga de Esponsais*, a felicidade está onde a vida acontece, não onde queremos que ela aconteça. A realização pessoal está muito além da opinião da sociedade. Mestre Romão era socialmente muito valorizado, como se fosse um mito, mas não se sentia realizado como pessoa. Sua vida correta, mas vazia, como a sua casa, impedia-o de ser um artista completo. É comum encontrarmos, nos textos de Machado, essa recusa do ídolo, do homem perfeito. Para Machado, todos temos algo de bom e algo de mau.

ALARGANDO OS NOSSOS HORIZONTES CULTURAIS: FERNANDO PESSOA

Já se falou bastante de poesia no começo do capítulo. Neste momento, outro poeta português, Fernando Pessoa, que viveu no século XX, vai ajudar-nos a entender ainda melhor que é a poesia. Vamos ler um poema chamado *Contemplo o lago mudo*. Nome esquisito, não? É que o poeta não deu nome ao poema, então, quando isso acontece, nós nos referimos ao poema pelo primeiro verso dele. Então vamos ler o poema?

Contemplo o lago mudo
Que uma brisa estremece.
Não sei se penso em tudo
Ou se tudo me esquece.

O lago nada me diz,
Não sinto a brisa mexê-lo
Não sei se sou feliz
Nem se desejo sê-lo.

Trêmulos vincos risonhos
Na água adormecida.
Por que fiz eu dos sonhos
A minha única vida?

PESSOA, Fernando. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

Antes de nos aprofundarmos no poema, tente recapitular o que já aprendeu, identificando quantos versos possui o poema, quantas estrofes e qual o esquema de rimas do poema.

Reparou como o que importa para o poeta não é o que acontece no lago, mas aquilo que o ***eu poético*** sentiu quando viu o lago? A poesia lírica se preocupa principalmente com o mundo interior do eu que escreve o poema: o poeta. O mundo que está em volta do poeta, com as coisas, as pessoas, a sociedade e os acontecimentos históricos, não representa o principal do poema: o mais importante em um poema lírico é aquilo, no mundo interior do poeta, com que esse mundo exterior mexe. As coisas que acontecem no mundo exterior funcionam como um empurrão para que o poeta escreva.

Na poesia, as palavras carregam-se de significações. Muitas vezes, o leitor encontra em uma palavra do poema uma pluralidade de sentidos que valorizam o plano artístico do texto. Os sentidos plurais das palavras no poema se complementam e enriquecem as diferentes leituras realizadas.

No verso "contemplo o lago mudo", o termo "mudo" pode referir-se tanto ao lago quanto ao *eu poético*. A essa pequena confusão de sentidos chamamos de **ambigüidade**. Tanto pode ser o eu que está mudo enquanto contempla o lago, como pode ser o lago que emudece enquanto o eu poético o contempla.

Desenvolvendo competências

10

No caso de ser o lago que está mudo, identifique outro verso em que o poeta usou do mesmo recurso expressivo:

a) O lago nada me diz
b) Não sei se penso em tudo
c) Não sei se sou feliz
d) Por que fiz eu dos sonhos

A personificação do lago transforma-o em confidente do poeta, como se fosse um companheiro compartilhando de um momento difícil pelo qual o poeta está passando. A ambigüidade permite, no poema, uma riqueza de interpretações. Em que sentido poderia o lago estar mudo? E o eu poético? Por que estaria mudo? Esses dois sentidos se opõem ou se complementam? O poeta reflete sobre a sua identidade e questiona o fato de haver construído a sua vida com sonhos. O lago também está imóvel, parado. De certa forma, o lago mudo se identificaria com a vida parada do eu poético. Há momentos em que pode ser doloroso dar-se conta de que a nossa vida não foi ativa, mas ficou parada, perdida nos sonhos, como um se fosse um lago. O jogo entre eu mudo e lago mudo, presente no primeiro verso, reforça esse sentido de leitura que construímos.

É claro que nem todo poema é tão parado como esse que acabamos de ler. No texto lírico, existem certas palavras que nos fazem pensar em um *antes*

e um *depois*, como na narrativa. Porém, no poema lírico, a história para contar não é o mais importante, o mais importante é o sentimento do poeta trabalhado pela palavra. Muitas vezes, o poeta se isola dos acontecimentos do mundo. Ele se tranca em um mundo que é só seu. Em outras ocasiões, são justamente as mudanças que ocorrem à sua volta, no mundo exterior, que empurram o poeta a escrever.

A maioria dos poemas é escrita em versos e estrofes. É o caso do poema *Contemplo o lago mudo*. Alguns poemas, porém, são escritos em prosa, como o texto que você lerá a seguir. As linhas ocupam de um lado ao outro do papel e o texto aparece dividido em parágrafos. Às vezes, os poemas têm rimas; outras vezes, não. Em outros momentos, texto narrativo e texto lírico se misturam de tal maneira que é quase impossível separar o que é um e o que é outro. Veja a seguir um trecho de um daqueles textos que é quase impossível definir: poema em prosa? Narrativa lírica?

> *Naquele tempo, não falávamos com esta facilidade de agora: nossos pensamentos eram ainda, como estas águas, de emaranhadas teias, com luz e limo, diamantes rápidos e viscosos vagares de pântano.*
>
> MEIRELES, Cecília. *Giroflê, giroflá*. São Paulo: Moderna, 1981.

Desenvolvendo competências

11 *Leia o poema a seguir com atenção e responda ao que se pede.*

> *A caneta pousada na mesa*
> *O papel permanece em branco*
> *Tanto a dizer*
> *daquilo que foi visto,*
> *ouvido, sentido...*
> *Cada palavra foi pesada, sentida*
> *e agora se nega a sair*
> *O papel agoniza em branco*
> *A caneta morre na mesa*
>
> LANDEIRA. José Luís. (especialmente para esta edição).

a) O poema tem rima? As estrofes têm o mesmo número de versos?

b) Por que poderíamos afirmar que o texto acima é considerado Literatura?

c) De acordo com o poema, o que incomoda o eu-lírico?

OUTRO AUTOR QUE PERMITE ALARGAR A NOSSA CULTURA LITERÁRIA: MARTINS PENA

A Literatura é cultura e nela manifestam-se todos os temas: amor, ódio, dúvida, união, o poder das palavras... Há inúmeros assuntos para um texto literário! Há textos literários que procuram fazer-nos rir... e com humor, muitas vezes, se criticam os hábitos da sociedade, assim diziam os antigos romanos. Talvez você concorde com eles, principalmente depois de ler o texto a seguir, retirado da peça *Juiz de Paz na Roça*, do escritor brasileiro Martins Pena. Este trecho mostra o juiz julgando um caso de pessoas simples que moram na roça, no século XIX:

***Juiz**, assentando-se – Era muito capaz de esquecer. Sr. Escrivão, leia o outro requerimento.*

***Escrivão**, lendo – Diz Francisco Antônio, natural de Portugal, porém brasileiro, que tendo ele casado com Rosa de Jesus, trouxe esta por dote uma égua. “Ora, acontecendo ter a égua de minha mulher um filho, o meu vizinho José da Silva diz que é dele, só porque o dito filho da égua de minha mulher saiu malhado como o seu cavalo. Ora, como os filhos pertencem às mães, e a prova disto é que a minha escrava Maria tem um filho que é meu, peço a V.S.ª mande o dito meu vizinho entregar-me o filho da égua que é de minha mulher.”*

***Juiz** – É de verdade que o senhor tem o filho da égua preso?*

***José da Silva** – É verdade; porém o filho me pertence, pois é meu, que é do cavalo.*

***Juiz** – Terá a bondade de entregar o filho a seu dono, pois é aqui da mulher do senhor.*

***José da Silva** – Mas, Sr. Juiz...*

***Juiz** – Nem mais nem meios mais; entregue o filho, senão, cadeia.*

***José da Silva** – Eu vou queixar-me ao Presidente.*

***Juiz** – Pois vá, que eu tomarei a apelação.*

***José da Silva** – E eu embargo.*

***Juiz** – Embargue ou não embargue, embargue com trezentos mil diabos, que eu não concederei revista no auto do processo!*

***José da Silva** – Eu lhe mostrarei, deixe estar.*

***Juiz** – Sr. Escrivão, não dê anistia a este rebelde, e mande-o agarrar para soldado.*

***José da Silva**, com humildade – Vossa Senhoria não se arrenegue! Eu entregarei o **pequira**.*

***Juiz** – Pois bem, retirem-se; estão conciliados. (Saem os dous.) Não há mais ninguém? Bom, está fechada a sessão. Hoje cansaram-me!*

Desenvolvendo competências

12

a) Gostou do texto? Preste atenção a uma passagem dele: "Acontecendo ter a égua de minha mulher um filho, o meu vizinho José da Silva diz que é dele, só porque o dito filho da égua de minha mulher saiu malhado como o seu cavalo". A expressão "filho da égua de minha mulher" também é uma ambigüidade, como a que aparece no poema de Fernando Pessoa. Mas o efeito expressivo não nos faz refletir. Ao contrário, essa ambigüidade faz-nos rir. Explique por que isso se dá.

b) Escreva o que entendeu do texto de Martins Pena, procurando encontrar a crítica social presente e dando a sua opinião. Você o considera literário?

Em 1833, Martins Pena escreveu *Juiz de Paz da Roça*. Repare no título: Juiz de Paz era um cargo de grande responsabilidade e poder. Supunha-se que a pessoa havia estudado muito, feito até faculdade de Direito e que ela mandava nos outros ao seu redor, ainda mais no século XIX, em que havia poucas oportunidades para as pessoas estudarem. Roça, por outro lado, lembra o campo, um ambiente de pessoas mais simples, que dependiam das ordens vindas da cidade e que, normalmente, não tinham tanto estudo como o Juiz de Paz. Esse contato entre campo e cidade ainda rende piadas até hoje.

Contudo, é importante reparar na conduta do Juiz de Paz no texto de Martins Pena. Ele é muito mandão e autoritário. Ele não está realmente interessado em resolver os problemas das pessoas, mas antes prefere se ver livre daqueles que vão até ele. Mais ainda, abusa do poder e ameaça as pessoas que não fazem o que ele quer, como quando diz "Sr. Escrivão, não dê anistia a este rebelde, e mande-o agarrar para soldado". Martins Pena critica o mau uso do poder. O tom de comédia do texto deixa a crítica mais leve, mas o leitor, ao ler o texto, pode dar-se conta de que, mesmo depois de tanto tempo, o mau uso do poder ainda é um tema atual. Talvez o texto tenha uma escolha vocabular antiquada, o enredo talvez trate de acontecimentos que não se vêem mais nos dias de hoje, mas o tema por detrás do enredo, como, neste caso, o abuso do poder, ainda se mantém atual. Isso costuma acontecer muito com os textos literários.

Quando pensamos nos muitos casos que lemos, hoje em dia, em jornais e revistas, de pessoas que abusam do poder e da responsabilidade que possuem, fazendo mau uso do seu cargo, podemos pensar que esse problema não é novo no Brasil. Martins Pena é um exemplo de um escritor que se sentiu incomodado com o referido problema no seu tempo e no seu espaço/ambiente, transformando-o em tema de sua obra literária. A crítica ardida da peça de Martins Pena fazia as pessoas rirem e pensarem na realidade ao seu redor.

AUMENTAR A CULTURA LITERÁRIA...

Examinamos alguns autores da Literatura escrita. Ainda poderíamos falar de muitos outros autores e de muitas outras formas literárias. Aumentar a cultura literária é um caminho que sempre permite um avanço. Ou seja, quanto mais lermos e estudarmos o assunto, maiores serão os nossos horizontes literários. Todos temos o direito ao texto literário e é muito importante que você o leia; caso contrário, outros o farão por você e lhe passarão a perna! Ler Literatura, comentar sobre os textos literários, construir leituras neles é um prazer e, principalmente, um direito seu!

Conferindo seu conhecimento

1. *EFE FEF*
2. *Análise em sala de aula.*
5. *Análise do conto em sala de aula.*
6. *Resposta (b).*
7. *Análise do conto em sala de aula.*
8. *Análise do conto em sala de aula.*
9. *Análise do conto em sala de aula.*
10. *Resposta (a).*
11. *Análise em sala de aula.*

Orientação final

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Identificar categorias pertinentes para a análise e interpretação do texto literário e reconhecer os procedimentos de sua construção.
- Distingüir as marcas próprias do texto literário e estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.
- Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário com os contextos de produção, para atribuir significados de leituras críticas em diferentes situações.
- Analisar as intenções dos autores na escolha dos temas, das estruturas, dos estilos, gêneros discursivos e recursos expressivos como procedimentos argumentativos.
- Reconhecer a presença de valores sociais e humanos atualizáveis e permanentes no patrimônio literário nacional.

Capítulo VI

A VIDA EM UMA SOCIEDADE LETRADA

COMPREENDER E USAR OS SISTEMAS SIMBÓLICOS DAS DIFERENTES LINGUAGENS COMO MEIOS DE ORGANIZAÇÃO COGNITIVA DA REALIDADE PELA CONSTITUIÇÃO DE SIGNIFICADOS, EXPRESSÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO.

Maria Luiza Marques Abaurre

Capítulo VI

A vida em uma sociedade letrada

Você costuma prestar atenção na escrita que vê, em diferentes lugares, quando anda pela rua? Já leu frases em vidros de carros ou pára-choques de caminhão e pensou sobre o que significam? Já recebeu folhetos de propaganda, pedidos de auxílio ou ofertas de empréstimo de dinheiro? Já reparou na quantidade de símbolos que interpretamos diariamente?

A escrita faz parte das nossas vidas. Se olharmos à nossa volta, veremos textos em postes, em vidros traseiros de ônibus, em *outdoors*, em muros. Para existirmos "legalmente", precisamos de uma série de documentos escritos: certidão de nascimento, documento de identidade, carteira de trabalho etc. Tudo isso nos permite concluir que fazemos parte de uma sociedade letrada, ou seja, de uma sociedade na qual escrever é uma atividade importante na vida das pessoas, na constituição e divulgação da cultura, na construção e transmissão do conhecimento.

Existem muitas sociedades ágrafas (sem escrita) nas quais a memória cultural e a transmissão do conhecimento são feitas oralmente pelas pessoas mais velhas, que transmitem para os mais novos tudo o que sabem sobre seu povo. Esse não é, porém, o nosso caso. A escrita e a leitura estão presentes de modo muito forte em nossas vidas e é importante que possamos tirar o máximo proveito dessas atividades.

Vamos, ao longo deste capítulo, conversar sobre como aprendemos a "ler" os símbolos e linguagens que caracterizam uma sociedade como a nossa.

Para começar, imagine a seguinte situação: um nativo de uma tribo que vive em uma ilha da Polinésia encontra-se, por algum motivo, em nosso país. Na sua tribo não há escrita, carros, computadores... Você o vê parado, no meio da rua, e percebe que ele não sabe o que fazer para atravessar sem ser pego pelos carros. Ele, provavelmente, não fala português. Como você faz para ajudá-lo?

Será necessário indicar, por meio de gestos, que ele deve se guiar por um sinal luminoso que regula a passagem dos pedestres. Se aparecer a imagem de uma mão (luz vermelha), deve esperar; se a imagem for de uma pessoa (luz verde), pode atravessar para o outro lado da rua.

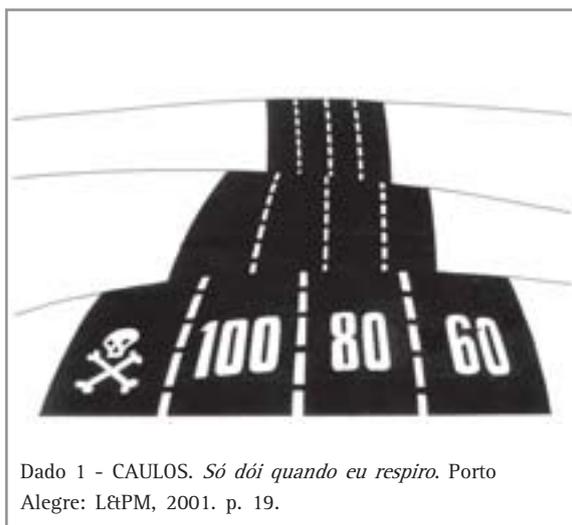
Não há nada escrito, mas aprendemos que, na nossa sociedade, o sinal vermelho indica que devemos esperar e o verde nos dá permissão para prosseguir. Associamos esses símbolos a um significado específico. Além de compreendermos seu significado, orientamos nosso comportamento por eles. Uma pessoa que vem de uma cultura diferente da nossa (o nativo da Polinésia, por exemplo) pode ter dificuldade para interpretar esses símbolos da mesma maneira.

É importante perceber que há uma grande quantidade de informações à nossa volta e constatar que essas informações são apresentadas nas mais variadas linguagens. Para compreendê-las, precisamos atribuir sentido à linguagem (palavras, gestos, símbolos...) utilizada.

O QUE É UM TEXTO?

Como podemos definir um **texto**? Como um amontoado de frases? Como uma combinação de palavras? Uma única frase é um texto? E uma única palavra? Uma imagem é um texto? Para resolver essa questão, vamos partir da análise de dois dados:

Dado 1 - CAULOS. *Só dói quando eu respiro*. Porto Alegre: L&PM, 2001. p. 19.

Dado 2

Se alguém pedisse a você para examinar os dados 1 e 2 e perguntasse se eles poderiam ser considerados "textos", qual seria sua resposta?

Em 1, vemos uma representação do que parece serem as pistas de uma estrada. Da direita para a esquerda, cada pista vem identificada por um número em ordem crescente: 60, 80, 100. Na última pista, aparece um símbolo (uma caveira sobre um "X" formado por dois ossos). Depois de identificar essas informações, será que podemos "ler" algo mais nessa imagem?

Pense no que conhece sobre as estradas brasileiras. Você sabe que há sempre um limite máximo de velocidade para cada uma delas. Em alguns lugares essa velocidade é de 40 km/h, em outros, 60 km/h, 80 km/h, ou mesmo 100 km/h. Se o desenho mostra várias pistas de uma estrada, cada uma delas identificada por um número diferente, podemos concluir que esses números indicam o limite de velocidade nessas pistas.

E o símbolo que aparece na última pista, como poderia ser "lido"? Uma caveira, com dois ossos cruzados, é um símbolo que costuma ser utilizado para indicar algo que oferece perigo de vida (produtos químicos altamente tóxicos, venenos, fios de alta tensão etc.). O uso dessa imagem em uma das pistas parece indicar que algo nela oferece um risco de vida para o motorista. Mas o quê?

Reflita: se a velocidade das pistas aumenta sempre, pode-se supor que o autor do desenho está querendo sugerir que andar em uma velocidade maior que 100 km/h representa um grande risco para a vida das pessoas.

Veja quanta informação conseguimos extrair de uma imagem onde não há nenhuma palavra escrita. O mais importante, porém, é constatar que fomos além do que está representado na imagem e concluímos algo sobre a intenção de quem fez esse desenho: sugerir que ultrapassar os 100 km/h oferece um grande risco para a vida dos motoristas. Há, portanto, uma intenção associada à imagem. A intenção do autor do desenho é chamar a atenção para a relação entre a alta velocidade e os acidentes fatais.

E no caso do dado 2? Ele permite alguma leitura? Podemos começar identificando o que vemos: uma placa preta com o número 100. O que esse número significa? Será uma identificação de quantidade de alguma coisa? Será um limite de velocidade? Será o número de habitantes de uma pequena cidade? Podemos propor algumas hipóteses, mas não temos como chegar a nenhuma conclusão, porque não contamos com informações suficientes para interpretar o sentido dessa imagem.

Que tal usarmos esses dois exercícios de "interpretação" para tentar chegar a uma definição do que pode ser considerado um **texto**? No caso do dado 1, construímos um sentido que foi além da identificação dos elementos presentes (pistas de estrada, números, símbolo da morte...). No caso do dado 2, não pudemos fazer nada além de nomear o que estava representado: o número 100. Essas constatações nos levam a identificar o que faz do dado 1 um texto:

- pode ser lido e interpretado;
- permite que se identifique um sentido diferente do sentido de cada um de seus elementos;
- sugere uma intenção por parte de quem o produziu.

Quando falamos de texto, portanto, identificamos um uso da linguagem (verbal ou não-verbal) que tem significado, unidade (é um conjunto em que as partes ligam-se umas às outras) e intenção.

Desenvolvendo competências

1 *Analise os exemplos abaixo. Eles podem ser considerados **textos**? Por quê?*

SUPERVISORES(S)

Empresa de serviços financeiros contrata com ou sem experiência para trabalho não relacionado a vendas ou distribuição de produtos. Oferecemos possibilidade de renda fixa e de crescimento profissional.

Fone: (11) 1234-5678

Exemplo 1 - Adaptado de: *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 5 maio 2002. Caderno Classifolha Campinas, p. C19.

Exemplo 2 - CAULOS. *Só dói quando eu respiro*. Porto Alegre: L&PM, 2001.p.9

TODO TEXTO TEM UM CONTEXTO

Agora que já temos critérios para identificar um texto, podemos observar alguns elementos que nos ajudam a interpretar os textos que estão à nossa volta.

Leia os textos a seguir:

IBIÚNA – Vendo sítio. Com 58.744m² de área, casa 1.075m² com 4 quantos, 2 suítes, piscina, sauna seca e a vapor, adega, salão de jogos, lago natural com peixes para pesca, churrasqueira, fogão a lenha, forno de pizza, 2 casas de caseiro, campo de futebol gramado oficial, nascente e floresta naturais. Tratar com José Marques. (011) 1234-5678.

Texto 1 - *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 maio 2002. Caderno Classifolha. Imóveis. p. 6.

SÍTIO – Vendo. Barbada. Ótima localização. Água à vontade. Árvores frutíferas. Caça abundante. Um paraíso. Antigos ocupantes despejados por questões morais. Ideal para casal de mais idade. Negócio de Pai para filhos. Tratar com Deus.

Texto 2 - VERÍSSIMO, Luis Fernando. *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 143.

Você deve ter percebido que esses dois textos são diferentes, embora tenham uma apresentação muito semelhante. O que há de comum entre eles?

- o formato: são anúncios de venda, do tipo que se encontra em classificados de um jornal;
- o tema: os dois "apresentam" as características de um sítio;
- a estratégia de venda: apresentar os pontos positivos do sítio que se deseja vender.

Qual seria, porém, a principal diferença entre eles? Note que o **texto 1** foi retirado da seção de classificados de um jornal de grande circulação e o **texto 2**, de um livro intitulado *Comédias para se ler na escola*. Será que alguém que deseja vender um sítio vai anunciá-lo em um livro? Claro que não! O título do livro já nos fornece uma pista interessante, porque comédias são obras de ficção com o objetivo de fazer rir. Ora, ninguém acha classificados de jornal engraçados...

Essa diferença entre os textos **1** e **2** nos ajuda a compreender um aspecto muito importante sobre os textos: todos eles têm um **contexto**, ou seja, uma **situação concreta** em que são produzidos e, depois, lidos.

O CONTEXTO SOCIAL

Qual foi a situação concreta que motivou a redação do **texto 1**? Uma pessoa – o Sr. José Marques – deseja vender uma propriedade (seu sítio em Ibiúna) e a anuncia nos classificados de um jornal, para que as pessoas interessadas possam entrar em contato com ele. Então, quem escreveu o texto pensou em quem iria se interessar em comprar aquilo que ele tinha para vender. Poderíamos dizer, portanto, que o **contexto** desse texto é **social** (envolve relações entre pessoas de uma mesma sociedade).

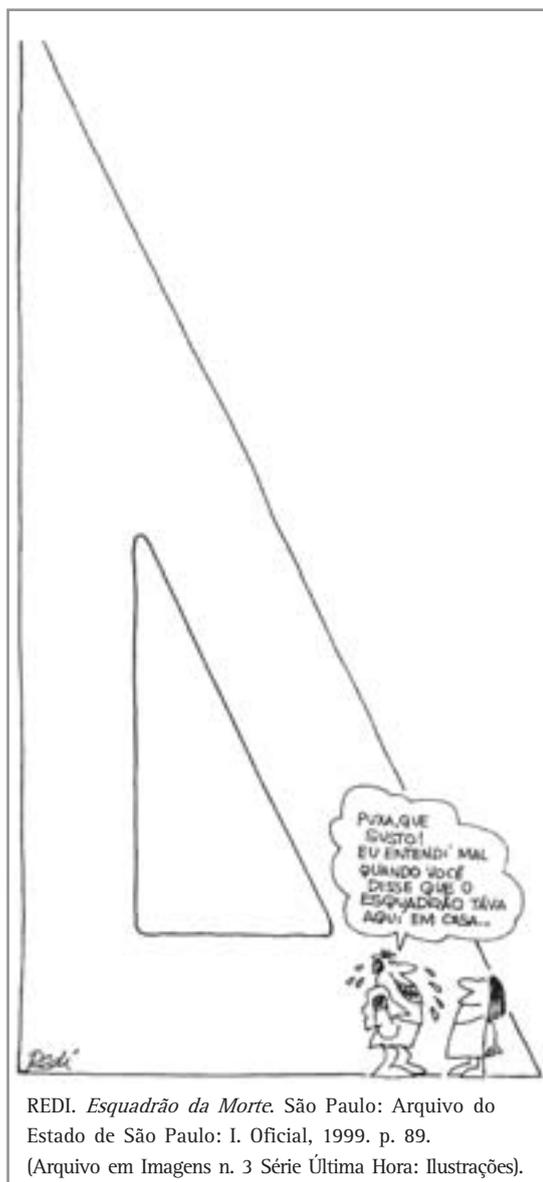
O CONTEXTO CULTURAL

E qual seria a situação concreta de produção do **texto 2**? Como já dissemos, esse texto foi publicado em um livro que tem por objetivo fazer as pessoas rirem (*Comédias para se ler na escola*). O autor do livro é um escritor e não pretende vender nenhuma propriedade. Na verdade, se lermos com atenção, veremos que quem anuncia um sítio, nesse caso, é "Deus".

Essa informação, obtida no texto, é suficiente para percebermos que o autor pretende criar uma situação engraçada a partir da imaginação de que, depois de expulsar Adão e Eva do paraíso, Deus resolveu "vender" sua propriedade. Por isso o texto fala em *"Água à vontade. Árvores frutíferas. Caça abundante. Um paraíso"*. Para entender esse texto, temos de reconhecer as referências que faz a um outro texto, a *Bíblia*.

A *Bíblia* é um livro muito importante para todas as pessoas de religiões cristãs, mas é conhecido também por quem tem outras religiões. Algumas de suas passagens, como a expulsão de Adão e Eva do paraíso, fazem parte da cultura Ocidental.

O **contexto** do **texto 2** pode ser identificado como **cultural**, porque faz referência a conhecimentos transmitidos no interior de uma cultura (a ocidental).

REDI. *Esquadrão da Morte*. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo: I. Oficial, 1999. p. 89. (Arquivo em Imagens n. 3 Série Última Hora: Ilustrações).

Quando lemos um texto, devemos sempre levar em consideração seu contexto, já que essa informação nos ajuda a compreender o sentido do próprio texto.

O CONTEXTO HISTÓRICO

Em alguns casos, se não conhecemos o contexto a que faz referência um texto, não conseguimos entender o que lemos. Observe a ilustração acima:

Esse texto é um cartum (um desenho que representa comportamentos humanos, de modo satírico, feito para publicação em jornal). Nele vemos um grande esquadro na frente do qual um homem conversa com uma mulher. O homem aparenta nervosismo (note que está enxugando o suor do rosto com um lenço) e fala que levou um susto ao saber que o "esquadrão" estava em sua casa.

O que você entendeu desse texto? Difícil, não é mesmo? O que será esse "esquadrão" de que fala o homem? Há diferentes possibilidades de interpretação desse termo. Uma delas é técnica e faz referência à geometria. Um "esquadrão" poderia ser um esquadro muito grande. E um esquadro é um instrumento chato em forma de triângulo retângulo que serve para traçar ângulos retos ou linhas perpendiculares, muito usado para desenhos geométricos.

A segunda interpretação é histórica e faz referência a um grupo de justiceiros que atuou no Brasil, durante a década de 1970, e se intitulou Esquadrão da Morte. O Esquadrão da Morte era formado por policiais que se reuniam e matavam os que eles julgavam bandidos. Como símbolo do grupo, eles deixavam, junto ao corpo, um cartaz em que aparecia uma caveira e duas tíbias cruzadas; embaixo, a inscrição: EM (Esquadrão da Morte). Esse grupo foi responsável por muitas mortes.

Com essa informação histórica, o texto faz mais sentido, não é mesmo? O medo do homem explica-se pela ameaça representada pelo Esquadrão da Morte. O desenho que aparece ao fundo é do instrumento usado na geometria. O cartunista está fazendo um jogo de palavras com os sentidos do termo "esquadrão". Veja que, para compreender o cartum, precisamos recuperar o **contexto histórico** a que ele se refere e saber o que significou o Esquadrão da Morte.

Reconhecer críticas contra um comportamento como o do Esquadrão da Morte é importante, porque, ainda nos dias de hoje, vemos políticos em campanha eleitoral sugerirem que "bandido bom é bandido morto", como se a sociedade pudesse dispensar as leis e todos devessem fazer justiça com as próprias mãos.

Desenvolvendo competências

2

1. **(Enem/MEC)**

Folha de S. Paulo, São Paulo, 6 out. 1992.

O ***problema enfrentado*** *pelo migrante e o* ***sentido da expressão “sustança”*** *expressos nos quadrinhos, podem ser, respectivamente, relacionados a*

a) rejeição / alimentos básicos.

b) discriminação / força de trabalho.

c) falta de compreensão / matérias-primas.

d) preconceito / vestuário.

e) legitimidade / sobrevivência.

2. Qual é o contexto dos quadrinhos (seqüência de desenhos, com finalidade crítica ou humorística) reproduzidos acima? Explique sua resposta.

TODO TEXTO TEM UM UMA FUNÇÃO

Você já parou para observar que uma diferença importante entre os textos é a função que cumprem? Leia atentamente cada um dos textos que segue e veja se você consegue identificar qual a sua função:

Uma raposa faminta, ao ver alguns cachos de uvas pendentes de uma certa parreira, tentou apoderar-se deles, porém não o conseguiu. Afastando-se, então, dizia para si mesma: “Estão verdes”.
Assim também certos indivíduos, não sendo capazes, por sua própria fraqueza, de resolver os seus problemas, acusam as circunstâncias.

Texto 1 - ESOPO. A raposa e as uvas. In: ______. *As fábulas de Esopo*. Tradução de Manuel Aveleza. Rio de Janeiro: [s.n.], 1999. p. 309.

Panquecas

Ingredientes:

3 colheres (sopa) de trigo

1 colher (chá) de sal

2 ovos inteiros

1 xícara de leite

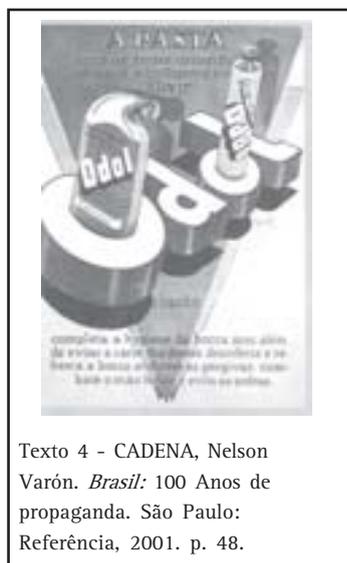
Modo de fazer:

Mistura-se bem os ingredientes, tira-se às colheradas e põe-se na frigideira (ligeiramente untada com óleo) para fritar. Fogo brando. Recheia-se a gosto.

Texto 2

Existem, há dezenas de milhares de anos, inúmeros meios de transmitir mensagens através de desenhos, sinais, imagens. Entretanto, a escrita, propriamente dita, só começou a existir a partir do momento em que foi elaborado um conjunto organizado de signos ou símbolos, por meio dos quais seus usuários puderam materializar e fixar claramente tudo o que pensavam, sentiam ou sabiam expressar.

Tal sistema não surge da noite para o dia. A história da escrita é longa, lenta e complexa. História que se confunde, se entrelaça, com a história do próprio homem, um romance apaixonante do qual nos faltam, ainda hoje, algumas páginas.

Texto 3 - JEAN, Georges. A escrita: memória dos homens. Tradução de Lídia da Mota Amaral. In: ______. *Um nascimento humilde*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. p. 12. Tradução de: *L'écriture: mémoire des hommes*. (Descobertas Gallimard Arqueologia).

Texto 4 - CADENA, Nelson Varón. *Brasil:* 100 Anos de propaganda. São Paulo: Referência, 2001. p. 48.

E então, conseguiu identificar a função de cada um dos quatro textos? A primeira observação importante é a de que estamos diante de textos diferentes.

O **texto 1** apresenta uma pequena história de uma raposa que desejava alcançar um cacho de uvas. Como não conseguiu, resolveu se convencer de que estavam verdes e não poderiam ser comidas. No fim da história, o comportamento da raposa é comparado ao comportamento de algumas pessoas que, quando não conseguem o que desejam, culpam as circunstâncias, em lugar de assumirem a própria responsabilidade pelo "fracasso". Esse texto é uma pequena **narrativa** cuja função é orientar o comportamento das pessoas por meio de exemplos.

O **texto 2** é facilmente reconhecível. Trata-se de uma receita de panquecas. Após a identificação dos ingredientes a serem utilizados (trigo, sal, ovos e leite), são dadas as instruções de como preparar as panquecas. A função desse texto é ensinar alguém a executar, passo a passo, uma operação (no caso, a preparar um tipo de comida). Vamos chamá-lo, então, de texto **instrucional**, porque apresenta as instruções a serem seguidas para alcançar um determinado objetivo (preparar um alimento, utilizar ou instalar um equipamento etc.).

O **texto 3** difere dos dois anteriores. Ele não conta uma história inventada nem apresenta instruções. Na verdade, esse texto nos oferece informações sobre o surgimento da escrita. Seu objetivo é apresentar ao leitor dados que este desconhece (no caso, sobre a escrita). Vamos dizer, portanto, que sua função é **expositiva**, uma vez que apresenta (expõe) informações para o leitor.

O **texto 4** traz um elemento novo: o investimento no aspecto gráfico. De dentro da palavra "odol" surgem um tubo de pasta e um frasco de elixir. O texto que acompanha essa imagem destaca as qualidades dos dois produtos. Seu objetivo é divulgar os benefícios a serem alcançados por quem os utilizar. Note que o texto apresenta as qualidades dos produtos, para que as pessoas que o lêem se convençam de que eles são muito bons e devem ser comprados. Sempre que um texto tiver por objetivo convencer o leitor a agir de uma determinada maneira (comprar um produto, fazer uma doação etc.), diremos que sua função é **persuasiva**.

Persuadir: *levar alguém a acreditar em algo que se diz e a agir de uma determinada maneira. É usado, em alguns casos, como sinônimo de convencer, embora o convencimento diga respeito à primeira parte da definição (levar alguém a acreditar em algo).*

Além de observar que cada um dos textos tem uma função diferente, devemos também perceber que suas características se modificam, de acordo com a função que devem cumprir.

De modo geral, podemos identificar três grandes funções a serem desempenhadas por textos: a função **narrativa**, a função **expositiva** e a função **persuasiva**. Mas, o que significa cada uma dessas funções? Como identificá-las em um texto?

A FUNÇÃO NARRATIVA

Há muito tempo, os deuses navajos organizaram uma grande cerimônia de cura. "Que caminhemos na beleza", cantavam todos, pedindo que estivessem em harmonia com a terra onde viviam. Mas alguma coisa andava errada: duas canções soavam ao mesmo tempo, duas canções em idiomas diferentes. Ao perceber o que acontecia, a Mãe-Terra resolveu congelar a cerimônia. Transformou todos os deuses em rochas e os aprisionou para sempre no espaço e no tempo. E tudo caiu no silêncio.*

BARTABURU, Xavier. Era uma vez no oeste. *Terra*, São Paulo, v. 11, n. 119, p. 44, mar. 2002.

** Navajo: tribo de índios da América do Norte.*

Há, nos Estados Unidos, um ponto em que quatro estados (Utah, Colorado, Arizona e Novo México) se encontram. Ele é chamado de *Four Corners* (quatro cantos, em inglês). Para explicar a sua criação, os índios navajos criaram a história apresentada acima.

Desde o início dos tempos, o ser humano faz uso das narrativas para refletir sobre o mundo em que vive. Quando ainda não tinha os conhecimentos científicos necessários para explicar uma série de fenômenos da natureza (terremotos, vendavais, amanhecer, anoitecer etc.), criava histórias nas quais deuses e homens conviviam. Geralmente, a ação dos deuses era vista como causa do fenômeno que não se conseguia compreender.

Volte ao texto dos navajos. Observe que a "Mãe-Terra" congela os deuses no espaço e no tempo para formar o *Monument Valley* (região onde se encontram os quatro cantos de que fala o texto). Essa ação não é explicada, não é real, mas permanece até hoje na memória de um povo como narrativa da origem de uma região.

Um geólogo (cientista que estuda a origem, a história e a estrutura da Terra) explicaria que essa região foi formada pela ação do vento e da neve, que, ao longo de milhares de anos, abriram as grandes fendas nas pedras e criaram a paisagem que caracteriza o *Monument Valley*.

Embora hoje se saiba qual é a explicação científica para esse fenômeno da natureza, os índios navajos preferem acreditar em sua narrativa e continuam a entoar a oração de cura que, segundo a história, foi cantada pelos deuses no momento de formação do vale:

Que haja beleza à minha frente
Que haja beleza por trás de mim
Que haja beleza acima de mim
Que haja beleza dentro de mim
Que eu possa caminhar sempre na beleza.

BARTABURU, Xavier. Era uma vez no Oeste. *Terra*, São Paulo, v. 11, p. 57, mar. 2002.

A narrativa tem desempenhado, ao longo dos tempos, a função de preservar os costumes de um povo, de transmitir suas características culturais, de permitir a reflexão sobre o comportamento humano em geral.

AS CARACTERÍSTICAS DA NARRATIVA

Você deve ter observado que os textos narrativos que apresentamos têm algumas características específicas. Em primeiro lugar, as histórias contadas podem ser inventadas (ficcionais). Não se exige que uma narrativa apresente fatos verdadeiros.

De modo geral, toda narrativa tem um **narrador** (quem conta a história) que estabelece um ponto de vista a partir do qual a história vai ser contada (**foco narrativo**). Considere o seguinte texto:

> *Sempre me chamou a atenção, aquela senhora. Ela almoça no mesmo restaurante que eu. Todos os dias, à mesma hora, vejo-a entrar, sozinha, elegante em sua roupa escura, quase sempre de gola rulê, os cabelos muito brancos presos num coque. Pisa o chão de lajotas com passos incertos, o corpo muito magro um pouco encurvado, como se carregasse um peso invisível – ou um segredo. Sim, porque os segredos vergam as costas, pesam como fardos. E, ao olhar para ela, desde a primeira vez, fui tomada pela sensação de que tinha algo a esconder.*
>
> SEIXAS, Heloísa. *Segredos*: contos mínimos. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 19.

Quem conta a história? Logo no início do texto, podemos identificar a narradora: ela é alguém que almoça todos os dias no restaurante freqüentado pela velha senhora. Como está todos os dias ali, observa a senhora, interpreta suas características, faz suposições a seu respeito (ela andaria curvada porque teria um segredo...). O ponto de vista a partir do qual essa história será contada é o dessa mulher que observa a velha senhora.

Além do narrador, o texto narrativo também apresenta personagens (as pessoas que participam dos acontecimentos contados pelo narrador), um espaço (nesse caso, fala-se do interior de um restaurante) e um tempo (momento em que os acontecimentos ocorrem, duração de cada um deles).

RELATO

*Um outro tipo de texto em que também percebemos a função narrativa (apresentação de uma série de acontecimentos), sem que haja a construção de personagens, a caracterização de um cenário ou o estabelecimento de um tempo é o **relato**.*

No nosso dia-a-dia, usamos o relato inúmeras vezes. Sempre que queremos contar algum acontecimento, relatamos o que se passou. Às vezes, somos solicitados a escrever pequenos relatos para nosso chefe, de modo a registrar uma ocorrência especial durante o expediente. A preocupação de quem relata algo deve estar voltada para o registro dos fatos, sem grande preocupação com detalhes.

• A crônica

Um tipo especial de narrativa é a crônica. A origem da palavra *crônica* é grega e vem de *chronos* (tempo). É por esse motivo que uma das características definidoras desse tipo de texto é o seu caráter atual. Nesse tipo de texto, encontramos a apresentação de fatos atuais, a partir dos quais um autor desenvolve reflexões mais abrangentes sobre o comportamento humano.

O FIM DO MUNDO, DE SEGUNDA A SEXTA, ÀS 20H

Rapaz é ofendido e por isso mata duas crianças e um adolescente que passeava de bicicleta. Ainda sem solução o caso do calouro de Medicina que foi encontrado morto numa piscina depois de uma sessão de trotes. Guarda mata por engano um rapaz que foi buscar a namorada no colégio. Vereador acusado de agiotagem. Prefeituras desviam verbas destinadas à educação. Deslizamento de terra mata 41 pessoas na Colômbia. 48 casas incendiadas numa cidade americana. Pilotos condenados a pagar 42 milhões de indenização por causa de uma greve ilegal. (...) Toneladas de remédios estragam num galpão da Secretaria de Saúde de Minas. Força de Paz é recusada em Kosovo. (...)

Esse não é um resumo dos males do século, e sim as notícias que foram ao ar pelo Jornal Nacional na sexta passada, 26 de abril [de 1999], uma data que escolhi aleatoriamente. (...)

Muita gente acredita que o mundo terminará numa explosão atômica ou na queda de um meteoro gigante, qualquer coisa assim, apocalíptica. Começo a achar que não. Talvez o fim do mundo já esteja sendo vivido, só que em doses homeopáticas, um pouco a cada dia, pra gente se acostumar com a dor.*

MEDEIROS, Martha. *Trem-bala*. 7. ed. Porto Alegre: L&PM, 1999. p. 219-220.

* *Apocalíptica: catastrófica.*

Percebeu a diferença entre esse texto e a narrativa? Veja só: a autora fala de alguns acontecimentos (na verdade, anota as notícias dadas em um jornal) e os usa como ponto de partida para sua reflexão sobre o que pode ser o fim do mundo. Segundo ela, quando observamos o comportamento das pessoas, quando vemos tanto crime, tanta desonestidade, tanta guerra ao nosso redor, já estamos vendo o mundo se acabar aos poucos.

Os acontecimentos, nesse caso, serviram como base para a autora da crônica fazer sua reflexão mais geral sobre o comportamento humano. Eles não foram inventados, o texto não nos apresentou personagens, não caracterizou um cenário ou estabeleceu um tempo específico, o que deveria acontecer, caso fosse uma narrativa.

A FUNÇÃO EXPOSITIVA

Em lugar de apenas contar histórias, relatar acontecimentos importantes ou apresentar informações sob a forma de notícias, em determinadas circunstâncias, temos a necessidade de usar a linguagem de modo a convencer as pessoas com quem convivemos. Se temos um papel de liderança (em casa, no serviço, na comunidade da qual fazemos parte), não podemos contar com a força para convencer outras pessoas a agirem de uma certa forma ou fazerem o que julgamos mais acertado. Há ocasiões, ainda, em que precisamos explicar algo, ensinar um procedimento ou uma técnica nova. Em resumo, precisamos de um texto que cumpra uma função **expositiva**.

A estrutura narrativa não é a mais adequada e eficiente para desempenhar tal função. É preciso organizar o pensamento e a fala de modo mais objetivo, identificar claramente os aspectos a serem observados ou analisados. Na escrita, o tipo de texto correspondente a essa maneira de olhar e enfrentar de modo mais objetivo e direto determinadas questões é o **dissertativo**.

- O texto dissertativo

A ALMA DA FOME É POLÍTICA

A fome é exclusão. Da terra, da renda, do emprego, do salário, da educação, da economia, da vida e da cidadania. Quando uma pessoa chega a não ter o que comer, é porque tudo o mais já lhe foi negado. É uma espécie de cerceamento moderno ou de exílio. A morte em vida. E exílio da Terra.

A alma da fome é política.

A história do Brasil pode ser contada de vários modos e sob vários ângulos, mas para a maioria ela é a história da indústria da fome e da miséria. (...) Aqui não houve lugar para o acaso. Tudo foi produzido como obra calculada. Fria.

O resultado está aí diante dos olhos de todos. Uma parte ostensiva, rica, branca, educada, motorizada, dolarizada. Outra parte imensa na sombra, negra, analfabeta, dando duro todos os dias, comendo o pão que o diabo amassou (...). Dois mundos no mesmo país, na mesma cidade, muito próximos pela geografia e infinitamente distantes como experiência de humanidade. (...)

A frieza construiu a miséria. Construiu as cidades cheias de gente e de muros que as separam como estranhos que se ignoram e se temem. A solidariedade vai destruir as bases de existência da miséria. É uma ponte entre as pessoas.

Por isso o gesto de solidariedade, por menor que seja, é tão importante. É um primeiro movimento no sentido oposto a tudo que se produziu até agora. Uma mudança de paradigma, de norte, de eixo, o começo de algo totalmente diferente. Como um olhar novo que questiona todas as relações, teorias, propostas, valores e práticas, restabelecendo as bases de uma reconstrução radical de toda a sociedade. Se a exclusão produziu a miséria, a solidariedade destruirá a produção da miséria, produzirá a cidadania plena, geral e irrestrita. Democrática.

SOUZA, Herbert; RODRIGUES, Carla. *Ética e cidadania.* São Paulo: Moderna, 1994. (Coleção Polêmica).

Você deve ter percebido que o texto acima começa por definir o que vem a ser "fome". Para o autor, "quando uma pessoa chega a não ter o que comer, é porque tudo o mais já lhe foi negado". Por isso, ele defende a idéia de que toda pessoa que passa fome está excluída da sociedade. Matar a sua fome significa, então, reintegrá-la, fazer com que ela volte a fazer parte de uma comunidade, por meio da ação solidária.

Herbert de Souza escreveu esse texto com o objetivo de defender uma campanha que ele desenvolveu para combater a fome dos milhões de brasileiros miseráveis. Trata-se da *Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida*. Como nos explica no texto: "Se a exclusão produziu a miséria, a solidariedade destruirá a produção da miséria, produzirá a cidadania plena, geral e irrestrita. Democrática.".

Em um texto dissertativo, o objetivo do autor é mostrar para seus leitores que ele tem razão em pensar daquela maneira. Assim, concordar com o ponto de vista de Herbert de Souza, depois de ler o texto, significa começar a agir para combater a fome, contribuir para a construção de um Brasil mais democrático.

- O texto jornalístico

Você já deve ter reparado que um outro tipo de texto muito comum é aquele que nos apresenta informações. Pense, por exemplo, em um jornal. Todos os dias, encontramos nele inúmeras notícias. Lê-las significa descobrir o que está acontecendo no nosso país e no mundo. Podemos também procurar informações úteis nos jornais: a seção de classificados apresenta ofertas de empregos, casas e apartamentos para alugar etc. Nos feriados, o jornal nos informa sobre quais serviços ficarão abertos e fechados.

Embora a função de uma notícia seja expositiva, sua estrutura é diferente da de uma dissertação e assemelha-se à de um relato. Os elementos típicos de uma notícia costumam ser resumidos por uma "lista" de perguntas básicas: Q – Q – Q – O – C – PQ? (quem?, o quê?, quando?, onde?, como?, por quê?, para quê?). Ao responder a cada uma dessas perguntas, o jornalista assegura a apuração dos fatos e garante que dispõe das informações necessárias para redigir a sua matéria.

Desenvolvendo competências

3

Apresentamos, a seguir, uma notícia retirada de um jornal de grande circulação. Leia-a com atenção e identifique, no texto, a resposta para cada uma das perguntas básicas que devem ter orientado o jornalista no momento de redigi-la.

BRIGA DE GANGUES EM BH CAUSA MORTE

Belo Horizonte – O garoto Álvaro Oliveira Martins foi atingido na nuca por uma bala perdida, durante um tiroteio entre gangues rivais na noite de ontem, no bairro Morro das Pedras, na periferia de Belo Horizonte. Internado no Centro de Terapia Intensiva (CTI) do Hospital de Pronto-Socorro João XXIII, seu estado é considerado gravíssimo. Na troca de disparos, que a Polícia Civil acredita ter ocorrido por disputa por pontos do tráfico de drogas da região, uma pessoa morreu e outras quatro ficaram feridas.

Pedro Timóteo, de 52 anos, levou um tiro na cabeça e morreu ao dar entrada no hospital. A polícia não soube dizer se ele participava ou não do tiroteio. Os outros feridos não correm risco de morte e já receberam alta hospitalar. A PM apreendeu no local quatro cápsulas de espingarda calibre 12 e seis de uma pistola calibre 7.65.

O Estado de S. Paulo. São Paulo, 11 fev. 2001.

Outro aspecto importante a ser observado é que o texto das notícias deve ser imparcial. Se você leu com atenção, deve ter percebido que não temos como identificar o que sentiu ou pensou o jornalista a respeito do fato de o menino Álvaro de Oliveira Martins ter sido atingido por uma bala perdida. Podemos imaginar que, como qualquer outro ser humano nesse contexto, ele deve ter sentido pena do menino, deve ter ficado indignado com a situação – mais um exemplo da violência que assola nossas cidades –, mas nada disso faz parte do seu texto. Como dissemos, a função do texto jornalístico é ***informar***. A informação, no caso, não diz respeito à reação ou aos sentimentos de quem escreve a notícia. O jornalista deve limitar-se à apresentação dos fatos apurados.

• O texto instrucional

Em algumas situações muito práticas, precisamos de orientações sobre como agir. Há um tipo de texto expositivo que nos auxilia nesse casos: o texto **instrucional**.

Pense, por exemplo, em um acidente doméstico muito freqüente: as queimaduras. Alguém está cozinhando e, em um momento de distração, deixa cair água fervendo sobre a pele. O que fazer?

1. Em extremidades queimadas, remova relógios, pulseiras, anéis ou alianças.

2. Coloque a área queimada sob água corrente (torneira, mangueira). Isso irá resfriar o local, limpar e aliviar a dor.

3. Cubra o local atingido com um pano limpo e procure socorro médico.

4. Não coloque gelo, pasta de dente, clara de ovo ou qualquer outra coisa sobre a queimadura. Isso pode prejudicar muito a vítima, além de dificultar o trabalho do médico.

5. Não fure as bolhas.

Folheto distribuído em ato público na calourada 2002 das turmas de medicina, enfermagem e fonoaudiologia da Unicamp.

O texto anterior orienta o leitor sobre como agir em caso de queimadura. Veja que cada uma das instruções é formulada como uma ordem (ou comando): "coloque", "remova", "cubra", "não coloque"...

Essa é uma característica específica dos textos **instrucionais**. Como o objetivo, nesse caso, é muito prático, quem escreve o texto pensa em quais ações devem ou não ser realizadas por quem socorre alguém que sofreu uma queimadura. De modo objetivo, são dadas orientações sobre o que precisa ser feito (lavar a área queimada com água corrente) e o que deve ser evitado (colocar substâncias estranhas sobre a queimadura, furar bolhas).

Sempre que precisarmos produzir um texto para orientar o comportamento de alguém, em uma situação específica, devemos nos lembrar de que as instruções devem reproduzir exatamente as ações a serem realizadas naquela situação.

A FUNÇÃO PERSUASIVA

Você já observou quantas vezes, ao andar pela rua, somos abordados por alguém que nos entrega um papel? São inúmeras propagandas, que nos oferecem produtos baratos, descontos maravilhosos, dinheiro facilitado... será que tudo isso é verdade? Será que podemos confiar nas propagandas?

Agora que estamos prestando atenção à estrutura dos textos, devemos atentar para uma característica marcante das propagandas: todas querem nos convencer a agir de uma determinada maneira (comprar um produto, pedir dinheiro emprestado, fazer doações para instituições de caridade, assistir a um filme etc). A função do texto, portanto, é **persuasiva**, já que persuadir, como vimos, significa levar alguém a acreditar no que dizemos e a fazer o que queremos ou sugerimos.

• A propaganda

É importante, porém, notar que existem diferentes textos persuasivos. A propaganda é um deles (talvez o mais conhecido) e tem uma estrutura específica. Observe:

Folheto produzido pelo Centro de Captação de Órgãos e Tecidos do Hospital das Clínicas da Unicamp e Secretaria de Saúde da Prefeitura do Município de Hortolândia.

O texto do folheto acima foi elaborado com uma finalidade específica. Você deve ter observado que tudo o que é dito no texto gira em torno de uma mesma idéia: a doação de órgãos é um gesto muito importante. A finalidade da propaganda, nesse caso, é convencer todos que a lêem a se tornarem doadores.

Para convencer os leitores, o folheto apresenta uma imagem que sugere um argumento. Que imagem é essa? Muito bem: a de uma via de mão dupla. Essa imagem sugere que há um caminho de ida e de volta, e que não temos como saber em que lado desse caminho podemos nos encontrar. Dessa imagem nasce o argumento central da propaganda: é importante doar órgãos, porque nunca se sabe quem é que vai precisar de um transplante (você? alguém da sua família? um amigo?).

Um aspecto importante do texto persuasivo é o diálogo com o leitor. Note que o texto faz referência a "você". Ora, quem é esse "você" que aparece no texto? Se você pensou em todos os leitores desse texto, acertou! A idéia é justamente a de fazer com que o leitor sinta que o texto "fala" diretamente com ele; levá-lo a acreditar que o seu envolvimento é essencial para o sucesso da campanha de doação de órgãos e tecidos. Pense bem: se todas as pessoas que receberem o folheto decidirem se tornar doadoras, provavelmente as longas filas de espera por um transplante acabarão e muitas vidas serão salvas.

É por isso que o texto persuasivo "fala" diretamente com o leitor. Ele precisa convencer quem o lê a agir de uma determinada maneira.

Da próxima vez que você receber uma propaganda, leia o texto com atenção, pergunte-se o que aquele texto quer levá-lo a fazer. Analise atentamente o que se afirma e veja quais são as condições estabelecidas para se obter um determinado benefício. Uma das nossas principais "armas" contra a propaganda enganosa é a capacidade de análise.

• A carta argumentativa

E se você precisar escrever um texto para convencer alguém a fazer algo por você? Já passou por uma situação como essa? Há momentos em que, para garantir nossos direitos, temos que apresentar, por escrito, uma reclamação. Alguns jornais oferecem a seus leitores espaços para publicarem suas reclamações sempre que se julgam mal atendidos ou que têm seus direitos desrespeitados. Veja o que aconteceu com um aposentado que resolveu aproveitar a oferta de um folheto de propaganda que prometia descontos na compra de medicamentos em uma farmácia específica.

A farmácia XYZ distribuiu folheto informando que aposentado conveniado a uma determinada empresa de saúde teria direito a 25% de desconto na compra de medicamento, mediante a apresentação da receita.

Como eu me enquadrava no que dizia o folheto, além de possuir o cartão da farmácia, procurei a loja e comprei o remédio de que necessitava.

Entretanto, ao efetuar o pagamento, o caixa informou-me que não teria direito ao desconto, pois o remédio não estava em promoção pela empresa da qual sou associado. Em casa, liguei para o Serviço de Atendimento ao Consumidor, que ficou de apurar os fatos e retornar. Voltei à loja e o mesmo caixa informou-me que a listagem de remédios muda diariamente e de acordo com cada convênio médico. Isso é bingo e não promoção. Seria mais honesto a farmácia afixar em lugar visível da loja a relação dos remédios em promoção.

Carta de Wilson S. B., adaptada da Coluna "Advogado de Defesa" do *Jornal da Tarde*, São Paulo, p. A3, 8 maio 2002.

Essa situação é típica da sociedade em que vivemos: faz-se uma propaganda para levar as pessoas a comprarem em uma determinada loja e, lá chegando, constata-se que aquilo que foi prometido não será cumprido. No caso do Sr. Wilson, a promessa de 25% de desconto em medicamentos certamente merecia a atenção de um aposentado. Na hora em que foi pagar, ele descobriu que havia restrições para os descontos (cada empresa conveniada dá direito a alguns descontos e não a todos), que a lista de remédios com desconto variava diariamente... enfim, uma série de diferenças em relação ao que se prometia na propaganda.

Esse consumidor conhecia um jornal que abria espaço para reclamações e mandou para lá a carta que lemos, explicando o que aconteceu. O advogado responsável pela coluna, após ler a carta do Sr. Wilson, comentou:

Advogado de Defesa: "Se o fornecedor faz publicidade ofertando descontos especiais para determinados grupos, é importante que na publicidade esclareça de maneira clara e precisa quais são as exceções da oferta (quais os remédios que têm e quais não têm descontos). Uma publicidade de oferta sem as ressalvas é enganosa por omissão e obriga o fornecedor a cumprir a oferta nos termos que induziu o consumidor a acreditar."

Coluna "Advogado de Defesa". *Jornal da Tarde*, São Paulo, 8 maio 2002. p. A3.

É importante que, como o Sr. Wilson, saibamos defender nossos direitos, sempre que necessário. A carta argumentativa é um texto que serve bem a essa finalidade. Como toda carta, ela é dirigida a um interlocutor específico (no caso, a pessoa a quem devemos apresentar nossas queixas e argumentos) e procura convencê-lo de que quem escreve tem razão em apresentar sua reclamação.

Volte ao texto do Sr. Wilson e identifique as razões de sua queixa. Você deve ter percebido que ele acusa a farmácia de propaganda enganosa, porque, no folheto que anuncia os 25% de desconto, não se revela que:

1. há uma restrição de produtos cujo preço será diminuído;

2. cada empresa de convênio define uma lista específica de medicamentos que terão desconto;

3. as listas de medicamento cujo preço será diminuído mudam diariamente.

Parece que o Sr. Wilson tem razão para reclamar. Se a propaganda promete 25% de desconto para aposentados com convênio da empresa X, tem de garantir o desconto. Não é correto, na hora em

que o freguês vai pagar sua compra, descobrir que há várias condições não reveladas para que ele se qualifique e possa obter o desconto prometido.

Saber utilizar os textos em nosso favor é um importante exercício de cidadania, porque, por meio de textos (orais ou escritos), defendemos nossos direitos, identificamos procedimentos irregulares, denunciamos injustiças...

Viver em uma sociedade letrada como a nossa exige que saibamos tornar a leitura e a escrita armas em defesa dos nossos direitos.

Desenvolvendo competências

4

Imagine que você foi até uma loja e comprou duas portas para serem entregues na sua casa, em 30 dias. O prazo se esgotou e as portas não chegaram. Você voltou à loja, reclamou com o vendedor e conseguiu receber as portas dois meses depois do combinado. Para piorar a situação, uma das portas não é do modelo escolhido por você. Indignado com a situação, você resolveu escrever uma carta para a coluna "Advogado de Defesa", do jornal da sua cidade, denunciando a loja e pedindo uma orientação legal. Escreva essa carta.

Conferindo seu conhecimento

1

Resposta: nos dois casos estamos diante de textos. O exemplo 1 reproduz um anúncio publicado nos classificados de um jornal. A intenção do autor do anúncio é encontrar supervisores para trabalhar em sua empresa de serviços financeiros (podemos verificar as condições: não se exige experiência, oferece-se salário fixo e possibilidade de crescimento profissional). O exemplo 2, embora não apresente palavras, também é um texto. Observamos que há uma semelhança nos elementos que compõem a imagem: tanto a árvore quanto o pássaro tiveram a sua parte superior "cortada". A intenção do autor é clara: denunciar as conseqüências do desmatamento (além das árvores cortadas, também os pássaros que nela vivem são afetados por esse comportamento destrutivo do ser humano.

2

Resposta: Alternativa (b).

2. Resposta: O contexto é social. A tira apresenta uma personagem com chapéu de nordestino sendo atacada por uma outra personagem (um careca – referência aos "Carecas do ABC", grupo de tendências neonazistas da região do ABC - São Paulo, que, como manifestação de preconceito e intolerância, atacava migrantes nordestinos). Percebe-se, ainda, que, ao ir embora, o nordestino leva a "sustança" da cidade, ou seja, a sua força de trabalho, que é o que garante a existência da metrópole.

3

QUEM? Álvaro de Oliveira Martins.

O QUÊ? Atingido na nuca por uma bala perdida.

QUANDO? Na noite de 10 de fevereiro de 2001.

ONDE? No bairro Morro das Pedras, na periferia de Belo Horizonte.

COMO? O menino foi atingido durante um tiroteio entre gangues rivais.

POR QUÊ? As gangues disputavam pontos de tráfico de drogas na região e o menino foi atingido por uma bala perdida.

4

Resposta pessoal. Transcrevemos uma carta enviada para o Jornal da Tarde em que uma leitora reclama de situação semelhante. Esse texto deve ser encarado apenas como um exemplo de encaminhamento, mas não como um modelo de resposta.

Comprei duas portas na Madeireira Boa Lenha, a serem entregues num prazo máximo de 30 dias, segundo o vendedor. No entanto, recebi-as somente dois meses depois. A despeito desse transtorno, qual não foi minha surpresa ao constatar que uma delas era um modelo diferente do solicitado. Ao reclamar, o Departamento de Expedição alegou que o vendedor havia rasurado o pedido e, portanto, a culpa não era do Setor de Compras nem da Expedição, estes somente pediram o que estava especificado no pedido. Agora, neste jogo de empurra, estou sem solução, pois vim a saber que o fabricante do produto fica no Rio Grande do Sul e a Boa Lenha está entrando em contato com eles para saber o que pode ser feito. Será que terei de aguardar mais dois meses até desencantarem uma nova porta vinda do Sul do País? Isso é um verdadeiro absurdo.

Carta de Maria Sylvia V. C., adaptada da coluna "Advogado de Defesa" do *Jornal da Tarde*, São Paulo, 13 maio 2002. p. A3.

Orientação final

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Reconhecer, em textos de diferentes gêneros, temas, macroestruturas, tipos, suportes textuais, formas e recursos expressivos.
- Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.
- Analisar a função predominante (informativa, persuasiva etc.) dos textos, em situações específicas de interlocução, e as funções secundárias, por meio da identificação de suas marcas textuais.
- Relacionar textos ao seu contexto de produção/recepção histórico, social, político, cultural, estético.
- Reconhecer a importância do patrimônio lingüístico para a preservação da memória e da identidade nacional.

Capítulo VII

DEFENDENDO IDÉIAS E PONTOS DE VISTA

CONFRONTAR OPINIÕES E PONTOS DE VISTA SOBRE AS DIFERENTES LINGUAGENS E SUAS MANIFESTAÇÕES ESPECÍFICAS.

Maria Sílvia Olivi Louzada

Capítulo VII

Defendendo idéias e pontos de vista

João e Dora haviam mudado há pouco mais de um mês para aquela cidade. Não tinham filhos como os seus vizinhos de bairro, o que dificultava um pouco os primeiros contatos com eles. João trabalhava em uma fábrica de cerâmica e Dora cuidava da casa.

À noitinha, após o jantar, marido e mulher sentaram-se na varanda da casa e, como faziam sempre, puseram-se a conversar sobre os acontecimentos do dia.

– Sabe, João, a nossa nova vizinha da frente puxou conversa comigo hoje quando eu estava varrendo a calçada. Ela se chama Rosa e é muito simpática. Disse que se eu precisar de qualquer coisa posso contar com ela.

– Você está falando da mulher daquele tal de Antônio? Ele trabalha comigo lá na fábrica e ontem puxou prosa comigo no ônibus. Acho que ele é uma boa pessoa. Temos sorte de ter bons vizinhos, você não acha?

Dois dias depois, João chega do trabalho e vai logo dizendo para Dora:

– Sabe o que aconteceu hoje na volta da fábrica? O Antônio me pediu dinheiro emprestado... Pode? A gente nem se conhece direito e ele acha que vou emprestando dinheiro desse jeito? Não gosto de gente assim!

No início do texto, Dora e o marido têm a mesma opinião sobre os novos vizinhos? O que pensam sobre eles?

Ao final do texto, acontece um fato novo fazendo João mudar rapidamente de opinião sobre o seu vizinho. Que fato é este?

Você deve ter percebido que, de acordo com a situação, João manifesta duas opiniões sobre o vizinho.

Preencha os espaços com os motivos, ou os argumentos de João para confirmar suas duas opiniões sobre o vizinho:

1) O vizinho é considerado bom quando..

2) Mas o vizinho deixa de ser bom quando..

Pois é, todos nós podemos ter opiniões muito diferentes e até contraditórias sobre todos os assuntos, dependendo da situação em que nos encontremos, dos interesses que tenhamos, das pessoas com quem conversemos... A nossa opinião também pode mudar, dependendo das circunstâncias, como no caso de João, que mudou de opinião quando seu vizinho lhe pediu dinheiro emprestado.

Neste capítulo, você vai ter oportunidade de refletir sobre a existência e a manifestação de diferentes **opiniões e pontos de vista** sobre muitos assuntos.

Vai também poder pensar sobre as **diferentes maneiras de defendermos nossas opiniões e idéias**, quando desejamos convencer todos aqueles com quem convivemos de que estamos corretos, de que a nossa opinião sobre um acontecimento ou sobre as outras pessoas é que tem valor. Não é assim, na sua vida?

As pessoas com quem você convive não estão sempre querendo que você acredite no que elas estão dizendo? E você também faz o mesmo com elas, não é mesmo?

Você também vai descobrir e compreender que **podemos utilizar muitos modos, muitas estratégias para fazer os outros acreditarem no que dizemos.**

Você vai perceber que, dependendo do momento, do lugar, das circunstâncias e do que pensamos sobre a pessoa com quem estivermos conversando, podemos escolher o modo de falar, o que falar, quando falar... sempre com o objetivo de convencê-la sobre alguma idéia nossa, ou ainda, sobre alguma ação que desejamos que ela realize.

Você pode estar-se perguntando: **por que é importante estudar tudo isso**?

Certamente, você concordará que todo cidadão, para poder viver bem em sociedade, deve:

- perceber e entender o que significam os textos que os outros falam ou escrevem;
- reconhecer os textos orais e escritos que têm a finalidade de criar e mudar comportamentos e hábitos;
- compreender que, na sociedade, convivem muitos interesses e que cada pessoa ou cada grupo procura defender suas idéias e ações e que nem sempre elas coincidem com as de outras pessoas ou de outros grupos;
- descobrir quais são os objetivos daqueles que falam conosco ou que escrevem para nós;
- identificar as estratégias que as pessoas costumam usar para conseguir de nós o que desejam.

O QUE É E COMO SE FORMA O PONTO DE VISTA?

Quando alguém tira uma foto de outra pessoa ou de um lugar, escolhe o que deseja retratar, isto é, toda vez que alguém usa uma câmara fotográfica para registrar uma cena, faz isso a partir de um **ponto de vista: escolhe um ângulo, um jeito e uma posição para registrar a cena**: de longe ou de perto, de um lado ou de outro, de baixo para cima ou de cima para baixo...

Veja como isso acontece na foto a seguir.

Figura 1

Que legenda você escreveria para colocar abaixo dessa foto?

Observe que se escolheu um modo especial de fotografar a cena: de cima para baixo, buscando apreender toda a extensão do congestionamento, como forma de possibilitar que quem a olhasse pudesse ter a dimensão do que acontecia, isto é, perceber que se tratava de um grande congestionamento. Podemos entender, portanto, que esse é o ponto de vista escolhido pelo fotógrafo.

Na sua opinião, o que se pretendeu demonstrar com esta foto?

Desenvolvendo competências

1

Observe agora, atentamente, a foto a seguir, e pense sobre o ponto de vista com que foi tirada. O que você pensa que a foto procura demonstrar sobre os torcedores de futebol e seus sentimentos?

Figura 2

Você verificou com suas análises que fotografar é um modo de manifestar opinião sobre as coisas e as pessoas, pois encerra um ponto de vista sobre elas, isto é, um modo de vê-las. No entanto, não é apenas fotografando que se pode fazer isso. **Quando uma pessoa se comunica com a outra, falando ou escrevendo, está também manifestando seus pontos de vista, suas opiniões sobre tudo e sobre todos.**

O modo mais freqüente de fazer isso ocorre nas conversas com os amigos e familiares. Sempre que você ouve alguém dar uma opinião sobre alguma coisa, não quer logo dizer a sua?

Nas entrevistas, nos debates, nas conversas informais, nos textos escritos assinados que encontramos em jornais e revistas, aparecem as opiniões e pontos de vista dados pelas pessoas, que fazem isso com o objetivo de convencer quem ouve ou quem lê.

Podemos, então, dizer que todo texto oral ou escrito procura, em menor ou maior grau, convencer, persuadir o ouvinte ou o leitor.

PARA CONVENCER, É IMPORTANTE SABER COM QUEM FALAMOS!

Você bem sabe que todas as pessoas têm também opiniões sobre si mesmas e sobre os outros, não é mesmo? É isso que muitas vezes nos faz julgar o nosso modo de agir e também o das outras pessoas numa dada situação.

Sempre que falamos com alguém, procuramos fazê-lo acreditar em nós, no que dizemos. E precisamos também acreditar em nossas idéias para que possamos convencer o outro.

Para isso, **costumamos criar uma imagem sobre nós mesmos — quem somos, o que pensamos, o que fazemos, qual é a nossa importância — e também uma imagem sobre o outro com quem falamos — quem é, o que pensa, o que faz, qual a sua importância.**

Essa imagem está sempre em nossa mente quando elaboramos aquilo que dizemos ou escrevemos. Sem isso, não conseguiremos jamais atingir a pessoa com quem conversamos ou para quem escrevemos, convencendo-a sobre nossas opiniões e idéias, ou fazendo-a realizar as ações que desejamos que faça.

MANUAL DE INSTRUÇÕES:
PRECAUÇÕES IMPORTANTES:

- *Certifique-se de que a voltagem de sua residência é compatível com a do ferro adquirido.*
- *Proteja-se contra choque elétrico; não mergulhe o ferro em água ou outros líquidos.*
- *Nunca puxe o cabo para desligá-lo da tomada; em vez disso, segure o plugue e puxe.*
- *Não deixe que o cabo elétrico toque em superfícies quentes. Deixe o ferro esfriar antes de guardá-lo, enrolando o cabo ao redor da base.*
- *Não use o ferro se o cabo elétrico ou o plugue estiverem em más condições ou se o ferro tiver sido derrubado ou danificado de qualquer maneira.*

Texto adaptado de *Manual de Instruções*.

Esse texto procura convencer as donas-de-casa a utilizarem o ferro de passar com os cuidados recomendados. Para isso, observe que as instruções vêm sob a forma de ordens, de comandos: *certifique-se, proteja-se, não mergulhe, nunca puxe, segure, puxe, não deixe, deixe, não use*.

Qual a dona–de-casa que, lendo estas instruções tão diretas, se atreveria a fazer o contrário, sujeitando-se a sofrer um acidente doméstico por mau uso do ferro?

Pode-se dizer, neste caso, que a imagem da leitora desse manual foi adequadamente pensada, por isso ele alcançará seus objetivos: fazer a dona-de-casa usar corretamente o ferro de passar.

No entanto, muitas incompreensões, discussões, mal-entendidos e enganos são produzidos em função de uma imagem errada da pessoa com quem falamos.

Veja esse trecho de uma entrevista, que o vaqueiro Manuelzão (88 anos), personagem da obra do escritor mineiro Guimarães Rosa, concedeu a um jornal, quando ainda vivia:

"Não sei nada de política, porque não acredito num nada do que os políticos prometem. Prometem tanto, que já bastava a metade. Acreditar neles é bobagem..."

SANTOS, Jorge Fernando dos. Dois dedos de prosa com um velho vaqueiro. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 20 ago. 1992. Segunda Seção.

O ponto de vista de Manuelzão sobre os políticos que conheceu não era muito positivo, não é mesmo? O que fez Manuelzão duvidar dos políticos?

Muitos são os indivíduos que, às vezes, procuram enganar as pessoas mais simples com o seu discurso "bonito", cheio de promessas, para conseguir a sua confiança. Nem sempre, porém, eles conseguem convencê-las do que dizem, se fizerem uma imagem errada delas, como vimos em relação ao Manuelzão, que não acreditou nas promessas dos maus políticos que conheceu.

Desenvolvendo competências

2

Quando os leitores "imaginados" pela revista ou jornal não aceitam as idéias de quem escreveu e, portanto, não ficam convencidos, costumam reagir, muitas vezes até com indignação, escrevendo críticas à seção de cartas das revistas e jornais, como veremos no trecho a seguir.

> *"O artigo 'Fora Romário' de Diogo Mainardi (27 de fevereiro), que condenou uma eventual convocação do baixinho para a Copa do Mundo 2002, provocou grande polêmica entre os leitores. Dezenas deles concordaram com o autor, achando que o jogador já passou da idade. O grupo pró-Romário contra-atacou, sugerindo a VEJA 'desconvocar' Mainardi."*
>
> ROMÁRIO. Entrevista concedida à *Veja on-line*. São Paulo. n. 9, p. 24.

A revista admite que o artigo escrito por Diogo Mainardi não foi aceito por todos os leitores. A expressão do texto que demonstra a indignação dos leitores favoráveis a Romário é:

a) Eventual convocação do baixinho.

b) Provocou grande polêmica.

c) Passou da idade.

d) "Desconvocar" Mainardi.

Você percebeu como é importante fazer uma imagem adequada da pessoa com quem falamos ou para quem escrevemos para poder persuadi-la, convencê-la das nossas idéias?

Desenvolvendo competências

3

Leia as cartas de leitores de jornais e revistas e assinale aquela em que se pode perceber que a imagem do leitor foi ***adequadamente*** *projetada e, por isso, ele se declara convencido e aceita as idéias publicadas.*

a) *"Como servidora pública – sou professora – pago diversos impostos. Ao ler o artigo "O peso do servidor nas finanças estaduais", escrito por Renato Follador, me senti humilhada por ser apresentada aos leitores da Gazeta do Povo como sanguessuga do dinheiro do Estado."*

WISNIEWSKI, Paulina, Mallet, Pr. [Carta] *Gazeta do Povo*, 28 mai. 2002. Coluna do leitor, p. 11.

b) *"Quero manifestar minha satisfação e respeito pelos jornalistas que têm demonstrado seriedade. (...) A imprensa vem cumprindo de modo brilhante o seu papel dentro da sociedade, (...) pois desmascara as falcatruas desses bandidos travestidos de homens de bem."*

MOREIRA, Idalina. [Carta] *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 29 mai. 2002. Cartas à redação, p. 6.

c) *"Registro meu desconforto ao ler as notícias "Justiça cassa mandato de prefeito de Santa Cruz" (ZH de 18 de maio), (...) e "Prefeito de Santa Cruz do Sul recorre de cassação" (21 de maio). É equivocada a forma abordada por ZH ao tratar como cassados os direitos políticos dos mandatários de cargo público."*

ALMEIDA, Jezoni Luis Dias, (Estudante). [Carta] *Zero Hora*, Porto Alegre, 29 mai. 2002, p. 2.

d) *"Na matéria "De onde você é?" (1º de maio) sobre o perfil do executivo nas diferentes regiões do Brasil, faltou um item sobre o profissional do sul do país. Não sei qual foi o motivo dessa ausência, mas no sul tem muita gente competente!"*

HUMMEL, Aline. [Carta] *Exame*, São Paulo, 29 maio 2002. Cartas, p. 11.

USAMOS MUITAS ESTRATÉGIAS PARA CONVENCER...

Como você já percebeu, **o primeiro passo para podermos convencer alguém de alguma coisa é sabermos com quem queremos falar.** Isso é fundamental para selecionarmos quais os modos de falar ou de escrever que vamos usar, isto é, quais as estratégias que vamos utilizar para melhor convencer o nosso ouvinte ou leitor.

Vamos imaginar a seguinte cena:

A mãe vai sair e a filha adolescente insiste em ir com ela. Durante o trajeto de ônibus em direção ao centro da cidade a filha diz:

– Mãe, lembra-se que na semana passada eu saí com a Magali? Nós fomos tomar um sorvete. Sabia?

– É mesmo? Eu pensei que vocês tinham ido à casa da Cida...

– Bem, a gente queria mesmo era olhar as vitrines... por isso fomos ao centro. Vi uma camisetinha tão bonitinha numa loja... Sabe aquela de moda jovem que fica ao lado da sorveteria? É a minha cara... e combina com minha calça nova...

– Você sabe muito bem que viemos aqui comprar o presente da sua tia! Não tenho dinheiro para ficar gastando com essas coisas...

– Ah, mãe, ela é tão baratinha. Se a gente não comprar algo muito caro para a tia Rose, vai sobrar para a minha camisetinha... Que tal? Compra, vai...

– Vamos ver se o dinheiro dá...

Esta cena seria bem possível de acontecer com muitas pessoas, não é mesmo? Ao insistir em acompanhar a mãe, a filha já tem um objetivo em mente: comprar a camiseta de que tanto gostou. O seu problema é convencer a mãe a realizar o seu desejo de compra.

A primeira estratégia da filha é iniciar a conversa durante o trajeto de ônibus, retomando uma situação anterior, quando viu a tal camiseta de que tanto gostou. Observe que sua opção é sugerir a compra, tentando fazer a mãe deduzir o seu desejo. Ela não diz diretamente que deseja comprá-la: *É a minha cara... e combina com minha calça nova...* São esses os argumentos que usa para buscar o convencimento da mãe.

Você acha que a mãe, por sua vez, interpretou corretamente a intenção da filha?

A resposta da mãe traz outros importantes argumentos para rebater, contestar o que a filha propõe. Quais são eles?

A filha, no entanto, não desiste e propõe uma outra solução. Você acha que a mãe saiu, finalmente, "vencedora" do diálogo com a filha?

A mãe entendeu que a filha desejava comprar a camiseta, mas argumenta que o seu objetivo é comprar um presente para a tia Rose e que não tem dinheiro suficiente para comprar a camiseta.

A solução proposta pela filha parece ter convencido a mãe, pois sua resposta deixa entrever a possibilidade de comprar um presente mais barato para a tia.

Podemos afirmar que nesta situação é evidente a intenção da filha de fazer a mãe aceitar o seu desejo como legítimo, acreditando no que diz, e agindo para realizá-lo, comprando a tal camiseta.

A filha planejou a situação comunicativa baseada na imagem que tem da mãe, a partir de outras situações vividas com ela que lhe mostraram que ela pode ceder aos seus desejos, mas também baseada numa idéia generalizada que todos temos de mãe, como aquela que sempre está preocupada com o bem-estar de seus filhos, e por isso procura tudo fazer para vê-los felizes. São essas idéias, esses **valores de que todos participam** que orientam a fala da filha adolescente tentando convencer a mãe.

Podemos, pois, dizer que a filha usou duas estratégias para convencer a mãe:

1) a primeira baseada na **comoção**, isto é, buscou fazê-la ficar "comovida" com o seu desejo de compra – *É a minha cara... e combina com minha calça nova...*;

2) a segunda estratégia, baseada em **raciocínio lógico**, foi utilizar um argumento que indica uma solução possível, ao sugerir uma alternativa de compra para o presente da tia, de modo que sobrasse dinheiro para comprar também a sua camiseta: – *Ah, mãe, ela é tão baratinha. Se a gente não comprar algo muito caro para a tia Rose, vai sobrar para a minha camisetinha... Que tal? Compra, vai...*

Desenvolvendo competências

4

Faça uma pesquisa entre seus familiares e amigos, perguntando-lhes como fariam para convencer alguém a fazer o que desejam, por exemplo: a comprar-lhes alguma coisa, a passear com eles em algum lugar, a desistir de uma idéia etc.

Compare depois suas respostas e verifique quais as estratégias mais utilizadas por eles e, dessas, qual a que foi mais convincente.

EXISTEM MUITOS TIPOS DE ARGUMENTOS...

Há muitos modos de buscar realizar o convencimento de quem nos ouve ou lê, muitos tipos de argumentos que podemos utilizar para esse fim.

Leia o folheto a seguir, que foi distribuído em todas as casas de uma cidade paulista.

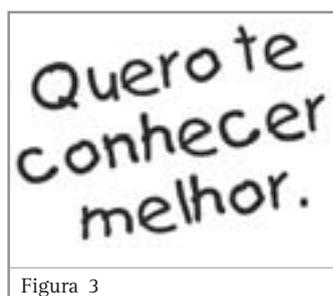



Figura 3

O folheto, que veio dobrado ao meio, tinha esta frase na capa – *Quero te conhecer melhor.* – que lembra uma frase muito usada quando alguém deseja conquistar outro alguém, quando quer seduzi-lo, não é mesmo?

A estratégia usada no folheto é a **sedução**, pois, provavelmente, todas as pessoas que o receberam devem ter ficado ao menos curiosas para ver do que se tratava, não resistiram ao apelo e quiseram saber quem desejava conhecê-las melhor. Abriram o folheto e leram o recado dado, como pretendiam o Governo Federal e a Prefeitura Municipal.

Figura 4

O texto diz: *Receba bem o cadastrador do Cartão Nacional de Saúde*. Como você entendeu esta frase: Como uma ordem? Como um apelo?

Como você deve ter percebido, essa é uma maneira bem direta de convencer o leitor – no caso, todas as pessoas que moram em Araraquara – porque apela, pede que cada uma faça algo que se quer: *receba bem o cadastrador*.

O argumento apresentado para convencer o leitor do folheto é um **argumento com base no raciocínio lógico**, pois apresenta uma relação de causa-conseqüência entre a primeira proposição – *Receba bem o cadastrador do Cartão Nacional de Saúde* – e a segunda proposição – *Assim, vai ser possível melhorar e agilizar o atendimento do SUS.*

O TESTEMUNHO DE OUTRA PESSOA TAMBÉM CONVENCE!

Outra forma muito comum de fazermos as pessoas acreditarem naquilo que dizemos é apresentar alguém que possa confirmar aquilo que afirmamos, testemunhar a favor do que dizemos. Trata-se de um **argumento de autoridade**, porque quem ouve ou lê o que a pessoa diz ou faz não costuma duvidar de sua palavra ou conduta.

Observe ao lado a campanha do "Projeto Escola Jovem", do Governo do Estado de São Paulo.

Lendo esta campanha, você acha que alguém pode ter duvidado da importância do professor na vida das pessoas? Por quê?

A foto de uma professora e de sua aluna de uma determinada escola paulistana cumpre, nesta campanha, a função de testemunhar, de comprovar o que se diz.

Este, porém, não é o único modo de usar a imagem e a autoridade de outra pessoa para convencer quem lê.

Veja no texto a seguir o que acontece.

Figura 5

Desenvolvendo competências

5

Na hora de comprar jornais e revistas você logo pensa na banca da esquina, certo? Não necessariamente. Nos últimos anos, a modernização do negócio levou algumas bancas a trocar os velhos quiosques de alumínio por outro espaço — as lojas. (...) Uma das mais antigas do país, a revistaria Di Donato, fundada em 1988, na rua Fradique Coutinho, também em Pinheiros, abriu as portas após reforma de um ponto da família. Hoje, o dono, Victor Antônio Di Donato, não tem do que reclamar. (...) "Não dá para ficar rico, mas consigo pagar as minhas contas, as dos outros dois sócios e ainda manter um empregado", afirma Di Donato. Segundo ele, numa revistaria o cliente se sente à vontade para ficar mais tempo e, assim, acaba gastando.

WANDICK, Donizetti. A banca revista. São Paulo, n. 6, p. 17, 20 mar. 2002. Parte integrante da edição 762 da revista Exame.

No texto o Sr. Victor Antônio Di Donato diz: *"Não dá para ficar rico, mas consigo pagar as minhas contas, as dos outros dois sócios e ainda manter um empregado".* Na sua opinião, qual é o objetivo de o texto citar entre aspas o que ele disse?

(A) Comprovar as vantagens da revistaria com um depoimento de quem entende do negócio.

(B) Demonstrar que quem é dono de revistaria não consegue jamais enriquecer.

(C) Explicar o motivo de as antigas bancas de jornais e revistas estarem falindo.

(D) Incentivar os leitores a comprar sempre em antigas bancas de jornais por serem mais confiáveis.

DADOS, NÚMEROS, PORCENTAGENS... PROVAM E CONVENCEM!

Lendo o texto a seguir, vamos conhecer ainda outros tipos de argumentos para defender a idéia do autor e realizar o convencimento do leitor.

LIXO NÃO EXISTE

A frase acima pode soar absurda. Mas é isso mesmo que pensa o economista Sabetai Calderoni, da Universidade de São Paulo, maior especialista brasileiro em lixo e conselheiro da ONU no assunto. Segundo ele, o conceito que a sociedade tem do lixo "é produto de uma visão equivocada dos materiais". Sabetai, autor do livro *Os Bilhões Perdidos no Lixo*, afirma que, embora nem tudo o que se joga fora possa ser aproveitado como comida, todo o lixo pode ser aproveitado de alguma forma.

Um dos maiores potenciais desperdiçados é o não-aproveitamento do lixo orgânico, que geralmente vem de restos de alimentos. Esse lixo poderia se transformar em algo útil se passasse por um processo chamado compostagem. Nele, o lixo é submetido à ação de bactérias em alta temperatura e se transforma em dois subprodutos. Um é um adubo natural, o outro é o gás metano, que é usado na geração de energia termoelétrica.

A quantidade de gás metano produzido pela compostagem de todo o lixo orgânico brasileiro que não pode ser recuperado como comida seria suficiente para alimentar uma usina de 2 000 megawatts (a usina nuclear de Angra I tem capacidade de 657 megawatts). Uma usina termoelétrica como essa produziria, em um ano, 3,6 bilhões de reais em energia. E jogamos quase todo esse dinheiro no lixo. Só 0,9% do lixo brasileiro é destinado a usinas de compostagem.

E estamos falando apenas do lixo orgânico. O inorgânico também poderia gerar lucros. A reciclagem de vidro, plásticos e metais é perfeitamente viável em termos econômicos – e já é praticada, em quantidades cada vez maiores.

O país lucraria também ao poupar o dinheiro que é gasto para dar fim ao lixo. "Lixo é o único produto da economia com preço negativo", diz Sabetai. Em outras palavras, o processamento de lixo é o único negócio no qual a aquisição da matéria-prima é remunerada – paga-se para livrar-se dela. E paga-se muito. As prefeituras brasileiras costumam gastar entre 5% e 12% de seus orçamentos com lixo.

Sem falar que o melhor aproveitamento do lixo valorizaria dois bens que não têm preço: a saúde da população e a natureza. Segundo a Pesquisa Nacional de Saneamento Básico, 76% do lixo brasileiro acaba em lixões a céu aberto. Esses lixões são uma ameaça à saúde pública porque permitem a proliferação de vetores de doenças. Além disso, a decomposição do lixo nesses locais não só gera o metano que polui o ar como também o chorume, um líquido preto e fedido que envenena as águas superficiais e subterrâneas.

O outro motivo para incentivar essa indústria são os empregos que ela poderia gerar. O Brasil produz 280 000 toneladas de lixo por dia. Descontando as 39 000 toneladas de alimento viável que poderiam ser facilmente extraídas desse lixo e disponibilizadas às populações carentes, ainda seria possível gerar 120 000 empregos só no processamento do resto, nos cálculos de Sabetai. Pois é. Lixo não existe. O que existe é ignorância, falta de vontade e ineficiência.

VELLOSO, Rodrigo. Comida é o que não falta. Superinteressante on line. Disponível em: www.uol.com.br/revistas/supernovas. acesso março 2002, (adaptação) Abril S.A.

Vamos, agora, examinar detalhadamente o modo como este texto foi escrito e procurar descobrir do que e como ele quer convencer o leitor.

Observe que o título do texto — *Lixo não existe* — traz uma afirmação que parece contrariar aquilo em que todos acreditam, pois todos nós produzimos e jogamos muito lixo fora, não é mesmo?

Ao final desse parágrafo, explica-se o que isso quer dizer: *todo o lixo pode ser aproveitado de alguma forma*. Essa é a idéia defendida pelo economista Sabetai Calderoni no texto. Em outras palavras, essa é a **tese** defendida pelo economista no texto e ele vai procurar convencer o leitor de que ela é verdadeira.

No segundo parágrafo, explica-se que o lixo orgânico, obtido com a compostagem, poderia ser

aproveitado sob a forma de adubo natural ou de gás metano. É o primeiro argumento para defender a tese.

Este argumento vem explicado no terceiro parágrafo, através da apresentação de **dados numéricos e estatísticos** que procuram comprovar o que se disse: "*... suficiente para alimentar uma usina de 2.000 megawatts...* (que) *produziria em um ano 3,6 bilhões de reais em energia. E jogamos fora todo esse dinheiro no lixo. Só 0,9% do lixo brasileiro é destinado a usinas de compostagem".*

No quarto parágrafo, insiste-se na defesa da tese, explicando que *o lixo inorgânico também poderia gerar lucros* pelo processo de reciclagem. Essa idéia vem comprovada no quinto parágrafo, quando se explica que o país lucraria, também, ao poupar o dinheiro que é gasto para dar fim ao lixo.

Como se comprova no texto esta afirmação?

A idéia de que *o lixo inorgânico também poderia gerar lucros* pelo processo de reciclagem é defendida nos parágrafos 6 e 7, através de outros **dados numéricos e estatísticos**:

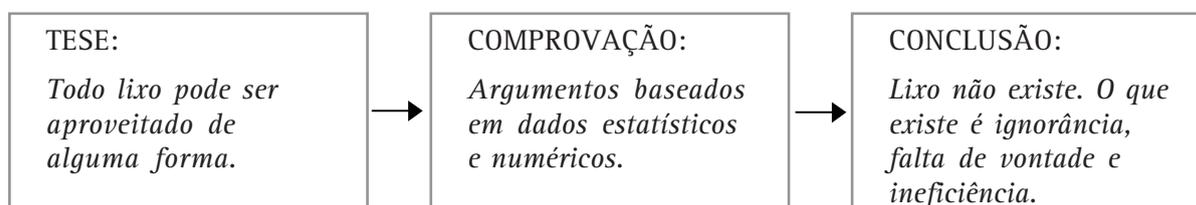
• Para que servem os dados estatísticos apresentados no sexto parágrafo: *"Segundo a Pesquisa Nacional do Saneamento Básico, 76% do lixo brasileiro acaba em lixões a céu aberto*?"

• O sétimo parágrafo explica com dados numéricos que o lixo poderia *gerar 120.000 empregos só no processamento do resto.* Você acredita que esses dados são convincentes?

Ao final do sétimo parágrafo, repete-se a frase-título — *Lixo não existe* – para confirmar, depois de tudo o que foi exposto, que realmente a tese está correta. E conclui: *"O que existe é ignorância, falta de vontade e ineficiência".*

Dessa forma, ao analisar este texto, pudemos perceber que outro modo muito interessante de argumentar, isto é, de defender nossos pontos de vista e idéias, as nossas teses, é apresentar dados estatísticos, numéricos, que comprovem o que estamos afirmando.

COMO ESCREVER UM TEXTO PARA CONVENCER O LEITOR?

Observamos também, analisando o texto *Lixo não existe,* o modo como o texto foi feito para convencer o leitor, conforme representamos no esquema a seguir:

Este é um bom modo de construir os textos quando pretendemos escrever nossas idéias e defendê-las para alguém. É sempre necessário:

• fazer uma lista dos argumentos que vamos utilizar,

• escolher bem as palavras,

• escrever de modo claro e objetivo para que todos possam entender,

• organizar em parágrafos as idéias que vamos apresentar: iniciar com a tese , apresentar os argumentos e, ao final do texto, concluir, reforçando a tese.

Desenvolvendo competências

6

Ao final do texto Lixo não existe, conclui-se que o que existe é ignorância, falta de vontade e ineficiência. Pense em soluções para resolver esse problema: Você acha que a população brasileira poderia ajudar a melhorar a coleta do lixo? Como? Que proposta você faria ao prefeito da sua cidade para esclarecer o povo sobre a necessidade de reaproveitar o lixo?

Desenvolvendo competências

7

Escreva um texto para defender a seguinte tese: ***Fumar é prejudicial à saúde.*** *Esta tese deve estar colocada logo no início do texto.*

Não se esqueça: antes de começar a escrever é importante que você pense nos argumentos que vai utilizar. Podem ser argumentos de autoridade, que incluam depoimentos de fumantes e ex-fumantes; argumentos baseados em raciocínio lógico (causa-conseqüência) ou argumentos baseados em dados estatísticos e numéricos.

Para ajudá-lo, relacionamos alguns dos efeitos nocivos do cigarro: perda de cabelo, catarata, formação de rugas, perda de audição, câncer de pele e do aparelho respiratório (pulmões, laringe, faringe, garganta), prejuízos aos dentes, enfisema, osteoporose, doenças cardíacas, úlcera gástrica, alteração nos espermatozóides etc.

A sua conclusão deve reforçar a tese defendida no texto.

Depois que seu texto estiver pronto, peça para alguém da sua família lê-lo e dizer se ficou convencido, se acreditou no que você escreveu.

NEM SEMPRE AS PESSOAS CONCORDAM ...

Você sabe, por experiência própria, que nem sempre as pessoas concordam sobre as idéias, os pontos de vista, as teses. Se concordassem, não haveria debates em que se discutem opiniões sobre assuntos diversos, não é mesmo?

Essa conduta é própria da convivência democrática, em que todos têm direito de expressar suas crenças, suas idéias, suas opiniões sobre todas as coisas.

É claro que, para discordar da tese apresentada por alguém, precisamos considerar com cuidado os seus argumentos, verificando se eles são convincentes, se têm fundamento e se comprovam a tese.

Se discordarmos, por outro lado, precisamos apresentar as razões disso, isto é, os nossos contra-argumentos, que possam comprovar o nosso ponto de vista.

Mesmo quando se trata da aplicação da lei, pode haver divergências entre os especialistas. Tanto é assim que, no Brasil, existem os Tribunais de Justiça para resolver casos em que não haja consenso sobre a aplicação da lei. Vamos ler o texto abaixo para verificar como isso se dá.

Uma expedição ao coração de uma das maiores regiões preservadas de Mata Atlântica da capital baiana (...) revelou a exuberância e a riqueza da fauna e flora desse bioma. (...) *"Importante seria se o poder público desapropriasse a área e a transformasse em área de proteção para evitar ocupações desmedidas", disse (Tibúrcio Medeiros, geólogo). De acordo com o Código Florestal e decreto 750/93, o corte é proibido em áreas de topos de morro, abrindo uma exceção dessa proibição de corte em áreas urbanas desde que para "intervenções de atividade pública e interesse social". O que os ambientalistas locais questionam é se esta prerrogativa pode se encaixar em todos os empreendimentos que promovem corte nessas áreas.*

BOCHICCHIO, Regina. Grupo excursiona em área preservada de Mata Atlântica. *Correio da Bahia*, Salvador, 27 maio 2002. Caderno Aqui Salvador, p. 2.

Você deve ter notado que os ambientalistas interessados em preservar a Mata Atlântica, "*questionam*" a aplicação da lei ao caso examinado.

Como vimos, há sempre quem discorde das idéias e argumentos apresentados para defender uma tese. Isso é possível porque, em geral, quase tudo pode ser visto, pelo menos, de dois pontos de vista: contra e a favor. Mas há também quem não se coloca nem contra, nem a favor.

Você acredita que todos pensem a mesma coisa sobre o trabalho ou o ócio, isto é, o repouso, o descanso do trabalho, a desocupação, a falta de atividade e seus efeitos? Vamos comparar diferentes pontos de vista sobre este assunto.

Mas, se existe um regime que me faz bem, é o do trabalho. Trabalho sempre, continuamente. O trabalho é mais importante para a saúde do que o ócio. Nada mais prejudicial que o "ócio com dignidade".

Texto 1 - LIMA, Barbosa. Entrevista concedida à revista *Status*. In VANOYE, Francis. *Usos da linguagem: problemas e técnicas da comunicação oral e escri*ta. São Paulo: Martins Fontes, 1987. p.173.

O sociólogo Italiano Domenico de Masi se tornou conhecido em todo o mundo ao pregar o ócio como solução para os problemas existenciais e econômicos da humanidade. Para ele, as jornadas longas no trabalho são a origem das altas taxas de desemprego e, mais que isso, um desrespeito à natureza humana. "É impossível ser criativo nessas condições. As boas idéias só aparecem quando há tempo livre para pensar", diz.

Texto 2 - MASI, Domenico de. O ócio é precioso. *Veja*, São Paulo, n. 12, p. 27, 27 mar. 2002.

Observe e grife em cada texto as palavras ou expressões que são responsáveis por demonstrar cada uma das duas opiniões.

Você deve ter grifado no texto 1: *O trabalho é mais importante para a saúde do que o ócio*. No texto 2: ... *pregar o ócio como solução para os problemas existenciais e econômicos da humanidade.*

Toda vez que assumimos uma posição em relação a um assunto qualquer, temos que encontrar os argumentos que justifiquem e que façam a defesa de nosso ponto de vista. Com qual dessas opiniões você concorda? Por quê?

Desenvolvendo competências

8

*As pessoas costumam discutir sobre os **prós e contras da televisão**, isto é, seus aspectos positivos e negativos.*

O quadro abaixo procura apresentar alguns aspectos favoráveis e desfavoráveis à televisão.

Aspectos favoráveis	Aspectos desfavoráveis
• *Há quantidade e variedade de informações: políticas, esportivas, econômico-financeiras, nacionais e internacionais, e outras.* • *As notícias são dadas ao mesmo tempo em que ocorrem os fatos, com possibilidade de os telespectadores verem e ouvirem os acontecimentos e até deles participarem.* • *Existe variedade de filmes, programas de auditório, programas infantis, telejornais e outros.* • *A televisão pode auxiliar a justiça na medida que investiga crimes, atos de corrupção, de vandalismo etc.* • *Há exigência de regras relativas ao horário dos programas, bem como à idade de quem pode assisti-los.*	• *Há programas de má qualidade tanto para os adultos, como para as crianças.* • *Às vezes, há exageros no relato das notícias e no modo como vão ao ar, explorando aspectos desagradáveis, desumanos e até degradantes.* • *A pressa e a vontade de dar a notícia em primeira mão muitas vezes podem causar problemas, de modo que, por exemplo, alguém possa ser acusado de alguma coisa e exposto ao público indevidamente.* • *As crianças que ficam muito tempo diante da TV, sem qualquer atividade física, podem ficar obesas.* • *Há programas que não respeitam o horário e a idade dos telespectadores e colocam no ar cenas inadequadas, violentas, desagradáveis.*

*a) Leia com muita atenção quais são as os aspectos positivos da televisão e, em seguida, **escreva um texto para publicar em um jornal da sua cidade recomendando que as pessoas a assistam sempre**. Siga as instruções que lhe foram dadas para escrever um texto que convença o seu leitor: elabore inicialmente uma tese, comprove-a com argumentos (que podem ser tirados do quadro acima) e conclua, reforçando-a.*

*b) Leia quais são os aspectos negativos da televisão e, em seguida, **escreva uma carta aos pais de crianças de uma escola de sua cidade em que você deverá recomendar que elas não fiquem muito tempo diante da TV**. Siga as instruções que lhe foram dadas para escrever um texto que convença o seu leitor: elabore inicialmente uma tese, comprove-a com argumentos (que podem ser tirados do texto acima) e conclua, reforçando-a.*

Conferindo seu conhecimento

1. *Resposta pessoal.*

2. *Resposta (d).*

3. *Resposta (b).*

4. *Resposta pessoal.*

5. *Resposta (a).*

6. *Resposta pessoal.*

7. *Resposta pessoal.*

8. *Resposta pessoal.*

Orientação final

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Reconhecer, em textos de diferentes gêneros, recursos verbais e não-verbais utilizados com a finalidade de criar e mudar comportamentos e hábitos.
- Relacionar, em diferentes textos, opiniões, temas, assuntos, recursos lingüísticos etc, identificando o diálogo entre as idéias e o embate dos interesses existentes na sociedade.
- Inferir em um texto quais são os objetivos de seu produtor e quem é seu público-alvo,pela identificação e análise dos procedimentos argumentativos utilizados.
- Reconhecer no texto estratégias argumentativas empregadas para o convencimento do público, tais como a intimidação, sedução, comoção, chantagem, entre outras.
- Reconhecer que uma intervenção social consistente exige uma análise crítica das diferentes posições expressas pelos diversos agentes sociais sobre um mesmo fato.

Capítulo VIII

DAS PALAVRAS AO CONTEXTO

COMPREENDER E USAR A LÍNGUA PORTUGUESA COMO LÍNGUA MATERNA, GERADORA DE SIGNIFICAÇÃO E INTEGRADORA DA ORGANIZAÇÃO DO MUNDO E DA PRÓPRIA IDENTIDADE.

Eliane Aparecida de Aguiar

Capítulo VIII

Das palavras ao contexto

O QUE SABEM OS FALANTES...

Você já parou para pensar por que, quando deparamos com um amontoado de palavras que desrespeitam a organização natural da língua, ficamos completamente confusos e temos a tendência de rejeitar o que é falado?

Imagine-se na situação abaixo.

Se alguém (falante 1 – F1) perguntasse para você (falante 2 – F2):

F1: – Me onde você por favor João Lisboa poderia Guimarães fica rua a informar?

Você daria uma resposta como a que segue?

F2: – Ali logo fica ah ela. Direita à virar só é, sinaleiro vida até toda seguir, você de direita à vira novo de. Você daí rua na vai já.

Foi possível entender o diálogo? Você conseguiu identificar o que o F1 lhe falou? E a resposta dada? Você conhece, como falante da língua portuguesa, essa organização de frase? Na vida real, você falaria assim com um amigo ou algum conhecido falaria assim com você?

Veja agora:

F1: – Por favor, você poderia me informar onde fica a rua João Lisboa Guimarães?

F2: – Ah, fica logo ali. É só virar à direita, seguir toda vida até a sinaleira; depois você vira à direita de novo. Daí, você já vai estar na rua.

No segundo diálogo, dá para saber qual a mensagem que se deseja passar ou receber?

Podemos perceber que há nele uma conversa entre duas pessoas, por isso pode ser considerado um **diálogo.** A primeira pessoa pergunta onde fica a rua João Lisboa Guimarães. O que ela quer é uma **informação.**

A segunda pessoa responde que a rua fica perto de onde supostamente os dois falantes se encontram. Em seguida, começa a explicar o que é preciso fazer para chegar até lá.

Tudo isso nós entendemos porque F1 e F2 seguem uma ordem em sua fala. Essa ordem natural de organização da fala permite que um compreenda o que o outro diz, estabelecendo a comunicação.

É importante perceber que essa ordem ou organização nada mais é do que uma **gramática internalizada:** um conjunto de regras que todo falante de uma língua tem interiorizado, desde muito pequeno, a partir de suas experiências, envolvendo palavras articuladas como meio de comunicação. Essa interiorização, a princípio, é inconsciente; quer dizer, vai se desenvolvendo sem que a criança se dê conta.

Você já viu, por exemplo, algum adulto explicar regras gramaticais para uma criança a fim de que ela aprenda a falar e tenha consciência desse processo?

Nem precisa. No contato diário com os falantes que a cercam (os pais, os familiares, os vizinhos), a criança vai percebendo a organização da língua e vai aprendendo a construir suas falas. Por isso, nem mesmo uma criança que esteja engatinhando pelo mundo das palavras construiria uma frase como as do primeiro diálogo.

O falante de uma língua é conhecedor de sua estrutura, das formas normais de construção das frases, antes mesmo de saber ler e escrever. E esse conhecimento independe do lugar que habita, da classe social a que pertence, do grau de escolarização que tenha e das variedades que a língua apresente.

VARIEDADES: JEITOS E FALAS DIFERENTES

A aparência externa do corpo humano, na sua opinião, estabelece a diferença (variedade) física entre um ser e outro? Acreditamos que sim. Um ser é mais baixo, outro mais alto; um tem olhos grandes, o outro, pequenos. Enfim, existem muitas variedades para infinitos corpos, contendo uma mesma organização interna (todos têm coração, rim, sangue, veias etc., distribuídos de um mesmo modo).

Na língua portuguesa, encontramos algo parecido com isso. Dependendo do lugar onde vive, da classe social à qual pertença, do nível de escolaridade que tenha atingido, de sua família, de sua idade, de seu grupo de amigos, você dará uma aparência diferente à sua fala. Ou seja, usará a língua de um jeito próprio para se comunicar com os outros.

*Esses jeitos diferentes são as chamadas **variedades lingüísticas** ou **variedades** da língua. Em outras palavras, essas variedades são as aparências que damos ao nosso falar.*

Na região onde você mora, há um jeito próprio de se falar (há sotaque, há palavras e expressões próprias da região)?

Pense na situação que segue para entender melhor essa questão do **jeito**.

Há alguns programas de rádio que são transmitidos em quase todas as regiões do Brasil (às vezes, em todas). Num desses programas, você ouve uma cozinheira dando a seguinte receita de bolo:

Bolo de Macaxeira

Ingredientes: 1 ½ xícara de macaxeira cozida e moída no liquidificador; 3 colheres de sopa de margarina ou manteiga; 2 ovos;1 ½ xícara de açúcar; 6 colheres de sopa de leite de coco; ½ xícara de farinha de trigo;1 ½ colher de chá de fermento em pó; 100g de coco ralado.

Modo de Preparo: Coloque a macaxeira, a manteiga, os ovos, o açúcar e o leite de coco no liquidificador e bata até obter uma massa cremosa (se você não tiver liquidificador, pode bater a massa à mão). Junte a farinha de trigo, o fermento em pó e o coco ralado, misturando tudo suavemente. Unte uma forma redonda com um pouco de manteiga ou margarina e despeje a massa. Leve ao forno (temperatura média) por aproximadamente 40 minutos.

Você anota a receita, mas, na hora de fazer o bolo, há um pequeno problema: você não sabe o que é macaxeira. E, sem esse conhecimento, fica impossível realizar a tarefa satisfatoriamente.

Para resolver o problema, você poderia recorrer a um dicionário, a uma enciclopédia, perguntar a alguém que estivesse mais próximo. É bem provável que descobrisse que **macaxeira** é um tubérculo como a batata: rico em nutrientes; muito bom para cozinhar, fazer farinha etc.

O mais importante, no entanto, é perceber que, nessa situação, estamos diante de um fato da língua: **a variedade lingüística regional.** De uma região para outra, os objetos, as pessoas, os alimentos podem receber nomes diferentes. O mesmo alimento conhecido como macaxeira em alguns estados brasileiros, será conhecido como aipim e mandioca em outros.

Desenvolvendo competências

1

Em sua opinião, houve falha da cozinheira ou da produção do programa (das pessoas que organizam o programa para que ele vá ao ar) ao dar a receita, levando em conta que ele passa em quase todas as regiões do país? Por quê?

Veja agora um trecho do poema *O poeta da roça*, de Patativa do Assaré:

Sou fio da mata, cantô da mão grossa,
Trabaio na roça, de inverno e de estio.
A minha chupana é tapada de barro,
Só fumo cigarro de paia de mio.

(...)

Não tenho sabença, pois nunca estudei,
Apenas eu sei o meu nome assiná.
Meu pai, coitadinho! Vive sem cobre,
E o fio do pobre não pode estudá.

Meu verso rastero, singelo e sem graça,
Não entra na praça, no rico salão,
Meu verso só entra no campo e na roça
Nas pobre paioça, da serra ao sertão.

(...)

ASSARÉ, Patativa do. *Cante lá que eu canto cá*: filosofia de um trovador. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 20.

Na literatura, também encontramos variedades lingüísticas que podem nos remeter a realidades diferentes. No poema acima, por exemplo, que realidade Patativa do Assaré nos indica? Que grupo de pessoas ou regiões têm esse jeito de falar?

A variedade lingüística utilizada nesse texto nos faz lembrar a realidade sertaneja por dois motivos. Você saberia dizer que motivos são eles?

O primeiro motivo é o próprio **tema** desse texto. O autor nos fala sobre a realidade do homem da roça (*Poeta da Roça*), "fio do mato", que mora em "chupana" "tapada de barro" e fuma "cigarro de paia de mio". Cada **verso** (linha poética) do poema vai nos contando como é o poeta da roça: o que o faz, o que pensa, como vive.

O segundo motivo só confirma o primeiro. O autor conta a vida desse homem, utilizando o próprio **falar sertanejo**. A escolha por essa forma regional da língua é intencional (ele quis escrever assim o poema), pois Assaré quer aproximar o leitor dessa realidade sertaneja. Ele usa essa variedade como um recurso estilístico (forma de expressão) para compor sua escrita.

Neste texto, então, encontramos uma **variedade lingüística social**, porque a linguagem utilizada nos remete ao jeito de falar de um grupo de pessoas – os sertanejos – que vivem no campo, na roça. Além disso, é também **geográfica**, considerando a oposição campo/cidade.

A LÍNGUA VAI À ESCOLA...

Se você reparou no subtítulo, deve ter estranhado algo. O quê? A língua vai à escola?! Mas não são os alunos que vão à escola para aprenderem, entre outras coisas, a língua materna? O que você acha?

Estamos vendo, desde o início deste capítulo, que:

- a língua portuguesa possui muitas variedades e
- todos os falantes dessa língua já conhecem pelo menos uma dessas variedades antes de entrarem na escola.

Isso quer dizer que, quando você vai à escola, leva consigo a língua que conhece e, conseqüentemente, a organização dessa língua, sua gramática.

O que acontece, porém, é que, na escola, encontra uma outra variedade da língua – a chamada **culta padrão** – privilegiada e escolhida como modelo para várias situações de fala e escrita (por exemplo, atividades científicas, literatura, documentos, meios de comunicação como jornais, revistas, televisão).

É importante dizer que o privilégio de uma variedade lingüística em lugar de outras se deve sempre a razões históricas, sociais, culturais e, principalmente, econômicas. Isso pode gerar basicamente duas conseqüências:

► O estudo dessa variedade culta pode levá-lo a entender melhor os mecanismos da língua, suas regras, sua ordem. E esse entendimento permite que você escolha como usar a língua nas mais diferentes situações comunicativas. **Nesse caso, aprender novas regras e normas é aprender novas possibilidades de uso da língua.**

► Esse estudo pode gerar também a idéia de que essa variedade, por ter sido escolhida como padrão, seja mais importante, que sua gramática seja a única correta e que, portanto, todas as outras variedades sejam erradas, inferiores a ela. **Essa noção da língua é indesejável, porque leva ao preconceito lingüístico: o de que só sabe português quem faz uso da variedade culta padrão.**

Desenvolvendo competências

2

Em sua opinião, este capítulo sobre "Língua Materna" foi escrito de acordo com a variedade culta padrão porque:

a) as outras variedades lingüísticas não padrão são feias, erradas e ilógicas.

b) deve ser lido somente por um grupo pequeno de pessoas; de preferência, as que moram em cidades.

c) quer excluir os falantes de outras variedades lingüísticas, como o "poeta da roça", que não sabem português.

d) todos os brasileiros alfabetizados, de qualquer classe social e qualquer região, devem poder compreendê-la.

UM EXERCÍCIO DE INTERPRETAÇÃO

Agora que você já tem noção do que seja variedade lingüística, podemos estudar um pouco mais o poema apresentado. Releia os versos abaixo:

Não tenho sabença, pois nunca estudei,
Apenas eu sei o meu nome assiná.
Meu pai, coitadinho! Vive sem cobre,
E o fio do pobre não pode estudá.

O que você consegue entender deles? Que informações eles trazem? Que condição social esse "poeta da roça" tem?

Só de ler o texto, podemos depreender (compreender) que o poeta é pobre e, por essa razão, nunca estudou.

Em sua opinião, o jeito de falar desse poeta está relacionado à sua condição social e econômica?

Vejamos. A variedade lingüística utilizada por Patativa do Assaré (o autor do texto) imita o jeito de falar de um grupo de pessoas que vive na roça. Isso não quer dizer que essas pessoas não vão à escola ou não tenham dinheiro.

No entanto, para o poeta da roça, ele tem esse falar justamente porque não foi à escola. Mais ainda: diz não ter "sabença" (conhecimento), valorizando o que se aprende na escola e desvalorizando o que já sabe pela vida.

Mas, se o "poeta da roça" fosse à escola, ele levaria alguma "sabença"? O que você acha?

Ele levaria seus versos, sua experiência como trabalhador do campo e sua língua, que não é menos importante que a culta padrão, mas apenas diferente.

A "sabença" que ele deveria ter é a de que o **seu falar diferente da variedade culta padrão possui uma gramática coerente e clara e, portanto, não pode ser considerado errado. O que ele fala tem sentido, tem lógica, tem organização.**

PAPOS E PRONOMES: A LÍNGUA E A FORMA

(...)

– Me disseram...

– Disseram-me.

– Hein?

– O correto é "disseram-me". Não "me disseram".

– Eu falo como quero. E te digo mais...Ou é "digo-te"?

– O quê?

– Digo-te que você...

– O "te" e o "você" não combinam.

– Lhe digo?

– Também não. O que você ia me dizer?

– Que você está sendo grosseiro, pedante e chato. E que eu vou te partir a cara. - Lhe partir a cara. Partir a sua cara. Como é que se diz?

(...)

VERÍSSIMO, Luis Fernando. *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 65.

Que "papos" são esses? Por acaso você entendeu a situação desse pequeno texto? Uma das personagens quer contar algo que lhe disseram. Você conseguiu saber o que era?

Nós também não conseguimos. Sabe por quê? Porque uma das personagens ficou tão preocupada com a forma, com o jeito de falar da outra personagem, que acabou impedindo que nós, leitores, soubéssemos qual era o assunto em questão.

Do ponto de vista do autor, Luis Fernando Veríssimo, há um objetivo ao escrever um texto assim. Você saberia dizer por que ele construiu esse diálogo cheio de formas diferentes ("me disseram"; "disseram-me"; "digo-te"; "te digo"; "lhe digo")?

Esse escritor é conhecedor de muitas variedades lingüísticas. Por isso, ele pode escolher o melhor jeito de escrever um texto, pensando sempre em seu leitor e no objetivo de sua mensagem.

No caso do trecho acima, ele faz parte de uma **coletânea** (conjunto) de textos chamada "Linguagens". Luis Fernando parece ter o objetivo de mostrar o pedantismo (a "chatice", a "grosseria") de algumas linguagens e de algumas pessoas em determinados contextos.

Mas por que isso acontece? Você já esteve numa situação como essa, criticando alguém por sua fala ou sendo criticado?

Se você reparar bem, perceberá que, no texto, uma das personagens diz que é errado falar "me disseram". Provavelmente, essa personagem esteja baseada naquela noção que vimos sobre o aprendizado da variedade culta padrão: a de que as regras dessa variedade são as únicas certas e, portanto, determinam uma única forma de se falar e escrever corretamente.

A personagem, no entanto, acaba por se fixar em uma regra (a de que o pronome deve vir depois do verbo, "disseram-me"), ignorando que haja outras possibilidades de uso da língua dentro de uma mesma variedade.

Uma pessoa culta (que foi à escola, que conhece a variedade culta padrão) pode perfeitamente escrever ou falar "me disseram" ao invés de "disseram-me" e, mesmo assim, continuar culta. Aliás, é muito comum que nós, brasileiros, falemos assim: "me disseram", "me dá um copo d'água", "me passe os livros".

Logo, podemos dizer que uma variedade lingüística permite a seus falantes diferentes formas (jeitos) de usar a língua sem, com isso, alterar o sentido do que é dito.

Desenvolvendo competências

3

Veja agora o poema Pronominais, de Oswald de Andrade:

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro

ANDRADE, Oswald. *Pau-Brasil*. São Paulo: Secretaria de Estado de Cultura, Porto Alegre: Globo, 1990.

Em sua opinião, o poema acima e o diálogo Papos, de Luis Fernando Veríssimo, têm alguma coisa em comum?

Sobre o que esses textos falam? Que idéias eles defendem?

A ESCRITA E O MUNDO

Você já ouviu falar em línguas ágrafa e gráfica?

As chamadas línguas ágrafas são aquelas que têm uma tradição exclusivamente oral. Ou seja, são apenas faladas, sem registros escritos. No mundo todo, há centenas delas.

Nessas línguas, não há a noção de erros gramaticais ou de uso inadequado de linguagem como nas línguas gráficas.

A noção de **erro** vem da tradição escrita da língua. Com base na observação da língua escrita, principalmente a literária, é que se passou a estabelecer as **normas** (mais conhecidas como **regras**) para uso das formas e das construções, considerando-se errado tudo que não obedecesse a elas. Atualmente, prefere-se observar se o que se usa está **adequado** (como veremos mais adiante).

CURIOSIDADES

Em alguns casos, como na China e na Índia, há também a escrita, mas a importância da tradição oral é tão grande que se sobrepõe a qualquer texto escrito. O juramento oral de uma pessoa, por exemplo, não pode ser contestado. Se ela jurar que pagou uma dívida, sua palavra terá peso de verdade e será considerada como tal. Essa tradição oral é levada tão a sério nesses países que até mesmo os assuntos ligados à justiça e ao governo são comandados por ela.

Diante da explicação acima, fica mais claro perceber a que tradição nossa língua materna pertence?

Certamente os temas que regem nossa vida e sociedade são comandados por uma tradição gráfica. Tudo ao nosso redor tem registro escrito. Você já reparou nisso?

Se você vai ao médico porque está gripado, ele logo lhe dá um papel escrito: a receita do remédio mais adequado. É claro que ainda há remédios caseiros, passados de mãe para filha, oralmente. Mas receita do doutor é escrita.

Na escola, você aprende as normas da escrita, faz trabalhos, copia as lições, escreve textos. No final de tudo isso, recebe seus certificados. Escritos, é lógico.

Podemos afirmar, então, que a tradição de nossa língua portuguesa é gráfica, porque nela impera a palavra escrita, que acompanha os nossos passos cotidianos.

Desenvolvendo competências

4

Língua ágrafa no Brasil?

Será que no Brasil, embora nossa tradição lingüística seja gráfica, há algum lugar mais distante (sem tecnologia, sem recursos, sem escolas, sem pessoas que saibam ler e escrever) em que a língua portuguesa possa ser considerada ágrafa também? Você conhece algum lugar assim, onde tudo (ou quase tudo) seja apenas falado? Escreva um pequeno texto sobre seu conhecimento desse tema.

Pensemos na seguinte situação:

Você é um sitiante e vende 50 cabeças de boi para um frigorífico de sua cidade. Cada cabeça vale duzentos reais. Sendo assim, o valor total da venda é dez mil reais.

O comprador propõe que o pagamento seja feito em 5 prestações de dois mil reais. Você aceita a proposta, mas precisa se certificar de que os pagamentos serão efetuados.

Como você poderia registrar essa venda e a forma de pagamento, a fim de garantir o recebimento de todo o dinheiro? Acreditar apenas na palavra do comprador? Mas como provar que os bois foram entregues, caso o comprador não pague a dívida?

Por conta dessa dúvida e de tantas outras, podemos dizer que a escrita surgiu como uma forma de solução. Pondo por escrito o trato, ambos – você e o comprador – poderiam ter a garantia de que receberiam aquilo que lhes cabe.

De que forma, porém, vocês escreveriam isso? Que variedade lingüística vocês utilizariam? Poderiam escrever como falam?

Vocês teriam que usar uma variedade da língua portuguesa comum a ambos. Quer dizer, teriam que escrever o fato (compra/venda do gado; valor da negociação/condições de pagamento) de uma forma clara, possível de ser lida por ambos e por qualquer pessoa que pegasse esse texto. O ideal é que ele fosse escrito em uma linguagem formal, padrão e, portanto, sem gírias, sem expressões coloquiais ou regionais.

Essa linguagem formal, por ser padrão (modelo conhecido por todas as pessoas alfabetizadas), pode superar as possíveis diversidades (diferenças) entre os receptores de um texto. Ou seja, mesmo que os interlocutores (quem escreve/quem lê) utilizem, no seu dia-a-dia, variedades lingüísticas diferentes da culta padrão, se forem alfabetizados, certamente terão condições de entender a mensagem desse documento.

> *A escrita é uma das várias formas de expressão que as pessoas alfabetizadas podem usar para comunicar algo.*
>
> *Primeiro: numa cultura como a nossa (de tradição gráfica), ela pode ser garantia de direitos e de definição de papéis (o papel de vendedor/o papel de comprador). Segundo: a garantia e a definição de papéis só se concretizarão se a variedade lingüística usada, tanto na fala quanto na escrita, estiver adequada à situação em que é utilizada.*

Desenvolvendo competências

5

Fazendo um contrato

Imagine agora que o texto a seguir seja o contrato que você fez com o comprador de seus bois, para garantir o negócio.

"Senhor comprador: estou vendendo os meus boizinhos com muita dó no coração. Mas fazer o quê? Assim é a vida, não é? Espero que você cuide bem deles; trate-os com carinho e chame-os pelos nomes. Ah! Já ia me esquecendo: tem a Joaninha, o Bartolomeu, a Cristeva, o Juquinha... Mas, vamos aos negócios. Vou esperar o seu pagamento naqueles dias que combinamos. Se precisar de mais uns dias, não tenha vergonha de me falar. Um abraço. O vendedor"

Em sua opinião:

a) A linguagem que o autor utilizou é apropriada para um contrato de compra e venda, pois é formal, objetiva e clara, sem palavras que indiquem afetividade.

b) As informações realmente importantes foram colocadas no texto: os prazos para o pagamento, o valor de cada parcela, como efetuar o pagamento.

c) O nome dos bois e vacas vendidos era uma informação fundamental para a realização do negócio.

d) A linguagem afetiva e informal utilizada nesse texto não é apropriada para um contrato, pois o autor parece estar escrevendo uma carta pessoal para um amigo.

VARIEDADES E CONTEXTOS

Você já deve ter se dado conta de que há variedades lingüísticas também na escrita, ao se deparar, ao longo da vida, com textos diferentes.

Por exemplo, o bilhete que escreveu para sua mãe, dizendo que chegaria mais tarde; o texto do jornal de seu bairro, falando sobre a construção de uma nova escola; a redação que fez para disputar uma vaga num concurso; o contrato de compra/venda dos bois. **Todos são textos diferentes: com finalidades diferentes, escritos em contextos (situações) diferentes e, portanto, com linguagem diferente.**

Observe os trechos da letra da música *Bye, Bye, Brasil*, de Chico Buarque.

(...)

Pintou uma chance legal,
Um lance lá na capital,
Nem tem que ter ginasial,
Meu amor.

(...)

Eu vou dar um pulo em Manaus,
Aqui tá quarenta e dois graus,
O sol nunca mais vai se pôr,
Eu tenho saudade da nossa canção,
Saudades de roça e sertão.

(...)

Eu acho que vou desligar,
As fichas já vão terminar,

(...)

BUARQUE, Chico; MENESCAL, Roberto. *Bye, Bye, Brasil.* [S.I.]: Philips, 1980.

O que você consegue perceber desse texto? Como foi escrito? É possível dizer algo só lendo o texto?

Acreditamos que seja possível, sim. O texto, **escrito para ser cantado**, apresenta uma linguagem coloquial, descontraída: o compositor usa gírias ("pintou" uma chance "legal"/ um "lance" lá na capital). Há intimidade entre os interlocutores (quem fala/quem ouve): na expressão "meu amor" e na frase "eu tenho saudade da nossa canção".

O que ele deseja com isso? Falar para o seu amor como está se sentindo e o que está acontecendo com ele. É como se ele estivesse conversando com esse amor, via telefone. Por isso, sua linguagem pode ser afetiva, sem as preocupações formais da variedade culta padrão da língua. **O contexto da letra de música permite essa descontração.**

Quando há conhecimento das muitas variedades que a língua portuguesa apresenta, é possível optar pela variedade que melhor se encaixe ao contexto. Foi assim com o compositor. Ele, propositadamente, quis representar a comunicação, via telefone, de um sujeito saudoso de casa e de seu amor. O que ele parece ter percebido? Que ao tentar aproximar sua escrita da "fala ao telefone", deu mais realidade ao que queria contar.

Observe agora a situação

Um jovem vai a uma entrevista para uma vaga de balconista em uma loja de roupas masculinas, bastante tradicional em sua cidade. Essa loja costuma atender clientes economicamente abastados (ou seja, com bastante dinheiro) e de meia idade (homens com mais de 50 anos). O gerente pede que ele escreva uma redação dizendo por que deseja o emprego, quais são suas qualidades para o cargo e seus objetivos.

"Tô precisando liberar adrenalina nesse trampo! Dá uma reciclada nas idéias. Tipo assim... Sei lá. Botá um bando de coisas maneras no meu modo de pensar. Aí, cê sabe o lance das influências cabeça? Fala sério. Tô super preparado pro cargo. Cê pode me contratar no sossego que, tipo assim, esse cargo tem tudo a ver comigo. Fala sério!"

O gerente lê o texto e diz que o jovem não serve para o cargo.

O que há de estranho na situação acima?

Se observarmos bem a situação e a linguagem utilizada no texto, poderemos entender qual a falha nessa comunicação. Você percebeu que a loja em questão é uma loja tradicional, que atende um público que tem padrão econômico elevado e que, provavelmente, deve falar de maneira mais formal, próxima a uma variedade culta padrão da língua?

O que esse público e o gerente da loja esperam de um novo funcionário é clareza na fala e formalidade para atendê-los.

Como o jovem se apresentou no texto? "Descolado": quer dizer, falou de uma maneira totalmente coloquial, usando muitas **gírias** (expressões próprias de um grupo específico), o que tornou muito difícil entender o que realmente estava dizendo. Afinal, o que é "botar adrenalina nesse trampo", "lance das influências cabeça"?

Como o jovem deveria ter se expressado nesse contexto? Se você estivesse no lugar dele, escreveria assim?

O problema da situação apresentada não é exatamente escrever certo ou errado, **mas se adequar a um determinado contexto**, considerando o interlocutor (gerente) e a formalidade da situação.

Todo texto tem sua finalidade e seu sentido. Por isso é preciso que o produtor de um texto leve em consideração as necessidades e expectativas de seus leitores, o tipo de texto que irá escrever e o tipo de linguagem mais adequada ao contexto.

Desenvolvendo competências

6

Contexto comunicativo:

Procure agora reescrever o texto "Entrevista de Emprego", levando em conta o contexto da entrevista e as expectativas do gerente da loja.

UM CASO DE PALAVRA

Sabe aquelas oficinas de automóvel, especializadas em reparos de motores, que recebem o nome de "Retífica"? Você já viu, onde mora, esse tipo de oficina?

Retífica vem do verbo **retificar**, que significa corrigir. No caso da oficina de automóveis, é o lugar indicado para corrigir os problemas relacionados ao motor.

Imagine-se, a partir disso, na seguinte situação:

Você tem um carro com problemas. Com muito custo, leva-o até a retífica para ser consertado. No final do dia, volta até lá e recebe um bilhete do mecânico, que já havia saído:

> *Fizemos o conserto do motor. Ratificamos o problema. Por favor, acerte o pagamento no caixa.*
>
> *Valor: R$ 90,00*

O mecânico retificou ou ratificou o erro do seu carro? O que você acha?

Você sabe o que **ratificar** quer dizer? **Ratificar** quer dizer confirmar. Daí a confusão de sentido. Naturalmente, a julgar pelo contexto do bilhete, o mecânico quis dizer que retificou o motor (ele disse que o consertou). Mas empregou mal a palavra **ratificar**, que, por si só, indicaria apenas a confirmação de que o carro tinha um problema.

Na situação acima, o uso inadequado do verbo ratificar não atrapalhou propriamente o entendimento do bilhete, pois havia o contexto para explicitar (tornar claro) o que o mecânico queria dizer.

Essa mesma troca, porém, poderia causar grandes transtornos em outras situações. Imagine, por exemplo, a seguinte notícia de um jornal televisivo:

> EMPRESA RATIFICA AS DEMISSÕES FEITAS NO ÚLTIMO MÊS
>
> *Hoje, depois de muitas horas de negociações com representantes de classes, a empresa "Supercomunicações" ratificou a demissão ocorrida, no último mês, quando 260 trabalhadores foram dispensados. De acordo com a assessoria de imprensa da "Supercomunicações", essa decisão foi tomada a partir de um balanço das contas e dívidas da empresa.*

Se você fosse um desses trabalhadores, como entenderia essa notícia?

Veja que, pelo contexto, os representantes da classe trabalhadora ainda estavam em negociação com a empresa e, portanto, ainda tinham esperança de reaver o emprego. Mas a utilização do verbo **ratificar** derrubou qualquer expectativa boa de negociação. Como não havia mais nada na notícia que pudesse contextualizar mais claramente o uso desse verbo, as demissões, segundo a notícia, foram confirmadas.

Como você ficaria depois disso? Se precisasse do emprego, certamente ficaria desolado, desesperançoso, triste. Vivenciaria, nesse momento, um grande problema: o desemprego.

Pois bem. Só que, no dia seguinte, você recebe uma convocação para voltar a trabalhar, porque, na verdade, o que a empresa fez foi retificar as demissões. Ou seja, ao fazer um balanço de seu caixa, ela voltou atrás em sua decisão, readmitindo os 260 funcionários.

Final feliz para você. Porém, nessa situação, a troca do **fonema** /e/ pelo /a/ causou, mesmo que momentaneamente, transtornos e sofrimentos desnecessários.

Essas confusões são comuns para qualquer pessoa, independentemente de seu grau de escolaridade, porque algumas palavras têm grafias muito próximas. O importante é ter atenção para evitar, ao máximo, o emprego inadequado das palavras. Saber como elas são escritas depende de muita leitura, muita escrita, muito empenho. É no contato com os textos, lidos e escritos, que vamos conhecendo as palavras, sua grafia, e vamos nos apropriando de suas formas.

Desenvolvendo competências

7

Escreva um texto que fale sobre outras situações de uso inadequado da palavra. Podem ser situações vividas por você, por alguém que conheça, ou que você tenha visto na televisão, no jornal.

PARA ALÉM DO QUE É DITO

Se você já esteve em uma biblioteca, logo vai reconhecer essa imagem: um livro aberto numa página qualquer, sendo lido distraidamente por um usuário. Imagine-se como esse usuário, passando os olhos por muitos livros e deparando com o seguinte texto:

No dia em que, vestida como um garoto, ela apareceu na frente de Pedro Bala, o menino começou a rir. Chegou a rolar no chão de tanto rir. Por fim, conseguiu dizer:

– Tu tá gozada...

Ela ficou triste e Pedro Bala parou de rir.

– Não tá direito que vocês me dê de comer todo dia. Agora eu tomo parte no que vocês fizer.

O assombro dele não teve limites.

– Tu quer dizer...

Ela olhava calma, esperando que ele concluísse a frase.

– ...que vai andar com a gente pela rua, batendo coisas...

– Isso mesmo – sua voz estava cheia de resolução.

– Tu endoidou...

– Não sei por quê.

– Tu não tá vendo que tu não pode? Que isso não é coisa pra menina? Isso é coisa pra homem.

– Como se vocês fosse tudo uns homão. É tudo uns menino.

AMADO, Jorge. *Capitães de areia*. São Paulo: Círculo do Livro, [19--]. p. 169.

Qual a primeira coisa que você faria depois dessa leitura descompromissada, solta?

Seria interessante saber o nome do autor, o nome do livro, o ano de sua publicação.

Depois disso, o que você faria? Poderia continuar a ler o texto. Mas nada o impediria de simplesmente pensar sobre o trecho lido.

Por onde você começaria?

Há várias maneiras de se começar a analisar um texto. Nós podemos começar observando o diálogo entre duas personagens: Pedro Bala e "ela", a menina. Eles conversam sobre uma decisão tomada por ela ("tomar parte do que vocês fizer").

Mas, há mais coisas, além dessa decisão da menina, que o texto nos fala?

O que, por exemplo, você pode perceber ? Como as personagens falam? O que essa fala pode sugerir? Onde você acha que eles moram? Como eles parecem viver?

Acreditamos que sejam pouco instruídas, pela maneira como falam ("tu tá gozada"; "uns homão", "uns menino") e pobres, por aquilo que falam: vão para a rua "bater coisas" para conseguirem comida.

Nessa situação, o texto traz as marcas dessa pobreza e desse abandono. O uso de uma variedade lingüística não padrão indica que as personagens estão distantes do ambiente escolar. O que falam também nos confirma essa hipótese: eles estão nas ruas, "batendo" coisas para conseguirem comer e, conseqüentemente, sobreviver.

Não sabemos se esse "bater coisas" quer dizer **furtar** ou **pedir.** De qualquer forma, são "uns menino" lutando pela própria vida, sobrevivendo sem a proteção do adulto, sem a escola, sem a comida da mãe, sem o direito de ser simplesmente "uns menino".

Embora, em nenhum momento, o autor do texto nos fale explicitamente (claramente) quais as condições sociais, econômicas e culturais das personagens, é possível imaginar algumas coisas através do diálogo que mantêm, de seu comportamento, de suas necessidades. Ou seja, é possível identificar características da vida dessas personagens mesmo que elas não nos digam com todas as palavras: "somos pobres, vivemos na rua, não temos pais que cuidem de nós etc".

Pense um pouco mais sobre as **marcas** que um texto pode trazer.

No trecho abaixo, temos uma situação do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos.

Em horas de maluqueira Fabiano desejava imitá-lo: dizia palavras difíceis, truncando tudo, e convencia-se de que melhorava. Tolice. Via-se perfeitamente que um sujeito como ele não tinha nascido para falar certo.

Seu Tomás da Bolandeira falava bem, estragava os olhos em cima de jornais e livros, mas não sabia mandar. Esquisitice um homem remediado ser cortês. Até o povo censurava aquelas maneiras. Mas todos obedeciam a ele. Ah! Quem disse que não obedeciam?

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 3. ed. São Paulo: Martins, 1974.

O que o texto diz? O que podemos apreender de Fabiano; quer dizer, o que podemos saber dele?

Podemos entender que Fabiano, "em horas de maluqueira", desejava imitar seu Tomás da Bandoleira. Mas por quê? Como Fabiano se sente?

Fabiano acredita ser sujeito que não nasceu para falar "certo". Mas seu Tomás, sim. Segundo Fabiano, seu Tomás é homem letrado que "estragava os olhos" nos jornais e nos livros. E, portanto, na visão de Fabiano, fala "certo".

Podemos **subentender** (pressupor) que Fabiano não é homem letrado; quer dizer, homem que foi à escola, que estudou. Essa informação não está no texto, mas é facilmente compreendida.

É o falar certo de seu Tomás que Fabiano deseja imitar? Parece que sim. Mas não é só isso. Ele se surpreende com a capacidade de seu Tomás de ser obedecido sem precisar mandar. Seu Tomás "não sabia mandar".

Na verdade, Fabiano fica num misto de **incredulidade** (atitude de quem não acredita) e admiração em relação à postura de seu Tomás. Como um "homem remediado pode ser cortês"?

"Até o povo censurava aquelas maneiras". Mas, mesmo assim, as pessoas obedeciam a ele.

Dessa incredulidade e admiração de Fabiano também podemos **inferir** (concluir) que a personagem não está acostumada a ver gente, como seu Tomás, ser cortês, educado. Por isso, fica admirado com suas boas maneiras e sua capacidade de, sem precisar mandar, ver as pessoas obedecerem a ele.

O autor do texto não nos explicou claramente isso. Nós é que vamos completando o que ele disse, caracterizando a personagem e dando um sentido maior para a história de Fabiano.

Como se faz isso? O que você acha?

Podemos dizer que se faz conhecendo a língua materna, estudando suas **nuances** (diferenças discretas), suas variedades e, sobretudo, seu uso nos mais variados tipos de textos.

Assim, para além do que o autor nos diz, estão os nossos pressupostos; está a nossa capacidade de olhar para o texto e ver o que nele está implícito; ou seja, as idéias que existem, mas que não são ditas claramente.

UMA ÚLTIMA PALAVRA....

E o que fica para você disso tudo que nós falamos neste capítulo?

A língua materna é assunto que nunca se esgota. Tanto é que poderíamos passar infinitas horas estudando suas matérias, falando suas palavras, lendo e escrevendo seus textos e, mesmo assim, não daríamos conta de tudo que ela pode nos proporcionar na vida.

Porém, estudá-la, observá-la, compará-la continua sendo o melhor caminho para compreendê-la. Por isso, paramos por aqui. Certamente, o que você viu neste capítulo já dá muita margem para pensar a língua e os usos que você faz e fará dela.

Conferindo seu conhecimento

1 *Sugestão de resposta. Sim, pois, como a língua materna apresenta muitas variedades, a produção do programa deveria ter se preocupado em esclarecer que o ingrediente 'macaxeira' pode receber outros nomes, dependendo da região onde o ouvinte se encontra.*

2 *Resposta (d).*

3 *Sugestão de resposta. Sim. Ambos defendem a idéia de que a língua pode apresentar variedades, com estruturas diferentes. Se a gramática do professor, do aluno e da personagem de Veríssimo acreditam ser correta somente a forma "dê-me", o bom negro, o bom branco e a outra personagem de Veríssimo defendem uma outra forma para dizer a mesma coisa ('Me dá'). Subentende-se que os autores reconhecem essa segunda forma também como perfeitamente correta.*

5 *Resposta (d).*

Orientação final

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Identificar, em textos de diferentes gêneros, as variedades lingüísticas sociais, regionais e de registro, e reconhecer as categorias explicativas básicas da área, demonstrando domínio do léxico da língua.
- Reconhecer, em textos de diferentes gêneros, as marcas lingüísticas que singularizam as diferentes variedades e identificar os efeitos de sentido resultantes do uso de determinados recursos expressivos.
- Identificar pressupostos, subentendidos e implícitos presentes em um texto ou associados ao uso de uma variedade lingüística em um contexto específico.
- Analisar, em um texto, os mecanismos lingüísticos utilizados na construção da argumentação.
- Identificar a relação entre preconceitos sociais e usos da língua, construindo, a partir da análise lingüística, uma visão crítica sobre a variação social e regional.

Capítulo IX

TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO: PRESENÇA CONSTANTE EM NOSSAS VIDAS

ENTENDER OS PRINCÍPIOS/ A NATUREZA/ A FUNÇÃO E O IMPACTO DAS TECNOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO E DA INFORMAÇÃO NA SUA VIDA PESSOAL E SOCIAL, NO DESENVOLVIMENTO DO CONHECIMENTO, ASSOCIANDO-OS AOS CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS, ÀS LINGUAGENS QUE LHES DÃO SUPORTE, ÀS DEMAIS TECNOLOGIAS, AOS PROCESSOS DE PRODUÇÃO E AOS PROBLEMAS QUE SE PROPÕEM SOLUCIONAR.

Paulo Marcelo Vieira Pais

Capítulo IX

Tecnologias de comunicação e informação: presença constante em nossas vidas

OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E DE INFORMAÇÃO

O telefone, a televisão, um computador ligado na Internet, o rádio, uma carta enviada pelo correio, livros, revistas, placas de rua, caixas eletrônicos de bancos, jornais, embalagens de produtos. Essas coisas estão presentes na vida de quase todos nós e, apesar de parecerem bem diferentes, elas têm algo em comum. Será que você é capaz de dizer o que aproxima coisas com uma aparência tão diferente entre si?

Um bom modo de descobrir a resposta é pensar na utilidade, na função de cada uma delas. Pense em um telefone. Sua principal função é permitir que você se comunique pela voz com alguém à distância.

E a televisão? Com ela você recebe imagens e sons transmitidos de longe. Vê novelas, fica sabendo de notícias do mundo inteiro, assiste a propagandas de produtos, à propaganda política ou a um jogo de futebol.

Um computador ligado à Internet, a rede mundial de computadores, permite o acesso a milhões de informações contidas em outros computadores ligados a essa rede no mundo inteiro.

No rádio, você ouve músicas, notícias, entrevistas, programas esportivos, a previsão do tempo etc. Mesmo que não se dê conta disso, pois pode estar ouvindo o rádio somente para passar o tempo, você está constantemente entrando em contato com informações. Até a música que você ouve está transmitindo informações pela letra ou pelas diferentes emoções que você pode perceber na melodia.

Observe a embalagem de um produto qualquer. Ela contém várias informações impressas, como o prazo de validade, a composição, quem é o fabricante e como entrar em contato com ele.

Parece que todas essas coisas têm realmente algo em comum: a capacidade de transmitir informações ou de permitir a comunicação com alguém que está distante.

CAIXA ELETRÔNICO

Tudo bem, com um telefone, um rádio, uma televisão, um jornal ou uma revista isso parece claro. E com um caixa eletrônico de um banco? Será que ele também pode ser considerado como um meio de se comunicar, de obter informações? Vamos lembrar o que podemos fazer com ele. A primeira coisa que vem à cabeça, é claro, é sacar dinheiro. Mas quando solicita um saque em um caixa eletrônico, você precisa fornecer informações, como o número de sua conta, sua senha e o valor em dinheiro que quer retirar. O caixa eletrônico, então, se comunica com o computador do banco. Este, por sua vez, verifica se você tem dinheiro suficiente na sua conta. A informação retorna ao caixa eletrônico, autorizando ou não o saque. Desta forma, além de sacar dinheiro, você está se comunicando com o banco. Além do mais, em um caixa eletrônico você pode obter diversas informações, como o saldo de uma conta, por exemplo, ou se comunicar com o banco, solicitando empréstimos

e talões de cheque, entre outras funções. Assim, também podemos considerá-lo um meio de comunicação e de acesso à informação, além do serviço de fornecer dinheiro.

Estamos rodeados de aparelhos, instrumentos e objetos que servem para nos comunicarmos, para armazenar (guardar) e transmitir informações de todos os tipos. Sem esses meios de comunicação e de informação, teríamos de reinventar o nosso modo de viver, nossa economia, ciência, educação, enfim, toda nossa sociedade.

Desenvolvendo competências

1

Nós falamos de alguns objetos ou meios pelos quais você pode obter informação ou se comunicar. Entre eles, o telefone, a televisão, o computador, a Internet, o rádio, a carta, o livro, a revista, o jornal, placas de rua, caixas eletrônicos de banco, embalagens de produtos.

Liste quais desses meios você já utilizou para obter informações ou se comunicar. Será que você é capaz de lembrar outros objetos ou meios de comunicação e informação além dos citados? Faça uma pequena lista.

COMUNICAÇÃO É VIDA

A comunicação faz parte do processo da vida. Quando nascemos, mesmo antes de começarmos a falar, já nos comunicamos com nossos pais. Apenas pelo choro da criança, uma mãe pode identificar quais são suas necessidades, se ela está com sono, fome ou alguma dor. Para cada necessidade, há um choro diferente. Pelas expressões, gestos e sons emitidos pela criança, a mãe sabe se ela está bem ou não.

Podemos nos comunicar com animais, ensiná-los, conhecer suas emoções, saber se estão alegres ou agressivos. Também podemos observar a comunicação entre eles, os sons que emitem, os sinais físicos de que se utilizam para ameaçar ou se proteger, reproduzir, marcar e proteger um território. Até uma planta pode emitir sinais que alcançam outras plantas por meio de elementos químicos que liberam no ar.

O ser humano, contudo, por meio da fala, da linguagem verbal, desenvolveu uma capacidade de comunicação bem mais complexa do que aquela que encontramos no resto da natureza.

COMUNICAÇÃO A DISTÂNCIA

Antes do surgimento da escrita, quase todas as informações eram transmitidas oralmente. O homem passava de um para o outro, geração após geração, por meio da fala, seus conhecimentos, histórias, tradições e costumes. Para se comunicar à distância, o homem criou técnicas que ainda são utilizadas em nossos dias, tais como sinais luminosos com fogo, sinais de fumaça ou sons de tambores. Essas técnicas, contudo, são limitadas em seu alcance, ou seja, na distância que podem atingir, e também na quantidade de informação que podem transmitir. Antes da invenção da escrita, se você quisesse transmitir uma mensagem complexa, como um acordo comercial ou um conjunto de leis, a um local distante, seria obrigado a percorrer longas distâncias ou enviar outra pessoa para transmitir oralmente sua mensagem, precisando confiar na sua capacidade física e de memória ou na desse mensageiro.

Em uma sociedade complexa como a nossa, com muitas leis e regras sociais, um grande conhecimento acumulado, comércio e educação, a necessidade de encontrar formas de armazenar e transmitir informações é muito grande.

A comunicação oral e as técnicas de comunicação mais simples, como sinais de fumaça, por exemplo, não são suficientes para lidar com todas as situações e necessidades do cotidiano; é preciso que se criem meios mais eficientes para registrar e transmitir as informações.

Desenvolvendo competências

2

Vamos supor que você viva em um local onde só exista a comunicação oral – não se conhece a escrita e nenhuma das tecnologias de comunicação modernas – e que você precise enviar uma mensagem para alguém distante. Como você agiria nesta situação? Lembre-se, você não pode escrever uma mensagem, mandar uma carta ou dar um telefonema. Como você faria?

O SURGIMENTO DA ESCRITA

Com o surgimento de sociedades mais complexas, o ser humano começou a criar formas de registrar informações e de se comunicar, sem a necessidade do contato pessoal, da comunicação direta, por via oral, entre a pessoa que está falando e a pessoa que está ouvindo.

A invenção da escrita é um dos maiores marcos da história da humanidade. Com ela, o ser humano se tornou capaz de acumular uma quantidade de informações e conhecimentos milhares de vezes maior do que permitia a transmissão oral. Além disso, o envio de mensagens escritas se tornou um meio muito mais eficiente de comunicação. A carta, ainda hoje, é um dos principais meios de comunicação da humanidade. Os correios, que realizam o serviço de envio da correspondência, são encontrados em todo o mundo.

TÉCNICA E LINGUAGEM

Os sumérios, uma antiga civilização que se desenvolveu há mais de 5000 mil anos, na Mesopotâmia, uma região localizada onde hoje é o Iraque, no Oriente Médio, criaram uma forma de escrita utilizando blocos de argila que eram marcados com o auxílio de pequenos estiletes. Esses blocos eram depois cozidos em fornos, formando placas de cerâmica. Utilizando essa técnica de registro, conhecida como escrita cuneiforme, pois seus traços têm forma de cunha, os vários povos que ocuparam essa região na antigüidade nos deixaram placas com textos como obras literárias e religiosas, fórmulas mágicas, cartas, tratados de astronomia, medicina, códigos de leis, anotações comerciais e outros tipos de texto. Por meio desses textos, podemos conhecer hoje grande parte daquelas culturas, como viviam e os conhecimentos da época.

No antigo Egito, escrevia-se por meio de hieróglifos, uma escrita feita com desenhos, em pedras, monumentos como as pirâmides, em blocos de argila ou em papiros, que eram folhas feitas com a planta do mesmo nome e que eram unidas e guardadas em forma de rolos.

Observe que o surgimento de sistemas de escrita, como a escrita cuneiforme e os hieróglifos, ocorre em conjunto com o desenvolvimento das técnicas de registro, como as marcas de estilete na argila, o entalhe em pedra e em madeira ou a pintura em papiros e tecidos.

A linguagem escrita e as técnicas de comunicação e informação se desenvolveram ao mesmo tempo e não podemos conhecer uma sem a outra.

DIFERENTES LINGUAGENS NAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

A LINGUAGEM E AS PALAVRAS

Quando falamos em linguagem, em geral a primeira coisa que vem à cabeça é a palavra falada ou escrita, a comunicação verbal. Existem, contudo, outras formas de linguagem que não são verbais. Quando nos comunicamos, usamos, além das palavras, gestos, expressões faciais e outros sinais que também transmitem informações e que têm uma linguagem própria. Às vezes, percebemos que alguém quer dizer exatamente o contrário do que diz, apenas pela expressão do rosto. Indo mais além: quando você aprecia uma pintura, uma escultura ou ouve a melodia de uma música, está entrando em contato com linguagens artísticas que podem transmitir idéias, emoções, até mesmo visões de mundo, sem a utilização das palavras. O mesmo acontece com a dança. Ao lermos um jornal, a foto que está ao lado da notícia pode significar mais para nós do que o que está escrito. Sendo assim, uma primeira forma de pensar nas diferentes linguagens é identificá-las como verbais e não-verbais, isto é, se usam palavras ou não.

3

Desenvolvendo competências

Observe estas duas placas de sinalização. Elas transmitem a mesma mensagem, mas uma usa a linguagem verbal e a outra a não-verbal. Identifique-as.

LINGUAGEM E MEIOS

Além de podermos classificar uma linguagem como verbal e não-verbal, podemos considerá-la quanto ao meio pelo qual a recebemos, pelos sentidos que utilizamos para receber a mensagem. Por exemplo, quando você ouve uma música ou escuta a fala de outra pessoa, a mensagem é transmitida por meio do som que chega aos seus ouvidos. Nesse caso, você está usando a sua audição. Quando lê um livro, assiste a um filme, observa uma fotografia ou usa a linguagem de sinais, a mensagem é transmitida por meio de imagens para a sua visão. Podemos, então, classificar uma linguagem como auditiva (sonora) ou visual.

Mas será que essas são as únicas possibilidades? E no caso de um livro em braile? No braile, a leitura é feita passando-se o dedo sobre o texto, escrito por meio de pequenos pontos em relevo, o que permite a leitura por pessoas com deficiência visual. Hoje em dia, é possível encontrar textos em braile nos botões dos elevadores mais modernos, nos cardápios de algumas lanchonetes, além das bibliotecas de livros em braile. Nesse caso, não se usa a visão nem a audição, mas sim o tato. Também podemos apreciar uma escultura ou uma estátua através do nosso tato, fechando os olhos e sentindo a escultura com as mãos.

OUTROS MEIOS

Podemos usar até os cheiros para nos comunicar. Pode parecer estranho à primeira vista, mas, se pensarmos na natureza, veremos que a comunicação por meio de odores é uma das mais importantes. Animais usam constantemente odores para marcar seu território, encontrar os parceiros para a reprodução, identificar membros de um mesmo grupo ou ameaçar outros animais. As formigas possuem um complexo sistema de comunicação por meio de odores químicos.

Nós também usamos odores como forma de comunicação. Conforme a ocasião, podemos usar um perfume com a intenção de atrair ou nos tornarmos agradáveis aos outros. O ser humano possui receptores químicos que sentem os hormônios de outra pessoa e nos fazem ficar atraídos por ela, mesmo sem o percebermos conscientemente. Outro exemplo: as indústrias colocam um odor no gás de cozinha que serve como sinal que nos avisa quando ocorre um vazamento. Em relação às tecnologias de comunicação, já está disponível uma tecnologia que permite a transmissão de odores por meio de equipamentos conectados a computadores via Internet. Se ela terá alguma função prática ainda não podemos dizer. Você é capaz de imaginar alguma?

Em informática, usa-se muito a expressão "multimídia". Esta palavra do inglês significa "multimeios", que utiliza mais de um meio simultaneamente, isto é, ao mesmo tempo. A televisão, por exemplo, é um meio visual e sonoro, você ouve o som e assiste às imagens. Um computador multimídia *nada mais é do que um computador que apresenta imagens e sons.*

AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E AS CARACTERÍSTICAS DE LINGUAGEM

Cada tecnologia de comunicação e informação utiliza linguagens próprias que podem ser caracterizadas, como já vimos, como verbais e não-verbais e, de acordo com o meio, como visual, sonora, tátil ou olfativa. Note que um meio de comunicação como o jornal, que é um meio visual, pode utilizar linguagens verbais e não-verbais simultaneamente, como, por exemplo, ao apresentar textos e fotos. Algumas tecnologias também podem ter características multimeios, como a televisão, que pode transmitir áudio e imagem ao mesmo tempo.

Desenvolvendo competências

4

No quadro abaixo, identifique as características dos meios de comunicação na primeira coluna, marcando um X nas colunas com as características correspondentes.

Lembre-se de que eles podem apresentar mais de uma característica simultaneamente.

	linguagem		meios		
	verbal	não-verbal	visual	sonoro	tátil
rádio					
jornal					
livro em braile					
telefone					
carta					
televisão					

ÁREAS TECNOLÓGICAS

Até aqui, você pôde classificar e compreender os meios de comunicação e informação de acordo com a linguagem utilizada. Nós também podemos classificá-los por suas características materiais, físicas, pelo tipo de tecnologia utilizada. Vamos dividir as tecnologias de comunicação e informação em três áreas ou grupos principais: tecnologias gráficas, eletro-eletrônicas e da informática.

TECNOLOGIAS GRÁFICAS E DE IMPRESSÃO

Mesmo nos lugares mais afastados das grandes cidades, conquistas como o telefone e a televisão estão cada vez mais presentes. Somos colocados em contato com essas tecnologias desde pequenos e, por estarmos acostumados a elas, muitas vezes esquecemos que elas são muito recentes na história da humanidade. Invenções como a fotografia e o telefone têm menos de 200 anos e a televisão chegou ao Brasil há pouco mais de 50 anos. Durante quase cinco mil anos, praticamente, as únicas técnicas de registro de informação e de comunicação foram as que utilizam processos gráficos, ou seja, por meio de imagens ou palavras.

Desenvolvendo competências

5

Olhe à sua volta e veja se você consegue encontrar facilmente algum objeto ou lugar onde há um texto ou imagem gravada ou impressa. Pode ser um livro, um cartaz, uma placa de rua, um folheto de propaganda, a embalagem de algum produto, um jornal ou uma revista. Faça um lista desses objetos, anotando os diferentes materiais usados como suporte para a impressão, como papel, madeira, tecido etc. Classifique-os de acordo com a utilidade de cada um – pensando na finalidade para que eles foram feitos – formando grupos de objetos com a mesma utilidade.

Das técnicas manuais às tecnologias industriais

Durante muito tempo, todas as técnicas de registro gráfico foram artesanais. Você se lembra da escrita cuneiforme, dos antigos sumérios, de que falamos anteriormente? Cada texto era feito à mão, individualmente, e para fazer uma cópia era necessário escrever tudo novamente. O mesmo acontecia na Europa durante a Idade Média. Os textos eram manuscritos, isto é, escritos à mão, em um trabalho artesanal realizado principalmente pelos monges. A técnica consistia em desenhar as palavras com a ponta de uma pena de ave, mergulhada na tinta, utilizando principalmente pergaminhos feitos com peles de animais, guardados em rolos ou com suas folhas unidas na forma que acabou dando origem ao livro.

Digamos que você tenha de copiar à mão, utilizando lápis e papel, um livro, com mais de cem páginas, por exemplo. Pense no tempo que você levará para produzir essa cópia. E se você tiver de fazer inúmeras cópias? Isso exigirá muito tempo e trabalho.

Duas invenções vieram revolucionar os processos de registro, barateando e expandindo enormemente sua produção e permitindo o surgimento das primeiras tecnologias modernas de impressão: o papel e a imprensa.

O papel e as primeiras técnicas de impressão

O papel, surgido há mais de dois mil anos na China, começou a ser usado na Europa durante a Idade Média. Ele pode ser produzido com qualquer fibra vegetal, como a madeira. Com o desenvolvimento de técnicas industriais de produção, tornou-se um material muito barato para a produção de trabalhos gráficos.

Aliada à utilização do papel, a criação de técnicas de impressão veio baratear e acelerar a produção gráfica. Os primeiros processos de impressão, assim como o papel, tiveram sua origem no Oriente. Por volta do século XIV, foram trazidos para a Europa os primeiros blocos de madeira entalhada para impressão. Essa técnica consiste em entalhar blocos de madeira formando o desenho ou texto que se quer imprimir. Depois, passa-se a tinta sobre esse bloco e comprime-se a folha onde fica impresso o desenho, em um processo semelhante ao uso de um carimbo. No Brasil, muitos livros da literatura de cordel ainda são impressos por meio dessa técnica. Na Idade Média, os blocos de madeira entalhada eram usados, principalmente, para imprimir imagens de santos e cartas de baralho.

O surgimento da imprensa

Apesar da existência dessas técnicas, o surgimento da imprensa, que possibilitou a reprodução rápida e ilimitada da escrita ou da palavra, se deu com a criação da imprensa de tipos móveis, atribuída ao alemão Johann Gutenberg, tendo como marco a publicação da primeira bíblia impressa, em 1455.

O tipo móvel é uma peça, em geral feita de metal, com o desenho em relevo de uma letra, um número ou sinal para impressão. Cada letra é montada lado a lado, para formar as palavras e as linhas do texto. Essas linhas são unidas em blocos, formando as páginas. Esses blocos de texto são colocados na prensa e, sobre eles, passa-se a tinta. Em seguida, a folha de papel é prensada contra os blocos de impressão, absorvendo a tinta, em um método que permite fazer um grande número de cópias em pouco tempo. Depois de feita a impressão, os blocos podem ser desmontados e os tipos reaproveitados em outras publicações. Comparada à impressão em blocos de madeira talhada, em que cada página é feita artesanalmente, não podendo ser reaproveitada na impressão de outros textos, a utilização de tipos móveis acelerou o processo de impressão, levando a uma incrível expansão da imprensa em poucos anos – mais de oito milhões de livros foram impressos apenas entre 1450 e 1500.

Outras tecnologias de impressão

A técnica de impressão com tipos móveis, que acabamos de conhecer, chamada tipografia (escrita com tipos), atualmente é apenas uma entre as diversas técnicas existentes, que não param de ser criadas e desenvolvidas. As grandes impressoras industriais produzem milhares de páginas impressas por minuto, com qualidade excepcional. A atual tecnologia criou impressoras para uso com computadores que qualquer pessoa com pouco conhecimento pode usar em casa ou no escritório.

O jornal: primeiro meio de comunicação de massa

Com certeza, você já deve ter lido algum jornal ou revista e não é difícil que haja um ou até mais jornais publicados em cidades da sua região. O jornal é um dos meios de comunicação mais comuns em todos os lugares. Ele é uma publicação periódica, ou seja, que se repete em intervalos regulares de tempo, donde tem origem seu nome: jornal quer dizer a mesma coisa que diário.
Sua característica principal é trazer as notícias do dia-a-dia.

O grande crescimento dos jornais ocorreu com o desenvolvimento das tecnologias de impressão, no começo do século XIX, a partir da criação de impressoras mecânicas, industriais. Com a explosão do número de jornais, do barateamento e do aumento da produção, o jornal se tornou o primeiro grande meio de comunicação de massa, isto é, um meio de comunicação que pode atingir uma grande parcela da população, as grandes massas populacionais existentes nas cidades.

A palavra imprensa, que no começo significava apenas a máquina de impressão, hoje também é usada para designar o conjunto de todas as publicações impressas, como jornais e revistas,

além dos próprios jornalistas e repórteres que se qualificam como sendo da “imprensa escrita” e até mesmo os jornalistas do rádio e da televisão, qualificados como da “imprensa falada”.

TECNOLOGIAS ELETROELETRÔNICAS AUDIOVISUAIS

Como vimos no caso do jornal, o surgimento de novas técnicas, de novas tecnologias de impressão, determinou o surgimento de um novo meio de comunicação e informação. Mas não foi apenas no caso das tecnologias de impressão que isso aconteceu. Graças ao domínio da eletricidade, foram criadas novas tecnologias que revolucionaram a comunicação, permitindo a transmissão de imagens e sons.

O telefone

Em 1876, nos Estados Unidos da América, Alexander Graham Bell apresentou ao mundo uma nova tecnologia que permitia pela primeira vez que a voz fosse transmitida, usando a eletricidade conduzida por um fio elétrico que ligava dois aparelhos distantes entre si. Era o surgimento do telefone, um novo meio de comunicação que transformou completamente o mundo. Hoje em dia, parece impossível viver sem ele. Muitas comunidades distantes sofrem por não ter acesso a um telefone, não podendo se comunicar de forma rápida com outras localidades para pedir auxílio, falar com parentes distantes, ficando sem uma série de outras facilidades que o uso do telefone propicia.

A importância do telefone está ligada às suas características tecnológicas. Veja uma comparação entre algumas características do telefone e de um impresso.

Desenvolvendo competências

6

Telefone	Impresso
Sonoro. Permite a linguagem verbal oral.	*Visual. Permite a linguagem verbal escrita.*
A comunicação é imediata – ela se faz no instante da ligação – e simultânea – você fala e ouve ao mesmo tempo.	*A comunicação não é imediata – você lê após a publicação – e não há a possibilidade do diálogo no instante da leitura.*
A comunicação se dá diretamente entre quem está se comunicando.	*Necessita de meios de transporte. Um jornal ou um livro precisam ser levados fisicamente.*
Permite a comunicação, mas não o registro de informações.	*Permite a comunicação e o registro de informações.*

Com base na comparação do quadro anterior, procure determinar qual seria o melhor meio – escolhendo entre um telefone, um livro ou uma carta - para usar nas seguintes situações:

- *você precisa entrar em contato urgente com alguém distante;*
- *você precisa enviar a uma empresa seu currículo, que é o conjunto de dados sobre o estado civil, o preparo profissional e as atividades anteriores de quem se candidata a um emprego;*
- *você quer narrar uma história e quer que ela possa ser conhecida por muitas pessoas, por longo tempo;*

- *você quer fazer uma reclamação e quer ter a certeza de que ela será recebida;*
- *você quer transmitir para todas as pessoas um conhecimento que adquiriu por meio de estudos;*
- *você quer convidar um amigo ou amiga para sair no mesmo dia.*

O rádio

Você já deve ter ouvido um rádio muitas vezes na sua vida, mas é bem possível que nunca tenha pensado na semelhança entre ele e o telefone. Observando os dois, notamos que ambos têm, como principal característica, a capacidade de transmitir sons à distância. Mas, enquanto o telefone precisa de um fio elétrico ligando os aparelhos, a tecnologia de radiotransmissão permite a transmissão por meio de ondas eletromagnéticas, popularmente chamadas de ondas de rádio, que atravessam o espaço sem precisarem de um fio condutor. Outra característica que diferencia a tecnologia de telefonia da tecnologia de radiotransmissão é que o telefone permite a transmissão simultânea nos dois sentidos da linha. O aparelho de rádio que temos em casa é somente um receptor.

E, no caso dos rádios de comunicação, com os quais você pode falar e ouvir? Se você já usou ou viu alguém usando um desses rádios de comunicação, deve ter percebido que não é possível falar e ouvir ao mesmo tempo. Enquanto está transmitindo, o rádio não tem a capacidade de receber.

Outra característica marcante do rádio é que um número infinito de rádios podem sintonizar uma estação transmissora ao mesmo tempo. Enquanto o telefone permite uma comunicação individual, o rádio permite uma comunicação coletiva.

Por todas essas características, o rádio acabou se tornando um novo meio de comunicação de massa. Ouvir rádio, além proporcionar diversão, é um poderoso meio de transmitir informações a um grande número de pessoas simultaneamente.

Interação entre tecnologias

Muitas tecnologias novas são criadas a partir da união entre diferentes tecnologias. O telefone celular usa as ondas de rádio para realizar a comunicação com antenas que, por sua vez, estão ligadas à rede telefônica. Do lado contrário, as redes de telefone utilizam ondas de rádio para fazer ligações entre locais distantes, como no caso de alguns interurbanos. O aparelho de fac-símile, ou fax, como é mais chamado, usa a rede telefônica para transmitir imagens. Também existem aparelhos de fac-símile que transmitem imagens por meio de ondas de rádio.

Televisão, visão a distância

Ela foi inventada no começo do século XX, mas, somente na segunda metade desse século, ela começou a ser conhecida pela maior parte da humanidade, transformando-se no maior meio de comunicação de massa já visto pelo homem até então. É quase impossível achar um recanto do planeta onde ela não esteja presente.

A televisão usa os mesmos princípios do rádio para sua transmissão, por meio de ondas eletromagnéticas que atravessam o espaço. Contudo, sua característica marcante é a capacidade de transmitir imagens. Ela é uma tecnologia audiovisual. Atualmente, com o auxílio dos satélites, podemos ver “ao vivo”, no momento em que está acontecendo, algo do outro lado do mundo. Se estamos passando pelo processo de globalização, com os meios de comunicação interligando o mundo de forma quase instantânea, grande parte desse processo deve-se a ela.

A tecnologia da televisão é empregada não só na própria televisão como meio de comunicação de massa, mas em diversas outras áreas onde é necessária. Com a criação do vídeo, vários anos depois da invenção da televisão, foi possível fazer o registro das imagens. É claro que o cinema também possibilita a gravação de imagens em movimento, mas o vídeo tem um custo muito menor e maior praticidade, além de permitir a transmissão instantânea, a chamada transmissão "ao vivo".

Desenvolvendo competências

7

As imagens em vídeo são usadas em diversas áreas. Anote em uma folha quais das seguintes formas de uso dessa tecnologia você já observou em sua vida e descreva as situações em que foram observadas:

- *como forma de registro e observação em experimentos científicos;*
- *em sistemas de vigilância em bancos, edifícios etc.;*
- *no controle de trânsito nas cidades;*
- *no jornalismo;*
- *como forma de expressão artística.*

Você também pode anotar outros exemplos de uso que não estejam presentes na lista anterior.

TECNOLOGIA DA INFORMÁTICA

Você já ouviu as expressões "revolução digital" ou "era da informática"? Sabe o que elas significam? Você deve ter percebido que elas se referem aos computadores. Mas por que podemos dizer que vivemos na era da informática, que vivemos uma revolução causada por eles, pela tecnologia digital?

Primeiro, é preciso saber o que é e para que serve um computador. Computar quer dizer fazer contas. Ele foi criado exatamente para isso, para solucionar problemas matemáticos. O computador, em essência, é uma máquina eletrônica que faz cálculos, uma supercalculadora que só é capaz de somar ou subtrair de 1 em 1. Essas máquinas, no entanto, são utilizadas em quase todos os ramos da vida moderna, servindo para as mais diversas finalidades.

Ocorre que o computador é programado para traduzir qualquer dado ou informação em números, usando apenas os dígitos 1 e 0. Como se só existissem essas duas possibilidades, sim ou não, ligado ou desligado, 1 ou 0. Esta é a unidade de informação do computador, o *bit*.

Bit – Do inglês bi(nary)+(dig)it "dígito binário". Unidade de medida de informação, igual à menor quantidade de informação que pode ser transmitida por um sistema.

Quando você digita uma letra qualquer em um computador, esta letra é representada por números, usando somente o dígitos 1 e 0 em diferentes combinações. É por isso que a linguagem do computador é chamada digital.

O que diferencia o computador de uma simples calculadora é a enorme capacidade que ele tem de armazenar e tratar todo tipo de informação no formato digital. Os textos de uma biblioteca inteira podem caber dentro de um único computador. Se, a princípio, ele foi criado para auxiliar na resolução de problemas matemáticos complexos, hoje ele é a principal tecnologia de comunicação e informação do mundo.

A informática é a ciência que visa ao tratamento da informação através do uso de equipamentos e procedimentos da área de processamento de dados.

Estrutura de um computador

Vejamos as principais partes de um computador.

1) Unidades de entrada – é por onde o computador recebe os dados e comandos. Alguns exemplos: o teclado, o mouse, unidade de disco (onde se coloca o disquete), leitor de CD, conexão com outros computadores, modem, microfone etc.

2) Unidade de processamento – é o “cérebro” do computador, é onde são feitos os cálculos.

3) Memória – o computador possui um sistema de memória onde as informações são registradas no formato binário, 0 ou 1, por meio de impulsos eletromagnéticos. Essas informações são usadas durante o processamento de dados. Ela é diferente da capacidade de armazenar dados.

4) Unidades de armazenamento – é onde ficam registradas todas as informações que precisam ser guardadas.

5) Unidades de saída – é por onde o computador transmite os dados. Alguns exemplos: o monitor, caixas de som, disquetes, gravadores de CD, modem etc.

A Internet

A união entre as tecnologias da telefonia e da computação permitiram o surgimento de novas tecnologias de comunicação e informação, como a Internet, a rede mundial de computadores, e o e-mail, o correio eletrônico, um meio totalmente novo de se comunicar e que ocupa espaço cada vez maior na nossa sociedade. Em muitas cidades, já existem centros de computação comunitários ou bares que oferecem acesso à Internet.

Mas o que é a Internet? A resposta que sempre ouvimos é que ela é uma rede mundial de computadores. Mas o que é uma rede de computadores? Cria-se uma rede de computadores quando eles são conectados entre si, permitindo a comunicação direta entre um computador e outro. No caso da Internet, usa-se o sistema telefônico para conectar computadores do mundo inteiro, formando uma rede mundial. Para isso, foi criado um aparelho chamado *modem*, o qual transforma as informações do computador em sinais elétricos que podem ser transmitidos pela linha telefônica. Quando se conecta à Internet, você pode se comunicar com qualquer outro computador que também esteja ligado à rede, em qualquer lugar do mundo.

A primeira comunicação entre dois computadores usando um modem e uma linha telefônica foi realizada em 1969. A ARPANET foi a primeira rede criada ligando universidades dos Estados Unidos. Já a Internet, na sua criação, foi um projeto dos militares norte-americanos que tinham como objetivo manter um sistema de comunicação em caso de uma guerra nuclear. O que eles talvez não tenham previsto foi o crescimento da rede e a possibilidade de seus atuais inimigos também utilizarem esta rede.

Serviços da Internet

Apesar de muitas pessoas acharem que *Web* e Internet são sinônimos, a *Web*, onde estão as páginas ou *sites* de que tanto ouvimos falar, é apenas uma das áreas da Internet. Além da *Web*, a Internet possui muitos outros serviços, tais como:

• correio eletrônico, o famoso *e-mail*, que permite enviar mensagens para o endereço eletrônico de uma pessoa. Essas mensagens ficam armazenadas no computador de destino onde podem ser lidas ou impressas;

• bate-papo, o *chat*. Com ele você pode conversar (digitando no teclado e lendo na tela do computador) com uma pessoa em outro computador;

• grupos de notícias ou discussão, os *newsgroups*. Eles permitem que sejam enviadas mensagens para um grupo de pessoas que têm algum assunto ou interesse em comum;

• Protocolo para Transferência de Arquivos, o *FTP – File Transfer Protocol*. Permite que você receba (*download*) e envie (*upload*) arquivos digitais pela Internet;

• a *Web – World Wide Web* (www)

A *Web*, junto com o *e-mail*, é responsável pela popularidade da Internet. Se a Internet já tem mais de 30 anos, a *Web* é bem mais recente, ainda não completou dez. Antes da *Web*, a Internet só utilizava textos e, apesar de já ser importantíssima para as universidades e para os governos, era desconhecida do público. Com a *Web*, tornou-se possível transmitir pela Internet documentos contendo textos e imagens que são visualizados na tela do computador, além de sons. Cada documento que você visualiza é uma página da *Web*. Outra característica é o uso do hipertexto. O hipertexto é um documento que pode incluir ligações para outras partes desse ou para outros documentos. Essas ligações são partes do texto ou imagem que você pode clicar chamados de *hiperlinks* ou simplesmente *links*. Quando você clica em um *link*, um novo documento é trazido até seu computador. Clicando de *link* em *link*, você pode saltar de página em página. É o que chamamos de navegar na Internet.

O *site* (sítio, lugar) é um lugar virtual, um endereço na Internet onde você encontra páginas Web de uma mesma pessoa ou instituição. Existem endereços de milhares de empresas, organizações não governamentais, governos, universidades e pessoas interessadas em publicar informações. Por permitir que qualquer pessoa possa ocupar seu espaço no mundo virtual e acessar milhares de informações de todo mundo, a Internet é considerada um dos meios de comunicação mais democráticos do mundo. Para quem tem acesso a um computador, é claro, o que ainda não é uma realidade para a maioria da população de baixa renda.

Comunicação democrática

O uso de tecnologias digitais de comunicação e informação tem crescido tanto e se tornado tão importante, que se pode considerar a falta de acesso a computadores e à Internet como um fator de exclusão social. Já existe uma expressão cada vez mais usada para referir-se a pessoas que não têm acesso ou não sabem usar um computador: são os “analfabetos digitais”. Parece exagero, mas uma das coisas que determinam a importância dessas tecnologias é a possibilidade quase instantânea de acesso e troca de informações em nível mundial, e o acesso e o controle das informações são uma das principais formas de dominação e de poder.

Desenvolvendo competências

8

A Internet e você.

Você já usou ou usa a Internet? Se usa, procure recordar de que forma ela é mais utilizada. Visitando sites, fazendo compras, pagando contas, usando o e-mail ou como diversão?

Observe se, na região onde você reside, há a possibilidade de acesso fácil a essas tecnologias.

Mesmo sem ter acesso a elas, você acha que elas influenciam sua vida? Como?

UM MUNDO DOMINADO PELA COMUNICAÇÃO

Você já parou para pensar como a comunicação e a oportunidade de acesso à informação têm importância fundamental em todos os aspectos da vida moderna?

Imagine que você trabalha numa empresa ou tem um negócio próprio e deseja que esse negócio ou empresa cresça. Como você poderia conseguir esse crescimento? Bem, você poderia procurar novas oportunidades de negócios, melhores preços para compra e venda, novos métodos de produção e de gerenciamento, enfim, vários modos de melhorar e desenvolver sua empresa. Muito bem, mas de que forma você poderia descobrir os melhores preços, lugares onde você pode comercializar seus produtos, novos métodos de produção? São informações que você precisa conseguir de alguma maneira. Para isso existem dezenas de tecnologias de informação e de comunicação que permitem que tenhamos acesso às informações de que precisamos. Para cuidar de uma empresa, é fundamental saber utilizar essas tecnologias. Uma informação incorreta pode levar uma empresa à falência. A comunicação com clientes, fornecedores, concorrentes, instituições bancárias, funcionários, enfim, com todo o mercado é um dos aspectos fundamentais de qualquer negócio.

Além disso, como funcionário de uma empresa, sabendo utilizar as tecnologias de comunicação e informação, você pode ter um melhor desempenho no trabalho, tendo melhores chances de manter ou conseguir promoções nesse emprego. Você também pode conhecer melhor seus direitos e deveres como trabalhador e defendê-los, entre diversas outras vantagens que o acesso à informação adequada possibilita.

Agora imagine que você é um trabalhador rural, com uma pequena propriedade para sustendo próprio. A possibilidade de comunicação e acesso à informação pode significar a diferença entre a miséria e a prosperidade. Obtendo informações sobre a previsão do tempo que é feita por institutos meteorológicos, você pode escolher a melhor época para realizar o plantio, evitando assim a perda da colheita por problemas com o clima. Com informações de técnicas agrícolas, você pode aumentar sua produção, utilizando melhores técnicas de plantio e irrigação ou combatendo pragas. Através da informação, você pode encontrar financiamentos para sua lavoura.

Em qualquer aspecto da nossa vida, utilizamos tecnologias de comunicação e informação praticamente todos os dias. Conhecer e saber utilizar essas ferramentas é fundamental para nossa vida. Com um maior acesso à informação podemos tomar decisões mais conscientes, sabendo fazer escolhas mais adequadas para nossa vida pessoal, profissional, isto é, no trabalho, na nossa vida social, política, exercendo nossos direitos de cidadão, nos desenvolvendo e crescendo como indivíduos, tomando nossas decisões e definindo os rumos do presente e futuro de nossas vidas, da sociedade em que vivemos, enfim, de um mundo que se encontra quase que totalmente interligado por meio dessas tecnologias de comunicação e informação.

Orientação final

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Reconhecer a função e o impacto social das diferentes tecnologias de comunicação e informação.
- Identificar, pela análise de suas linguagens, as tecnologias de comunicação e informação.
- Associar as tecnologias de comunicação e de informação aos conhecimentos científicos, aos processos de produção e aos problemas sociais.
- Relacionar as tecnologias de comunicação e informação ao desenvolvimento das sociedades e ao conhecimento que elas produzem.
- Reconhecer o poder das tecnologias de comunicação como formas de aproximação entre pessoas/ povos, organização e diferenciação social.